



**POLÍTICA EDUCACIONAL DE FORMAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: O processo de
implementação do PROEJA no IFPI *Campus* Picos
entre os anos de 2007 e 2017**

FERNANDA PEREIRA DA SILVA

SÃO PAULO

2018

FERNANDA PEREIRA DA SILVA

**POLÍTICA EDUCACIONAL DE FORMAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: O processo de
implementação do PROEJA no IFPI *Campus* Picos
entre os anos de 2007 e 2017**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho.

São Paulo

2018

Silva, Fernanda Pereira da.

Política educacional de formação de jovens e adultos: o processo de implementação do PROEJA no IFPI campus Picos entre os anos de 2007 e 2017. / Fernanda Pereira da Silva. 2018.

161 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

Orientador (a): Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho.

1. EJA 2. Integração curricular. 3. Política educacional. 4. PROEJA.

I. Carvalho, Celso do Prado Ferraz de. II. Título

FERNANDA PEREIRA DA SILVA

**POLÍTICA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O processo de
implementação do PROEJA no IFPI *Campus* Picos entre os anos de 2007 e
2017**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Nove de Julho – UNINOVE para a
obtenção do título de Mestre em Educação, pela
banca examinadora formada por,

Orientador: Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho – UNINOVE

Examinador I: Prof. Dr. José Eduardo de Oliveira Santos - UNINOVE

Examinador II: Prof.^a Dr. Carlos Antônio Giovinazzo Júnior – PUC/SP

Mestranda: Fernanda Pereira da Silva

Aprovado(a) em: ____/____/____.

Aos meus pais, que sempre acreditaram
nos meus sonhos e fizeram o possível para
que eu pudesse realiza-los.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por nunca ter me faltado saúde e fé na caminhada.

Aos meus pais, Cecília e Cícero, por sempre acreditarem em mim, até mesmo quando nem eu acreditava, e por me ensinarem desde sempre o valor da educação.

Ao meu esposo Henrique e minha filha do coração, Amanda, por entenderem a minha ausência, apoiarem às minhas escolhas e estarem sempre ao meu lado.

Ao meu orientador, prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho, pela paciência e sobretudo por me deixar seguir os caminhos que acreditei para o trabalho.

Aos membros da banca de qualificação, prof. Dr. José Eduardo de Oliveira Santos e Prof. Dr. Carlos Antônio Giovinazzo Júnior, pelas relevantes contribuições dadas para a construção deste trabalho.

Aos gestores e professores do IFPI *Campus* Picos que colaboram com a pesquisa compartilhando suas experiências.

Às amigas do IFPI *Campus* Paulistana, parceiras de trabalho e da vida, por toda a colaboração e escuta as minhas inquietações e angústias.

Aos amigos e amigas da turma da turma do mestrado, com quem dividi aprendizados e momentos de alegria que tornaram mais leve o percurso.

Ao IFPI e a UNINOVE pela oportunidade oferecida através do Minter que abriu novos caminhos e oportunidades para minha formação.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuírem para a realização deste trabalho, registro minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), e sua implementação no IFPI, *campus* Picos. O PROEJA constitui uma política educacional direcionada ao atendimento de jovens e adultos. Por meio da proposta do currículo integrado, articula Educação Básica, Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, na perspectiva de ampliar a escolarização. O objetivo foi compreender, a partir da percepção de gestores e professores, o contexto e as dificuldades encontradas no processo de implementação do Programa, entre os anos de 2007 e 2017. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou diferentes procedimentos metodológicos, como revisão bibliográfica de autores que fundamentam o debate sobre EJA, currículo integrado e Educação Profissional; leitura e análise de documentos e da legislação que orienta o PROEJA; entrevistas semiestruturadas com gestores e professores, sistematizadas a partir da Análise de Conteúdo. Os dados encontrados permitem inferir dificuldades no processo de implementação do PROEJA em aspectos como a formação dos profissionais, a compreensão das especificidades dos alunos, bem como no que se refere à efetivação do currículo integrado e inserção dos alunos na instituição. Desse modo, embora o IFPI *Campus* Picos venha garantindo a oferta do PROEJA médio desde o ano de 2007 e a presença do Programa no *campus* seja vista de forma positiva pelos gestores e professores, muitos aspectos da sua efetivação apresentam fragilidades e necessitam de reorientação para que seja possível seu cumprimento.

Palavras-chave: Educação Profissional. EJA. Integração Curricular. Política Educacional. PROEJA.

ABSTRACT

This research has as object of study the National Program of Integration of the Professional Education with the Basic Education, in the Mode of Education of Young and Adults (PROEJA), and its implementation in the IFPI, *campus* Picos. The PROEJA constitutes an educational policy directed to the care of young people and adults. Through the proposal of the integrated curriculum, it articulates Basic Education, Professional Education and Education of Youths and Adults, in the perspective of expanding schooling. The objective was to understand, from the perception of managers and teachers, the context and difficulties encountered in the implementation process of the Program between 2007 and 2017. The research, with a qualitative approach, used different methodological procedures, such as bibliographic review of authors that base the debate on EJA, integrated curriculum and Professional Education; reading and analysis of documents and legislation that guides PROEJA; semi-structured interviews with managers and teachers, systematized based on Content Analysis. The data found allow us to infer difficulties in the process of implementing PROEJA in aspects such as a training of professionals, an understanding of the specificities of the students, as well as the knowledge of the effectiveness of the integrated curriculum and the insertion of students in the institution. Thus, although the IFPI, *Campus* Picos has been guaranteeing the offer PROEJA since the year 2007 and the presence of the Program on campus is seen positively by the managers and teachers, many aspects of its effectiveness are fragile and need reorientation so that possible.

Keywords: Professional Education. EJA. Curriculum Integration. Educational politics. PROEJA.

RESUMEN

Esta pesquisa tiene como objeto de estudio el Programa Nacional de Integración de la Educación Profesional con la Educación Básica, en la modalidad de Educación de Jóvenes y Mayores (PROEJA) y su implementación en el IFPI, *campus* Picos. El PROEJA constituye una política educacional direccionada al atendimento de jóvenes y mayores. Por medio de la propuesta del currículo integrado, articula Educación Básica, Educación Profesional y Educación de Jóvenes y Mayores, en la perspectiva de ampliar la escolarización. El objetivo fue comprender, a partir de la percepción de gestores y profesores, el contexto y las dificultades halladas en el proceso de implementación del Programa entre los años de 2007 y 2017. La pesquisa, de abordaje cualitativa, utilizó distintos procedimientos metodológicos, como revisión de bibliográficas de autores que fundamentan el debate EJA, currículo integrado y Educación Profesional; lectura y análisis de documentos y de la legislación que orienta el PROEJA, encuestas semiestructuradas con gestores y profesores, sistematizadas a partir de la Análisis de Contenido. Los datos hallados permiten inferir dificultades en el proceso de implementación del PROEJA en aspectos como la formación de los profesionales, la comprensión de las especificidades de los alumnos bien como en lo que se refiere a la efectucción de currículo integrado e inserción de los alumnos en la institución. De ese modo, aunque, el IFPI *campus* Picos venga garantizando la oferta del PROEJA mediano desde el año 2007 y la presencia del Programa en el *campus* sea vista positiva por los gestores y profesores, muchos aspectos de su efectucción presentan fragilidades y necesitan de reorientación para que sea posible su cumplimiento.

Palabras Llave: Educación Profesional. EJA. Integración Curricular. Política Educacional. PROEJA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Distribuição das unidades do IFPI.....	34
Quadro 1 Categorias e unidades de análise	59
Figura 2 Previsão de oferta de cursos no <i>campus</i> Picos	86
Quadro 2 Efetivação da oferta de cursos PROEJA médio no IFPI <i>campus</i> Picos....	86

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

- CEAA** - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
- CEFET** - Centro Federal de Educação profissional e Tecnológica
- CNBB** - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CNER** - Campanha nacional de Educação Rural
- CPC** - Centros Populares de Cultura
- EJA** - Educação de Jovens e Adultos
- EP** - Educação Profissional
- FUNDEF** - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFPI** - Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Piauí
- LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEB** - Movimento de Educação de Base
- MEC** - Ministério da Educação
- MNCA** - Mobilização Nacional contra o. Analfabetismo
- MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PDI** - Plano de Desenvolvimento Institucional
- PNAD** - Pesquisa nacional Por Amostra de Domicílios
- PNE** - Plano Nacional de Educação
- PPC** - Projeto Pedagógico de Curso
- PPC** - Projeto Pedagógico de Curso
- PROEJA** - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
- PROJOVEM** - Programa Nacional de Inclusão de Jovens
- SETEC** – Secretaria de Educação profissional e Tecnológica
- UNE** - União Nacional dos Estudantes
- UNED** - Unidade Descentralizada de Ensino
- UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS IMPLANTADAS NO BRASIL	17
2.1 A Educação de adultos da Primeira República até a década de 1980	17
2.2 O Percurso da EJA no Brasil a partir da década de 1990	24
3 O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ E O CONTEXTO DE SURGIMENTO DO PROEJA	29
3.1 Trajetória histórica do IFPI	29
3.2 O contexto de surgimento do PROEJA	34
4 O PROEJA.....	44
4.1 Fundamentos, princípios e concepções do PROEJA Médio	44
4.2 Currículo integrado no PROEJA	51
5 O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROEJA NO IFPI-CAMPUS PICOS NA PERCEPÇÃO DE GESTORES E PROFESSORES	57
5.1 Percurso metodológico	57
5.2 Descrição do IFPI <i>Campus Picos</i>	61
5.3 A implementação do PROEJA.....	62
5.3.1 Implantação: percursos iniciais no contexto do IFPI <i>campus Picos</i>	63
5.3.2 A Inserção dos professores no PROEJA	67
5.3.3 A formação dos profissionais	70
5.4 A materialização do PROEJA e suas configurações na prática.....	75
5.4.1 A inserção dos alunos do PROEJA no <i>Campus Picos</i>	75
5.4.2 Trabalho docente e percepção da formação integral.....	78
5.5 A avaliação do PROEJA pelos gestores e professores	84
5.5.1 Desafios e perspectivas para a consolidação do PROEJA no <i>campus Picos</i>	85
5.5.2 O PROEJA como oportunidade	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICES	100
APÊNDICE A: Roteiro geral das entrevistas	100

APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	102
APENDICE C: Transcrição das entrevistas	103

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o processo de implementação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), *Campus Picos*, a partir da percepção de gestores e professores.

O PROEJA foi criado pelo governo federal em 2005, no contexto da instituição do Decreto 5.154/04, que retomou a perspectiva de oferta de cursos de Ensino Médio integrados à formação profissional que haviam sido extintos por meio do Decreto 2.208/97. Dessa forma, a proposta do PROEJA é romper com a dualidade entre formação técnica e formação geral através do currículo integrado na perspectiva de formação integral.

O Programa surge, então, com o intuito de garantir o aumento da escolarização de uma parcela significativa da população brasileira que teve sua trajetória escolar descontinuada e figura no cenário educacional atual como uma proposta inovadora que busca integrar Educação Básica, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, com Educação profissional através do currículo integrado e da oferta de cursos pela Rede Federal de Educação, conferindo ao Programa a expectativa de agregar qualidade à educação direcionada aos jovens e adultos. Moll (2010, p.132), reforça o caráter inovador do PROEJA ao considerá-lo como: “[...] marco para a construção de uma política pública de aproximação entre escolarização e profissionalização e de ampliação do acesso e da permanência de jovens e adultos na educação Básica”.

O PROEJA tem como fundamento principal a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, visando contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional dos jovens e adultos atendidos pelo Programa, compreendendo esses elementos como exigências necessárias para o efetivo exercício da cidadania. Tais pretensões impõem ao Programa muitas implicações no que se refere à sua materialização, o próprio Documento Base, orientador da sua organização, compreende o desafio para que suas proposições se efetivem:

O PROEJA é, pois, uma proposta constituída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social [...] (BRASIL, 2007, p 06).

Os desafios impostos ao PROEJA possibilitam muitos questionamentos e reflexões. O Programa abrange campos específicos e complexos do contexto educacional brasileiro, que são a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional, que carecem de atenção e direcionamentos que contemplem às suas particularidades. Por outro lado, insere a EJA em um novo contexto com intenção de garantir sua efetividade.

Consideramos a inserção da EJA na da Rede Federal de Educação um passo importante no direcionamento de políticas mais efetivas para o atendimento a jovens e adultos, visto que essas instituições, embora públicas, apresentam tradicionalmente processos seletivos excludentes que limitam o acesso ao público atendido pela EJA. No entanto, se faz necessário analisar e compreender como o PROEJA tem sido vivenciado nessas instituições, que caminhos e ações o Programa vem conseguindo delinear e como as suas proposições vem sendo efetivadas.

O Documento base do PROEJA enfatiza que o Programa opera, prioritariamente, na perspectiva de um projeto político-pedagógico integrado. Assim, embora seja possível a oferta de cursos na forma concomitante, o esforço maior deve se concentrar na modalidade integrada, ou seja, no currículo integrado (BRASIL, 2007). Desse modo, o Programa abrange duas modalidades de cursos. A formação inicial e continuada de trabalhadores e a educação profissional técnica de nível médio. Destacamos que este trabalho analisa o PROEJA na sua forma integrada ao Ensino Médio.

A escolha do objeto de estudo se deu a partir das experiências vivenciadas ao longo dos últimos dez anos, como professora de turmas de EJA na rede estadual de Pernambuco e também como Técnica em Assuntos Educacionais no IFPI. A análise das teorias e da legislação referentes a essa política educacional me motivaram a compreender melhor a proposta do PROEJA e sua intenção de configurar-se como uma nova possibilidade para Educação de Jovens e Adultos, sobretudo no intuito de

superar o atendimento compensatório e descontinuado das políticas públicas direcionadas a esse público.

Com base nas discussões que desenvolvemos, nossa questão de pesquisa busca compreender, a partir da perspectiva de gestores e professores, como tem sido o processo de implementação do PROEJA no IFPI *Campus* Picos. O objetivo do trabalho é analisar o contexto e as dificuldades no processo de implementação do PROEJA. Temos ainda, como objetivos específicos: Identificar as estratégias utilizadas pela gestão no processo de implementação do Programa; Analisar a participação dos gestores e professores nesse processo e suas percepções acerca dessa política; Compreender como essa política vem sendo materializada no *campus* Picos.

O local da pesquisa é o *campus* do Instituto Federal do Piauí, localizado na cidade de Picos, que oferece três cursos na modalidade PROEJA. A escolha do local para realização do trabalho se deu pela necessidade de compreender a implementação do PROEJA em um *campus* do interior, bem como pela trajetória histórica do PROEJA no *campus*, uma vez que essa política se faz presente neste contexto desde o início de suas atividades no ano de 2007 apresentando, portanto, elementos que possibilitaram uma análise e compreensão significativa da experiência do PROEJA neste cenário.

A pesquisa trabalha com duas fontes de dados principais: os documentos e legislações que serviram de base para a construção do PROEJA e um conjunto de entrevistas semiestruturadas realizadas com gestores e professores que atuam no IFPI *campus* Picos e tem participado do processo de implementação do Programa. Além disso, também problematizamos a temática através da construção de um referencial teórico que se fundamenta, principalmente, nas discussões sobre Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e relação trabalho e educação.

Para fins de exposição, este texto está organizado da seguinte forma. No primeiro capítulo, trazemos uma breve contextualização das políticas educacionais direcionadas à EJA. Neste capítulo, abordamos a Educação de Jovens e Adultos da Primeira República até os dias atuais, analisando os avanços e recuos vivenciados no contexto educacional brasileiro. O referencial teórico que serviu de base para as discussões deriva dos debates acerca da história da educação nacional, sobretudo

com foco na trajetória da EJA, a partir das considerações de Arroyo (2005), Di Pierro (2001), Paiva (2015), Romanelli (2014), Ferreira (2010) e Lampert (2011).

O segundo capítulo apresenta a trajetória histórica do IFPI contextualizada com a história da educação profissional no Brasil. Neste capítulo, também descrevemos o contexto de surgimento do PROEJA. As discussões apresentadas fundamentaram-se, principalmente, nas concepções de Ramos (2010, 2014), Caires e Oliveira (2016), Moura e Henrique (2012), Moura (2006), Moll (2010) e Frigotto; Ciavatta e Ramos (2005), além da legislação e documentos institucionais orientadores.

O terceiro capítulo, apresenta e discute o PROEJA enquanto política educacional, suas características, fundamentos e princípios que sustentam sua proposta de currículo integrado para a EJA. Na perspectiva de compreender melhor o Programa, utilizamos como aporte teórico, sobretudo, as definições do Documento Base do PROEJA integrado ao Médio, publicado em 2007, e ainda as concepções de Frigotto (2005), Ciavatta (2005), Rummert (2007), Kuenzer (1991, 2007) e Ramos (2010).

O quarto e último capítulo contempla as discussões construídas a partir das falas dos gestores e professores do PROEJA no *campus* Picos. Este capítulo foi organizado em cinco seções. A primeira apresenta o percurso metodológico de construção da análise dos dados e das categorias. Na segunda seção, temos uma breve descrição do Lócus da pesquisa, o *campus* Picos. A terceira seção contempla a implementação do PROEJA, apresentando seus percursos iniciais, a inserção dos professores e a problemática da formação dos profissionais. Na quarta seção, discutimos as configurações práticas do PROEJA, a sua materialização e refletimos sobre a inserção dos alunos do PROEJA, o trabalho docente e a percepção da formação integral. Na quinta e última seção deste capítulo, apresentamos uma avaliação do PROEJA no *campus* Picos através da fala dos gestores e professores, aqui destacamos os desafios e perspectivas para a consolidação do PROEJA no *campus* e a percepção geral sobre o Programa. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho e enumeramos as referências que subsidiaram o estudo.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS IMPLANTADAS NO BRASIL

2.1 A Educação de adultos da Primeira República até a década de 1980

A história da educação no Brasil é constituída a partir de inúmeros desdobramentos e ações caracterizados por contradições e dilemas que se fundamentam, em grande parte, nas dinâmicas históricas vivenciadas pela sociedade brasileira. Nesse sentido, tratar da Educação de Jovens e Adultos é também perpassar por muitos desses dilemas educacionais que se afirmaram e se reproduziram ao longo do tempo.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino destinada àqueles que não tiveram acesso à educação na idade certa, é um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988 no seu artigo 207, bem como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394 de 1996, que prevê a sua oferta regular de forma a atender as características e modalidades adequadas às suas necessidades.

No entanto, ao longo da história do Brasil, nem sempre o atendimento a esse público foi garantido pelas políticas governamentais. O que se verifica é que houve grande negligência no campo educacional para o público da EJA, com políticas focalizadas de caráter compensatório, que não visavam contemplar as características específicas dos alunos dessa modalidade de ensino e, quase sempre, voltadas a atender interesses políticos e econômicos.

Nesse sentido, Arroyo (2005) afirma que o lugar reservado à EJA é condicionado pelos lugares sociais reservados aos sujeitos que são contemplados nessa modalidade de ensino, lugares esses que são marginais. Isso vai ser fundamentado ao analisarmos as ações e direcionamentos dados à EJA ao longo da história da educação nacional, um lugar de exclusão e atendimento precário.

A trajetória da EJA no Brasil apresenta um percurso de muitos desafios que se justifica, principalmente, pelo pouco interesse do poder público em ofertar educação para toda a população. Na maior parte do itinerário da história da educação no Brasil, o acesso à escola foi privilégio de poucos, dado que somente as classes sociais abastadas possuíam o privilégio de ter acesso ao atendimento educacional, sendo a

maioria da população excluída desse contexto. Enfatiza Di Pierro *et al* (2001, p. 58) que:

A educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar. Além disso, mesmo quando se focalizam os processos de escolarização de jovens e adultos, o cânone da escola regular, com seus tempos e espaços rigidamente delimitados, imediatamente se apresenta como problemático.

Todas essas particularidades colocaram a EJA à margem da educação nacional. Os espaços escolares nunca estiveram preparados para atender aos alunos jovens e adultos, com suas trajetórias escolares descontinuadas e suas necessidades que não se ajustam aos padrões delimitados pela escola regular.

Desse modo, até a Primeira República, não havia no Brasil programas ou projetos que se voltassem para o atendimento mais sistemático das demandas da Educação de Adultos. Nesse período, a população brasileira era composta por um grande contingente de analfabetos em idade adulta, o que correspondia a mais da metade da população, em situação de exclusão, e que não era percebida pelo poder público.

As primeiras iniciativas que buscaram contemplar a educação de adultos foram implantadas a partir de 1910 com as chamadas “ligas contra o analfabetismo”. Essas ligas, de acordo com Ferreira (2010), foram fundadas por membros da sociedade como intelectuais, médicos e industriais, e propagavam valores de patriotismo, moralismo e civismo. Seu objetivo era acabar com o analfabetismo, que se fazia tão presente entre a população da época.

As ligas contra o analfabetismo, no entanto, não representaram uma iniciativa sistematizada pelos governos para promover o fim do analfabetismo; antes configuravam uma ação de um grupo específico da sociedade que se voltava para os problemas sociais do analfabetismo e buscava a sua superação.

Os séculos XIX e XX assinalam muitas mudanças no contexto político, econômico e social, ocasionadas pelo processo de industrialização e pelas consequências dos grandes conflitos mundiais. A educação também recebe influência dessas transformações, voltando-se para uma perspectiva mais democrática de atendimento. Nesse sentido, Paiva (2015, p. 99), afirma que, “após a Primeira Guerra

Mundial, a mobilização em favor da educação popular engloba a educação de adultos, que se beneficia levemente”. Nesse contexto, embora a perspectiva fosse de ampliação de direitos e fortalecimento da democracia, no campo educacional essas mudanças ainda não se manifestavam de forma mais intensa, mas representavam os primeiros passos na construção de um acesso educacional mais amplo.

A década de 1930 no Brasil caracterizou-se pela consolidação da hegemonia dos latifundiários do café e também pela ascensão da burguesia industrial. Essa nova configuração econômica e política modificou também os anseios sociais, fazendo com que a educação passasse a ter outras exigências direcionadas ao atendimento da necessidade de qualificação e diversificação da força de trabalho (VENTURA, 2001).

Di Pierro *et al.* (2001) afirma que a Constituição de 1934 já fazia menção à Educação de Adultos, mas é somente a partir de 1940 que ocorre a implantação de iniciativas mais concretas de atendimento a essa parcela da população que, até então, era excluída do ambiente educacional. Nesse cenário, ganha destaque a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos de 1947.

A década de 1940, marcada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, representou a concretização dos primeiros programas de governo voltados para a educação de adultos, num contexto em que a educação das massas passa a ser percebida como um instrumento de construção da democracia (PAIVA, 2015).

No Brasil, nesse período, observa-se um aumento da população e a consequente ampliação do processo de urbanização, justificado pela ampliação das indústrias. Tais características, de acordo com Romanelli (2014), são fatores importantes para justificar o aumento da demanda e da procura da educação escolar, tanto da população que se encontrava na faixa própria, quanto daquela que se encontrava fora dela, demanda que acaba contribuindo para uma maior expansão do ensino.

A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), dirigida por Lourenço Filho, representou um importante passo, enquanto política de governo, para superação dos altos índices de analfabetismo e para elevação da escolaridade da população. No entanto, segundo Paiva (2015), por um lado a CEAA se constituía uma possibilidade de alfabetizar mão de obra para trabalhar nas cidades e contribuir para superar os altos índices de analfabetismo no país; por outro, também se caracterizava pelo objetivo político de “fabricar eleitores”.

Os resultados da CEAA, como indica Romanelli (2014), são vistos na elevação das matrículas escolares: entre 1947 e 1959 elas chegaram a mais de 800 mil alunos acima dos 14 anos, em cada ano, totalizando cerca de 5,2 milhões de novos alunos ao final de 1959 isso demonstrou uma preocupação maior do poder público com a questão da extensão da escolarização, mas também representou o atendimento das demandas da época, impulsionadas, pelo capitalismo industrial que ganhou força após a Revolução de 1930 e se consolidou nas décadas posteriores.

A CEAA também teve como característica importante a expansão para o interior. Até então, o ensino supletivo encontrava-se restrito às capitais, e como a Campanha objetivava atingir o interior do Brasil, se configurou como uma ação de democratização da educação por levar a atendimento a outras cidades do país. No entanto, destaca-se ainda que as Campanhas não contribuíram para a elevação da qualidade educacional direcionada a EJA, o simples fato do atendimento educacional aos adultos ser direcionado pela promoção de campanhas, já indicava que o caráter dessas propostas era de atendimento provisório e não sistemático e o foco central era combater o analfabetismo.

Um aspecto importante nesse contexto é que a preocupação com a superação do analfabetismo no período pós Segunda Guerra Mundial se justifica também pela criação de organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e UNESCO, que passaram a pressionar os países para a erradicação do analfabetismo, indicando políticas para a educação em diversas partes do mundo.

Também nesse período houve uma preocupação com o atendimento educacional da população rural, sendo lançada em 1952 a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER). Essa campanha representou um passo importante no que se refere ao ensino rural no Brasil, e de acordo com Paiva (2015), as atividades da CNER se baseavam nas Missões Rurais de Educação, que se fundamentavam nas organizações sociais das comunidades e nos centros de treinamento de formação para professores leigos e preparação dos filhos dos agricultores para as atividades agrárias.

A CNER atuou no período de 1952 a 1963 e sua metodologia também mostrou-se insuficiente para promover o desenvolvimento das comunidades. Além disso, sua atuação foi comprometida pelas forças políticas locais, conforme descreve Paiva (2015, p. 230):

Sua atuação, precária em relação aos objetivos da Campanha porque baseados na ideia de que a atuação educativa poderia provocar transformações profundas nas comunidades e ligadas sempre aos detentores de poder nos Municípios, esporadicamente criou problemas às lideranças locais. Em algumas comunidades as Missões não lograram instalar-se porque suas atividades não eram desejadas, pela possibilidade de elas quebrarem o equilíbrio de forças entre os políticos locais.

Embora essas campanhas não tenham atingido seus objetivos no que se refere à questão educacional, uma vez que contribuíram apenas para diminuição dos índices de analfabetismo, PAIVA (2015) afirma que houve atendimento aos fundamentos políticos que as alicerçavam, isto é, o aumento do número de eleitores que entre 1950 e 1960 havia se elevado em quase 50%. Nessa perspectiva, Di Pierro *et al.* (2001, p. 60) também acrescenta que:

A Campanha de 1947 deu também lugar à instauração no Brasil de um campo de reflexão pedagógica em torno do analfabetismo e suas consequências psicossociais; entretanto, ela não chegou a produzir nenhuma proposta metodológica específica para a alfabetização de adultos, nem um paradigma pedagógico próprio para essa modalidade de ensino. Isso só viria a ocorrer no início dos anos 60, quando o trabalho de Paulo Freire passou a direcionar diversas experiências de educação de adultos.

Com o fracasso educacional das campanhas de alfabetização, em 1958 é realizado o Segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos, no qual são debatidos os problemas da Educação de Adultos com o intuito de pensar métodos e propostas pedagógicas para satisfazer esse tipo de educação, buscando novas diretrizes que pudessem atender à educação de adultos no contexto das transformações econômicas e sociais do período assinalado.

O período que compreende o final da década de 1950 e início da década de 1960, é marcado pela influência das ideias de Paulo Freire, baseadas numa educação direcionada às camadas populares através da valorização das suas histórias, vivências e experiências, uma educação que contemplasse a realidade do educando. A importância de Paulo Freire é assim descrita por Lampert (2011, p. 20-21):

O pensamento e as experiências freireanas contribuem para uma nova visão não só do processo pedagógico de ensino-aprendizagem de jovens e adultos como também da condição social desses. Com base no entendimento da ligação entre a problemática educacional e a problemática social; o analfabetismo agora deixa de ser causa da pobreza e da marginalização e, mais do que nunca, passa a ser assumido como efeito da situação de pobreza gerada pela estrutura social de exclusão.

Nesse momento da história do Brasil surgem movimentos como o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Centros Popular de Cultura (CPC), caracterizados

pela atuação de entidades como a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e União Nacional dos Estudantes (UNE), influenciados também pela pedagogia freiriana.

Sobre esses movimentos de cultura popular, Paiva (2015, p. 258) afirma que “eles surgiram na década de 1960 e se destinavam à promoção popular, pretendiam-se às condições políticas e culturais, vividas pelo país naquele momento. Eles nasceram da preocupação de intelectuais, políticos e estudantes”.

Esse período tem como característica um importante avanço no que concerne às políticas de atendimento da educação de adultos. A partir de 1961 se organiza uma maior mobilização em torno dessa temática e, entre as propostas das reformas de base do governo João Goulart, que se voltava para a educação de massas, a expectativa nesse momento é de ampliação do direito à educação no país.

Nesse ano foi criado o Movimento de Educação de Adultos (MEB), em parceria com Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que representava um movimento com inspiração cristã, embora não tivesse o objetivo de evangelizar. O MEB era feito por intermédio das emissoras católicas nas chamadas escolas radiofônicas, e inicialmente se destinava a atender às populações rurais das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil.

A partir de 1962, como afirma Paiva (2015), o MEB ganhou características de movimento de cultura popular e ultrapassou a simples organização de escolas radiofônicas, buscando uma nova metodologia. Essa nova característica é justificada, em parte, pela necessidade de combater o poder oligárquico local, ainda bastante forte nas regiões onde o MEB atuava, facilitando a atuação do governo.

Posteriormente ao MEB, é retomada a Mobilização Nacional contra o Analfabetismo (MNCA), criada ainda no governo Jânio Quadros, e o Programa de Emergência, que atuam no período de 1962 a 1963. A MNCA se fundamentava, de acordo com Paiva (2015), no objetivo de garantir o desenvolvimento social e econômico do país. Naquele momento, esse movimento representou um programa para preencher as lacunas das campanhas do MEC que estavam paralisadas, e o governo objetivava utilizar os recursos disponíveis enquanto não se aprovava o Plano Nacional de Educação.

Cabe destacar também, nesse contexto, que em 1963 Paulo Freire recebeu convite do Ministério da Educação para liderar um grupo de trabalho responsável pela

elaboração de um plano nacional de educação de adultos. Esse plano sustentava a ideia de alfabetização em massa com foco na continuidade das ações educativas, sendo o primeiro momento a alfabetização em 40 horas pelo método Paulo Freire e após isso a participação nos círculos de cultura (PAIVA, 2015). No entanto, em 1964, com a instauração do governo militar no Brasil, ocorreu a supressão dos avanços observados no governo anterior, que caminhavam para uma educação de massas. A partir daí, a Educação de Adultos vivenciou um momento de decréscimo.

As ideias de Paulo Freire e sua pedagogia voltada à realidade social dos educandos, que havia influenciado muitos movimentos de educação popular na época, foram suprimidas pela instalação da Ditadura Militar Brasil e o plano nacional de educação de adultos nunca foi colocado em prática. No entendimento de Aranha (2006), a desativação dos movimentos de conscientização popular, empreendida pelo golpe militar de 1964, se deu pelo fato de tais movimentos representarem subversividade, sendo necessário barrá-los para garantir a ordem nacional.

No contexto da Ditadura Militar, foi lançado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que a partir de 1967 se constituiu a principal ação do governo militar para a Educação de Adultos, uma política que não se caracterizava pela qualidade da educação, mas visava, sobretudo, garantir os interesses do governo junto às camadas menos favorecidas. O discurso que fundamentava o atendimento à Educação dos Adultos e à política de erradicação do analfabetismo durante a Ditadura Militar, não atentava para as questões sociais, mas visava atender as exigências das organizações internacionais como a UNESCO e, sobretudo, pretendiam atingir objetivos políticos e econômicos, como pontua Paiva (2015, p. 293):

Era preciso elevar a imagem do Brasil no exterior, principalmente num setor onde a maioria das atividades havia sido paralisada com a mudança de governo em 1964. Erradicar o analfabetismo era, portanto, “uma exigência do pudor nacional”, uma necessidade para que o Brasil pudesse ser ouvido no concerto das nações.

Nesse sentido, o MOBRAL atuou em todo território nacional por meio de comissões municipais que ficavam encarregadas de cuidar da execução do programa. Mas, enquanto política educacional, não mostrou resultados positivos. Para Aranha (2006), o Programa apresentou rendimento insuficiente se comparado ao grande número de alunos inscritos; além disso, grande parte dos atendidos pelo MOBRAL

saía do programa como analfabetos funcionais, pois não apresentavam avanço na capacidade de leitura e escrita.

O MOBRAL foi extinto em 1985, no período da chamada redemocratização do Brasil, no qual o país vivenciou um processo de reorganização política no qual a sociedade passa a atuar cada vez mais na busca de ampliar seus direitos. Como afirma Ferreira (2010, p. 20):

Nesse cenário, o direito à educação das pessoas que não tiveram oportunidade de ir à escola na idade considerada “correta” ganha novo fôlego. O analfabetismo passou a ser o inimigo a ser derrotado e aparece explicado pelos levantamentos censitários: grande era o contingente da população não alfabetizada, acrescido do montante de pessoas que não concluíram, sequer, o ensino do então 1º Grau. Surgiu, também, a necessidade de estender a oferta da educação para a parcela da população jovem. Conformou-se, então, o nome com o qual hoje se conhece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em detrimento da educação somente de adultos.

As exigências da época são atendidas, em grande parte, pela nova constituição que passa a vigorar a partir de 1988. Com ela, a educação passa a ser considerada como um direito de todos e dever do Estado, apesar de o acesso para os que não a tiveram na idade própria fosse previsto apenas para o Ensino Fundamental. A previsão para o atendimento a todos só foi acrescentada com a Ementa Constitucional nº 59 de 2009, que alterou o artigo 208, dispondo a “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. Mesmo assim, a Constituição de 1988 é marco importante para a educação nacional ao contemplar a educação como um direito social e, ao menos teoricamente, garantir a ampliação do direito à educação no Brasil.

A EJA finaliza a década de 1980 sem muitos avanços, e mesmo diante da perspectiva de ampliação do direito ao acesso à educação trazido pela nova Constituição Federal, a maior parte das ações direcionadas à EJA nesse contexto se caracterizaram pelo caráter assistencialista e compensatório.

2.2 O Percurso da EJA no Brasil a partir da década de 1990

A década de 1990 tem início em meio a novas orientações políticas e econômicas. No campo educacional, a Constituição de 1988, como mencionado anteriormente, trouxe expectativa de atendimento educacional à toda população. No

entanto, no que se refere especificamente à EJA, esse período histórico se caracteriza por apresentar poucos progressos. Nesse contexto, não houve muita atenção governamental visando consolidar políticas educacionais de atendimento a essa modalidade de ensino.

Destacamos como momento importante para a EJA nesse período a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), a partir da qual EJA foi reconhecida como modalidade da educação básica, embora esse reconhecimento não tenha garantido o efetivo direcionamento de políticas para o atendimento desses sujeitos no contexto escolar. Na visão de Arroyo (2005, p. 224), a inclusão da EJA na LDBEN carrega as marcas da educação popular, não de ensino escolar. Nesse sentido, ele ressalta que:

Quando se refere a jovens e adultos, nomeia-os não como aprendizes de uma etapa de ensino, mas como educandos, ou seja, como sujeitos sociais e culturais, jovens e adultos. Essas diferenças sugerem que a EJA é uma modalidade que construiu sua própria especificidade como educação, com um olhar sobre os educandos.

A LDBEN, ao se referir as outras modalidades educacionais, as denomina como ensino, como é o caso do Ensino Fundamental, Ensino Médio. A EJA é compreendida a partir das suas especificidades, o que é, portanto, um legado da educação popular para a Educação de Jovens e Adultos.

Para Brandão (2008, p. 83), “a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser entendida primeiramente como um direito e, em seguida, no sentido amplo de domínio dos instrumentos básicos da cultura letrada”. Assim, para garantir o alcance desses objetivos, a EJA deve se configurar como uma oportunidade educacional que respeita as características e interesses dos alunos dessa modalidade de ensino. Nesse sentido, a LDBEN teve um papel fundamental, já que garantiu esse direito, contemplando a EJA como modalidade de ensino, mesmo que isso ainda não representasse a garantia de realização de ações efetivas no contexto educacional.

Por outro lado, as medidas adotadas durante o governo Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003), em grande parte, não possibilitaram um atendimento educacional mais amplo. Embora a LDBEN tenha representado um avanço na sistematização de políticas educacionais, com a criação do Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental (FUNDEF), que definia o atendimento obrigatório apenas para o Ensino Fundamental, o foco de atenção governamental ficou concentrado em apenas

uma modalidade de ensino, enquanto as outras ficaram em segundo plano e não receberam a atenção devida, o que acabou comprometendo, principalmente, a EJA, visto que não fazia parte das políticas do governo Fernando Henrique Cardoso um atendimento mais efetivo para a Educação de Jovens e Adultos.

Di Pierro (2005), ao analisar as políticas direcionadas à Educação de Jovens e Adultos na década de noventa, afirma que o governo adotou como estratégia a focalização dos recursos para a educação fundamental, e tal direcionamento não se deu pela ausência de normas jurídicas, pois as leis vigentes na época já asseguravam o direito público subjetivo à educação independentemente da idade, mas sim pelo próprio direcionamento da política educacional que reservou à EJA um lugar marginal.

Como exemplo da falta de uma atuação mais específica do poder público na implementação de políticas para EJA nesse período, temos o fato de o principal programa criado para essa modalidade educacional ser gerenciado por uma organização não-governamental, o Alfabetização Solidária. Na prática, o Programa não conseguiu atuar de forma significativa na redução do analfabetismo no Brasil, que continuou a representar um dos grandes problemas da educação nacional.

O discurso oficial, teoricamente, defendia a educação como um direito de todos, mas, como afirma Paiva (2004 *apud* BRANDRÃO, 2008, p. 90), “as políticas governamentais descumpriram oficialmente o preceito constitucional, como promoviam a exclusão, deixando de garantir um dos direitos inerentes à condição cidadã a tão largo contingente populacional”.

Dessa maneira, a EJA adentra o século XXI, no Brasil, sem alcançar mudanças significativas em relação a atendimento, organização e sistematização pedagógica. Porém, a partir de 2001, com a instituição de um governo de características mais populares, conduzido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a EJA passou a receber uma maior atenção, com políticas mais focadas no atendimento desse público, representando um progresso se comparada à época imediatamente anterior.

O Programa Brasil Alfabetizado, instituído em 2003, já no primeiro ano do governo Lula da Silva e com atuação até os dias atuais, tem como objetivo promover a superação do analfabetismo entre os jovens na faixa etária acima dos 15 anos de idade, ou mais, visando à universalização do Ensino Fundamental. O Programa é realizado em colaboração entre União, estados e municípios, tendo como foco o

atendimento aos municípios com altas taxas de analfabetismo, que se concentram, principalmente, na região Nordeste do Brasil.

Outro programa, também implantado nesse período, e com o objetivo de diminuir o analfabetismo, foi o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), destinado a atender jovens entre 18 e 24 anos que não concluíram o Ensino Fundamental e que não possuem vínculos formais de trabalho.

Embora tenham sido instituídos muitos programas para o atendimento da EJA nas últimas décadas, indicando maior preocupação governamental nesse sentido, sobretudo na perspectiva de ampliar a escolarização, é possível perceber que tais programas continuam sendo por uma lógica de política compensatória, pois não garantem o acesso a uma educação de qualidade, não se fundamentam na continuidade dos estudos e não se preocupam com a formação cidadã e inclusão social desses alunos.

É nesse contexto desafiador que a partir de 2005 a Educação de Jovens e Adultos passa a ser pensada a partir da proposta de integração com a Educação Profissional, projeto até então inédito no campo da EJA e com a intenção de se constituir como política pública. Nesse sentido, Lima Filho (2010, p. 114) acredita que:

A proposição do PROEJA traz aspectos inovadores, qualitativos e quantitativos, de amplitude, concepção e localização, para a educação no país, sobretudo no que trata da oferta de educação básica (no nível fundamental ou no nível médio) integrada à educação profissional, na modalidade da educação de jovens e adultos[...]Nesse sentido, podemos afirmar que o ensino médio integrado à educação profissional na modalidade de educação de jovens e adultos é uma iniciativa pioneira, que não encontra precedentes na história da educação brasileira, em especial no relativo à oferta nas redes públicas.

Desse modo, o PROEJA tem como objetivo integrar a EJA ao ensino profissional através da oferta de cursos que se organizem por um currículo integrado para o Ensino Fundamental e também para o Ensino Médio visando garantir a formação profissional atrelada à formação humana e cidadã. O Programa foi instituído pelo decreto nº 5.478 de 2005 e posteriormente revogado pelo Decreto 5.840 de 2006 que trouxe alterações em alguns pontos controversos do Programa que serão discutidos mais adiante.

Muitos desafios se colocam à construção de políticas efetivas para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. A preocupação com aspectos pedagógicos, através da elaboração de parâmetros nacionais de qualidade, construção de currículos e

métodos que se voltem para as especificidades desses alunos e garantia de uma educação de qualidade, são alguns dos problemas que precisam ser superados para que se garanta, não somente a superação do analfabetismo, mas também promoção da formação crítica, a participação cidadã e a inclusão social.

3 O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ E O CONTEXTO DE SURGIMENTO DO PROEJA

3.1 Trajetória histórica do IFPI

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) foi criado a partir da sanção da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e transformou 38 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, atribuindo a essas instituições natureza jurídica de autarquia e conferindo-lhes autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar (BRASIL, 2008).

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2015-2019) expõe que o IFPI é uma instituição especializada na oferta de educação profissional e tecnológica, em diferentes níveis e modalidades de ensino, que articula educação básica, superior e profissional numa perspectiva pluricurricular e multicampi (IFPI, 2014).

A história do IFPI tem início a partir de 1909, quando o então presidente da República, Nilo Peçanha, criou a Rede Nacional de Escolas Profissionais presentes em 20 estados brasileiros. No Piauí, a Escola de Aprendizes e Artífices foi a primeira escola federal de ensino profissional do estado e os primeiros cursos contemplavam as áreas de arte mecânica, marcenaria, sapataria e fundição. É importante ressaltar que conforme o Decreto 5.766/1909, essas escolas destinavam-se ao atendimento dos filhos dos desfavorecidos com o objetivo de tirá-los do ócio, do vício e do crime. Nessa conjuntura, “no modelo educacional brasileiro foi se cristalizando uma escola para a formação da elite nacional e uma escolarização precária para as camadas populares” (SOUZA; MACHADO, 2014, p. 150).

A partir de 1937, no contexto do Estado Novo da Era Vargas no Brasil, a Escola de Aprendizes e Artífices do Piauí ganhou uma nova denominação, passando a ser chamada de Liceu Industrial do Piauí. Esse período da história do Brasil é caracterizado, segundo Caires e Oliveira (2016), como sendo o momento de consolidação do capitalismo no país, no qual o avanço da industrialização promoveu o deslocamento da população para áreas urbanas e o campo educacional passa a exigir políticas públicas que atendam às necessidades do novo modelo

socioeconômico. A Educação profissional, nesse cenário, destinava-se à formação de operários para trabalhar nas indústrias.

Em 1942, a criação da Lei Orgânica do Ensino Industrial promoveu algumas mudanças no ensino profissional, “dividiu as escolas da Rede em industriais e técnicas. Com o propósito de formar mão de obra, as escolas industriais formariam operários, em nível ginásial, para a indústria, e as técnicas formariam operários e também técnicos, em nível médio” (IFPI, 2014). Assim, o Liceu Industrial do Piauí passa a se chamar Escola Industrial de Teresina, permanecendo com essa denominação até 1965. Ramos (2014, p 26), ao se referir às leis orgânicas estabelecidas nesse período, pontua que:

[...] o conjunto de leis orgânicas que regulamentou o ensino profissional nos diversos ramos da economia, bem como o ensino normal, significou um importante marco na política educacional do Estado Novo. Entretanto, se havia organicidade no âmbito de cada um desses segmentos, a relação entre eles ainda não existia, mantendo-se duas estruturas educacionais paralelas e independentes.

Desse modo, embora a organização da educação na década de 1940 tenha representado um avanço em termos de sistematização da educação profissional, por outro lado também acabou contribuindo para acentuar o caráter dualista e a separação entre formação intelectual e formação técnica.

A década de 1960, no Brasil, é marcada pela chegada dos militares ao poder, constituindo o período da Ditadura Militar que tem início em 1964 e perdura até meados da década de 1980. Nesse contexto, a Escola Industrial de Teresina ganha o termo “Federal” na sua denominação e passa a contemplar os primeiros cursos técnicos de nível médio. Em 1967 ocorreu uma ampliação geral da Escola Industrial Federal do Piauí, que passou a ofertar cursos diurnos e recebeu o nome de Escola Técnica Federal do Piauí (IFPI, 2014).

Sobre a reforma educacional instaurada no governo militar, no que concerne especialmente ao chamado ensino de Segundo Grau, Machado e Souza (2014) afirmam que tal reforma estabeleceu a obrigatoriedade do ensino profissional, uma vez que esse nível de ensino passa a ser, de maneira compulsória, profissionalizante correspondendo a uma expectativa de grande crescimento econômico, o qual demandaria a formação de um quantitativo maior de mão de obra.

Esse período é assinalado, no contexto econômico, pelo Milagre Econômico que trouxe a expectativa de crescimento econômico, mas acabou acarretando o aumento da dívida externa do país. As políticas públicas desse período, especialmente as direcionadas à educação, serviram também como estratégia para superação da crise econômica (CAIRES; OLIVEIRA, 2016).

De 1967 até 1998, a Escola Técnica Federal do Piauí atuou na oferta de cursos técnicos integrados ao médio e subsequente. A partir de 1994 teve início o processo de transformação das Escolas Técnicas Federais, em Centros Federais de Educação Tecnológica com a sanção da Lei 8.948/1994 que instituiu o Sistema Nacional de Educação Tecnológica. O objetivo dessa transformação foi permitir que as escolas Federais pudessem atuar no Ensino Superior, inicialmente através da oferta de cursos superiores tecnológicos. O processo de “cefetização” das Escolas Técnicas Federais foi feita de forma gradual. Nesse mesmo ano, a Escola Técnica Federal do Piauí inaugura sua primeira Unidade Descentralizada de Ensino (UNED), na cidade de Floriano.

As motivações para criação do Sistema Nacional de Educação e transformação das Escolas técnicas em CEFETs são definidas por Ramos (2014, p. 36):

A criação do Sistema Nacional de Educação Tecnológica tenderia a unificar e fortalecer essa rede de ensino, enquanto a transformação das Escolas Técnicas Federais em CEFET's pretendia evitar seu sucateamento, por dificultar tentativas de *estadualização* (transferência para os sistemas estaduais), *senaização* (transferência para Senai) ou *privatização* (transferência para o mercado).

Caires e Oliveira (2016) reforçam que a finalidade da criação do Sistema Nacional de Educação Tecnológica foi permitir uma melhor articulação entre os diferentes níveis, instituições e demais escolas que faziam parte da política nacional de educação com o intuito de aprimorar ensino, pesquisa e extensão e também de promover uma maior integração entre os diversos setores educacionais e produtivos.

É importante ressaltar ainda que em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) que trouxe no seu Capítulo III a educação profissional, definindo seu desenvolvimento de forma articulada com o ensino regular e com o objetivo de conduzir ao permanente desenvolvimento para a vida produtiva.

Outro aspecto importante que merece destaque no final da década de 1990 é a aprovação do Decreto 2.208/1997. Por meio dele, estabeleceram-se mudanças

significativas na organização curricular da educação profissional, promovendo a separação entre Ensino Médio e educação profissional ao determinar que essa última teria “organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este” (BRASIL, 1997).

As configurações do Decreto 2.208/1997 reforçaram novamente a dualidade estrutural com a separação entre formação intelectual e formação técnica, retomando as características que historicamente definiram a educação profissional no Brasil. Sobre essa questão, destacamos a concepção de Kuenzer (2007, p. 1156):

No Brasil, esta diferenciação correspondeu à oferta de escolas de formação profissional e escolas acadêmicas, que atendiam populações com diferentes origens de classe, expressando-se a dualidade de forma mais significativa no nível médio, restrito, na versão propedêutica, por longo período, aos que detinham condições materiais para cursar estudos em nível superior.

Nesse sentido, formação técnica separada da formação propedêutica, retomada nesse período, expressa a diferenciação das classes sociais no Brasil. Tal concepção carrega as marcas da exclusão educacional, na medida em que visa oferecer formação ampla com prosseguimento nos estudos para às classes mais altas e uma formação técnica para àqueles que irão compor a classe dos trabalhadores. Caires e Oliveira (2016, p. 116) também enfatizam os aspectos negativos da reforma promovida pelo Decreto 2.208/1997, ao afirmarem que suas proposições foram responsáveis por:

Descaracterizar a Educação Tecnológica desenvolvida nas instituições da Rede Federal; promover uma organização curricular baseada em módulos e focada no ensino de competências; ser orientada, especialmente, para o atendimento das premissas do mercado e do setor produtivo; afastar a administração pública do custeio da Educação Profissional; e por fim, inviabilizar a integração entre o Ensino Médio e a Educação Profissional, resgatando a dualidade estrutural.

Nesse cenário de mudanças, que alteraram as configurações da Educação Profissional, ocorre a transformação da Escola Técnica Federal do Piauí em Centro Federal de Educação Tecnológica em 1999. Nesse mesmo ano, ocorreu também o primeiro vestibular da instituição sendo ofertado o curso de Tecnologia em Informática, o primeiro em nível superior (IFPI, 2014).

Em 2004, o Decreto 2.208/1997 foi revogado por meio do Decreto 5.154/2004 e a educação profissional retoma à forma integrada. Com isso, assume uma

perspectiva de articulação entre educação, trabalho, ciência e tecnologia, tendo como centralidade o trabalho como princípio educativo e a indissociabilidade entre teoria e prática (BRASIL, 2004).

A partir de 2005, com a publicação da lei 11.195, tem início a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica com previsão de construção de 64 novas unidades de ensino. A expansão da Rede Federal de Educação teve como objetivo instalar unidades em todas as regiões do país. Nesse contexto, no ano de 2007, o CEFET-PI tem seu espaço de atuação ampliado com a implantação de mais uma unidade na capital Teresina, o *Campus* Teresina Zona Sul, e outras duas unidades no interior do estado nas cidades de Parnaíba e Picos. Também em 2007 ocorre a implantação do PROEJA, com oferta de cursos a partir do segundo semestre do mesmo ano.

A lei nº 11.892/2008 trouxe mudanças significativas para a organização dos CEFETs transformando-os em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Por meio desta Lei, ficou definido que os Institutos Federais são:

Instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas. (BRASIL, 2008)

A partir de 2008, o processo de expansão para o interior se amplia e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí ganha mais seis *campi* localizados nas cidades de Angical, Corrente, Paulistana, Piripiri, São Raimundo Nonato e Uruçuí. Em 2013, mais três *campi* são inaugurados: Pedro II, Oeiras e São João do Piauí; e mais três entram em funcionamento no ano seguinte nas cidades de Campo Maior, Cocal e Valença do Piauí.

Atualmente, o IFPI atua em 18 municípios do estado, oferecendo cursos técnicos integrados de nível médio, subsequente, superiores de tecnologia e licenciaturas, além de especializações em várias áreas e também um mestrado em engenharia de materiais. Dessa forma, vem se consolidando como instituição educacional de referência na oferta de ensino profissional público e gratuito de qualidade.

A seguir, apresentamos um mapa com a distribuição dos *campi* do IFPI, conforme apresentado no PDI (2015-2019).

Figura 1 - Distribuição das unidades do IFPI



Fonte: IFPI-PDI, (2014, p.16)

3.2 O contexto de surgimento do PROEJA

As especificidades da Educação de Jovens e Adultos impõem cada vez mais ao poder público a sistematização de políticas que contribuam para superação dos diversos entraves nos quais está inserida esta modalidade de ensino. As experiências vivenciadas ao longo da história da educação no Brasil permitem concluir que o atendimento a EJA, quase sempre, foi feito de forma pontual, sem muito aprofundamento nas suas especificidades e, na maioria das vezes, com foco específico na superação do problema do analfabetismo no país.

As políticas voltadas para a EJA ainda não produziram os efeitos necessários para sua inserção enquanto modalidade educacional, com organização própria e sujeitos particulares. Embora esteja contemplada na legislação educacional, o atendimento à EJA ainda se mostra insuficiente se analisarmos o grande quantitativo

de jovens e adultos que se encontra fora dos contextos escolares ou são atendidos de maneira precária.

O cenário no qual o PROEJA é implementado revela a necessidade da sua criação. De acordo com o Documento Base do PROEJA Médio, o contexto que antecede a criação do Programa, em termos educacionais, revela desafios para a universalização da Educação Básica. Em 2003, apenas 13% do total da população havia concluído o Ensino Médio, o que demonstra o baixo nível de escolaridade dos brasileiros. Além disso, a taxa de abandono escolar no Ensino Médio era equivalente a 16,7% e a distorção idade-série chegava a 53,3%, revelando os desafios para o atendimento a esse nível de ensino. O Documento Base afirma ainda que, “na prática, a grande maioria de alunos de EJA provém de situações típicas dessas chamadas distorções” (BRASIL, 2007, p.19).

O contexto mencionado acima revela a necessidade de projetos educacionais direcionados ao atendimento desse contingente de jovens e adultos com suas trajetórias escolares descontinuadas. É nesse sentido, portanto, que o PROEJA se fundamenta, com a intenção de promover a escolarização desses sujeitos. O Documento Base também enfatiza que:

A grave situação educacional que os números revelam exige refletir o quanto têm estado equivocadas as políticas públicas para a educação de jovens e adultos, restritas, no mais das vezes, à questão do analfabetismo, sem articulação com a educação básica como um todo, nem com a formação para o trabalho[...] (BRASIL, 2007, p. 18)

O PROEJA tem, portanto, a pretensão de efetivar um novo direcionamento para a Educação de Jovens e Adultos de modo que seja possível superar a orientação restrita à questão do analfabetismo e possibilitar uma melhor articulação com a Educação Básica e também com o mundo do trabalho.

Além dos dados educacionais do contexto que antecede a criação do PROEJA, cabe aqui descrever também o momento atual, visando compreender o quadro educacional no qual está inserida a manutenção do PROEJA.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2016, 51% da população brasileira com 25 anos ou mais de idade, havia concluído apenas o Ensino Fundamental. Além disso, a taxa de frequência às escolas, da população entre 15 e 17 anos foi de 87,2%, o que equivale a 9,3 milhões de estudantes. Esses dados demonstram que ocorreu uma ampliação na taxa de

escolarização, mas evidenciam, por outro lado, que ainda existem entraves para concretização da universalização da Educação Básica e principalmente do Ensino Médio. Cabe também destacar que o PNE (2014-2024) na sua meta 3, pretendia universalizar o atendimento escolar para o Ensino Médio até o ano de 2016, meta essa que ainda não foi alcançada.

Outro aspecto importante a considerar, no que se refere aos dados sobre a educação no Brasil, diz respeito à taxa de insucesso, que representa a soma da reprovação e abandono. No Ensino Médio, de acordo com dados do Censo Escolar de 2017, essa taxa, no primeiro ano do Ensino Médio, chega a 28,1%, reforçando a necessidade de reorientação para que seja possível garantir o acesso e a permanência desses jovens no ambiente escolar.

Ainda segundo os dados da PNAD-2016, outra questão importante a ser observada no Ensino Médio é que apenas 68% dos alunos que frequentam esse nível de ensino estão na idade adequada, ou seja, uma parte significativa dos jovens matriculados nesse nível estão fora da chamada idade certa. Dessa forma, o Ensino Médio representa um dos grandes desafios da Educação Básica no Brasil e o seu insucesso reforça a necessidade de sistematização de políticas direcionadas aos jovens e adultos, uma vez que muitos desses jovens retornarão às escolas nas turmas de EJA.

Embora a educação brasileira tenha avançado nas últimas décadas, ao menos no que se refere às estatísticas, ainda persistem elementos que somados justificam a manutenção e a criação de estratégias para o atendimento a jovens e adultos que por inúmeras razões não puderam concluir a Educação Básica no tempo entendido como certo. Assim, embora anseie-se pela superação dos problemas que contribuem para a permanência da EJA, é preciso reconhecer que ainda há muito o que se fazer nesse sentido pois é preciso garantir a esses jovens e adultos novas oportunidades de inclusão educacional.

O surgimento da proposta de integração entre Educação Profissional e Educação Básica na modalidade de educação de jovens e adultos vincula-se às mudanças ocorridas após a revogação do decreto 2.208/97 pelo decreto 5.154/2004. Este último instituiu novos direcionamentos para a educação profissional, sobretudo na perspectiva de superação da dualidade entre formação geral e formação técnica, retomando a articulação entre Educação Profissional e Ensino Médio baseada na

integração entre trabalho, ciência e cultura. Esse contexto é marcado por muitas ambiguidades que caracterizam a desarticulação entre os setores responsáveis pela educação e pelo trabalho/emprego, como expõem Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005b, p.1096):

Enquanto o MEC se ocupava especialmente da educação profissional técnica, sem uma política consistente que atentasse para as demandas sociais dos trabalhadores jovens e adultos que realizam cursos supletivos de nível fundamental, o Ministério do Trabalho e Emprego desenvolveu seu plano de formação sem se preocupar com a recuperação da escolaridade e a organização de itinerários formativos. Setores expressivos da sociedade afirmavam, então, a necessidade de se implementar uma política pública de formação profissional, integrada ao sistema público de emprego e à educação básica.

A partir do Decreto 5.154/04, a Educação Profissional começa a apontar para novos caminhos, permitindo o retorno da oferta do Ensino Médio Integrado e o fortalecimento de políticas que visavam romper com a desarticulação entre formação geral e formação técnica, seguindo os pressupostos da concepção politécnica e do trabalho como princípio educativo. Ramos (2010, p.44), compreende a politecnia na seguinte perspectiva:

[...] o ideário da politecnia buscava romper com a dicotomia entre educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade; em termos epistemológicos e pedagógicos, esse ideário defendia um ensino que integrasse ciência e cultura, humanismo e tecnologia, visando o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. Por essa perspectiva, o objetivo profissionalizante não teria um fim em si mesmo nem se pautaria pelos interesses do mercado, mas constituir-se-ia numa possibilidade a mais para os estudantes na construção dos seus projetos de vida, socialmente determinados, culminada com uma formação ampla e integral.

Seguindo esses propósitos, também a Educação de Jovens e Adultos adquiriu novos sentidos a partir de alguns projetos e ações que foram sistematizados e colocados em prática, direcionados a essa modalidade educacional. Entre eles, podemos citar o Projeto Escola de Fábrica, o Projovem e o PROEJA. O primeiro com a finalidade de ofertar cursos de formação inicial e continuada para jovens de baixa renda; o segundo com o intuito de elevar a escolaridade dos jovens por meio da qualificação profissional e conclusão do Ensino Fundamental; por fim, o PROEJA, que contempla o ensino profissional técnico de nível médio e cursos de formação inicial e continuada destinado a jovens e adultos (CAÍRES; OLIVEIRA, 2016).

A proposta de integração entre EP, EJA e Ensino Médio surge inicialmente por meio da Portaria 2.080/05 que estabeleceu a obrigatoriedade de as instituições federais ofertarem, a partir do ano de 2006, 10% do total das vagas para o atendimento a cursos de educação profissional integrada ao Ensino Médio, na modalidade de educação de jovens e adultos (BRASIL, 2005). Alguns equívocos em relação à portaria 2.080/05 são elencados por Moura e Henrique (2012, p.117):

Apesar dessas intenções explícitas no Programa e das potencialidades da Rede Federal de EPT em contribuir com seu êxito, alguns equívocos importantes marcam a gênese dessa iniciativa governamental. Em primeiro lugar, tem-se a instituição da Portaria Nº. 2.080/2005-MEC, de junho de 2005, que deu materialidade ao tema. Esse dispositivo determinava que todas as instituições federais de EPT oferecessem, a partir de 2006, cursos técnicos integrados ao ensino médio na modalidade EJA, estipulando, inclusive, um percentual mínimo de vagas que deveriam ser destinadas à nova oferta. Entretanto, legalmente uma portaria não pode ferir um decreto, que tem maior hierarquia e havia o Decreto Nº. 5.224/2004, que dispõe sobre a organização dos CEFETs [...].

Em respostas às críticas sobre a imposição da Portaria 2.208/05 e a questão da sua legalidade, face à existência do Decreto 2.224/05 que dispunha sobre a organização dos então Centros de Educação Profissional e Tecnológica (CEFETs), após onze dias da publicação da portaria, o governo publicou o Decreto 5.478/05, que contemplava tudo que estava previsto na portaria, resolvendo o problema da legalidade.

O Decreto nº 5.478/05 estabeleceu a integração entre EP e EJA agora como um programa denominado Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), manteve a obrigatoriedade da oferta nas instituições federais de educação, abrangendo cursos e programas de formação inicial e continuada e educação profissional técnica de nível Médio (BRASIL, 2005). Também manteve a determinação de percentual de matrícula de 10% das vagas para o ensino médio integrado a EJA e a carga horária máxima de mil e seiscentas horas para cursos de formação inicial e continuada e de duas mil e quatrocentos horas para os cursos de educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2005).

Algumas inconsistências no Decreto 5.478/2005, no entanto, acabaram levando à sua revogação, no ano seguinte, pelo Decreto 5.840/2006, entre elas, a questão da carga horária máxima, que é percebida por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005 b, p. 1098) da seguinte forma:

Observamos algumas incoerências na disposição sobre as cargas horárias que, ao nosso ver, incorrem em deslizes éticos, políticos e pedagógicos. Primeiramente, não há por que defini-las como máximas. A redução da carga horária de cursos na modalidade EJA com relação aos mínimos estabelecidos em lei para a educação regular não deve ser uma imposição, mas sim uma possibilidade. O sentido de tal possibilidade está no pressuposto de que os estudantes da EJA são sujeitos de conhecimento, com experiências educativas formais ou não, que lhes proporcionaram aprendizagens a se constituírem como pontos de partida para novas aprendizagens quando retornam à educação.

O Decreto 5.840/06 manteve basicamente as proposições do Decreto 5.478/05, mas trouxe algumas mudanças importantes, motivadas pelas discussões e críticas apontadas ao primeiro documento. Mudou a denominação para Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, conferindo uma dimensão maior para o programa. Estabeleceu a ampliação da abrangência do PROEJA que passou a contemplar também o Ensino Fundamental, permitindo o atendimento para toda a educação básica, e não somente para o Nível Médio. Também permitiu que instituições estaduais e municipais, além do Sistema S, ofertassem cursos nessa modalidade, expandindo a possibilidade de espaços educativos para o PROEJA. Além disso, corrigiu a disposição da carga horária dos cursos, que passou a ser “mínima” e não “máxima” conforme expresso no decreto anterior.

Sobre a ampliação das instituições para oferta do PROEJA, estabelecido no Decreto 5.840/06, é possível perceber que mesmo tendo um caráter positivo, no que concerne à ampliação do atendimento, visto que as Instituições Federais de Educação, embora estejam presentes em todos os estados, não estão presentes em todos os municípios brasileiros, também se configura como um ponto a ser observado, necessitando de acompanhamento dessa implementação do PROEJA nessas instituições, para garantir a qualidade do ensino e o atendimento aos fundamentos e princípios norteadores.

A proposta de oferta do PROEJA nas instituições federais de educação, pode ser vista de forma positiva, pois essas instituições historicamente são tidas como ambientes de oferta de educação de qualidade, remetendo à ideia de que a EJA agora seria também contemplada em uma dimensão mais ampla, focada na formação integral desses sujeitos, não mais aligeirada e supletiva como o fora em épocas

anteriores. A justificativa apresentada no Documento Base para a oferta da EJA na Rede Federal de Educação também corrobora com essa concepção ao afirmar que:

[...] a presença da oferta de EJA na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e por outros atores que tratam do ensino médio e da educação profissional almeja romper com os processos contínuos de exclusão e de formas crescentemente perversas de inclusão (BRASIL, 2007, p. 29).

A expectativa, portanto, é de garantir continuidade e assegurar qualidade à educação ofertada pelo PROEJA visando a inclusão desses jovens e adultos. Ainda sobre a atuação da Rede Federal de Educação profissional e Tecnológica na oferta do PROEJA, Moreno (2012, p. 37) entende que:

A Rede Federal de EPT possui algumas características que potencializam a função, das instituições de ensino a ela vinculadas, nesse processo. Duas são as razões principais nesse sentido, primeiramente, pelo fato de terem pontos de presença em todos os estados da federação e um segundo motivo está relacionado à experiência e qualidade, reconhecidamente, com que atuam no ensino médio e na educação profissional técnica de nível médio.

Um aspecto interessante sobre a presença da EJA nas instituições federais de educação é que alguns Institutos já contemplavam o atendimento a jovens e adultos nos seus espaços antes mesmo da existência do PROEJA. O Instituto Federal Sul-rio-grandense já desenvolvia experiências com jovens e adultos desde 1999, a partir de uma proposta pedagógica que contemplava a realidade dos alunos. Também o Instituto Federal de Santa Catarina e o de Roraima já atendiam esses sujeitos antes da institucionalização do PROEJA. O primeiro, já a partir de 2003, contava com um projeto de ensino médio para jovens e adultos denominado de Emja e o segundo, em 2005, também já atendia esse público (SILVA, 2010).

Essas experiências certamente foram importantes para o debate que levou à construção da política do PROEJA, pois contribuíram para a formulação dos fundamentos e princípios que hoje o caracterizam. Também revelam que a Rede Federal de Educação não estava totalmente alheia à EJA, de maneira que abriu caminho para a materialização de uma política mais ampla que passou a ser efetivada, ainda que de forma obrigatória em todos os Institutos Federais.

As pretensões do PROEJA, ao se efetivarem na prática, trazem desafios no que concerne à concretização dos objetivos propostos na sua fundamentação. Como afirma Santos (2010), esse programa apresenta um caráter inédito pelo fato de ofertar

vagas para a EJA nas escolas federais, visto que essas instituições são historicamente marcadas por exames de seleção rigorosos e meritocráticos que restringem o acesso desse público a esses espaços escolares. No que se refere à presença desses jovens e adultos nas escolas federais, Santos (2010, p. 127) também acrescenta que:

O Proeja traz tensões e possibilidades para a instituição que, muitas vezes, não são bem-vindas, causam constrangimento, desacomodam. O aluno idealizado, que está na idade certa, possui uma família que lhe cuida, estuda para se preparar para o trabalho, é substituído por uma figura de desordem que questiona horários, a disposição dos serviços, o currículo da escola, desvela a desordem que estava sublimada em uma ordem escolar, que talvez existisse concretamente apenas no campo da idealização.

Concretamente, a presença desses alunos nos espaços dos institutos federais trouxe muitas implicações, não somente educacionais, mas de vivências e convivências, de olhares carregados de estereótipos que refletem o histórico de exclusão da EJA no contexto das políticas educacionais e que nos remetem a questionamentos que talvez não possam ser facilmente respondidos sobre a inserção destes alunos em espaços escolares até então pouco acessíveis a eles, como é o caso dos Institutos Federais.

Após as alterações do Decreto 5.840/06, o PROEJA começa sua trajetória histórica, iniciando sua oferta nas instituições federais de educação a partir de 2007, embora alguns CEFETs, como mencionado no Documento Base do PROEJA, já ofertassem cursos para o atendimento a jovens e adultos antes desse ano, como é o caso do CEFET-Santa Catarina.

Os fundamentos, concepções, princípios e orientações de estruturação do PROEJA foram sistematizados no seu Documento Base, organizado a partir das discussões em torno da sua implantação. Esse documento aponta que “os princípios que consolidam os fundamentos dessa política são definidos a partir de teorias de educação em geral e de estudos específicos do campo da EJA” (BRASIL, 2007, p.37). Com isso, seus pressupostos se dão numa visão mais ampla da educação, focada na relação trabalho-educação, mas direcionada à formação integral dos sujeitos que contempla a formação básica, de caráter mais geral, a formação profissional e a formação humana e cidadã. Moura (2006, p. 3) discute a concepção do PROEJA e destaca seus eixos norteadores compreendendo que sua proposta

[...] está inscrita no marco da construção de um projeto possível de sociedade mais igualitária e fundamenta-se nos eixos norteadores das políticas de educação profissional atualmente vigentes: a expansão da oferta pública de educação; o desenvolvimento de estratégias de financiamento público que permitam a obtenção de recursos para um atendimento de qualidade; a oferta de educação profissional dentro da concepção de formação integral do cidadão (Ensino Médio Integrado a Educação Profissional Técnica de Nível Médio) – formação esta que combine, na sua prática e nos seus fundamentos científico-tecnológicos e histórico-sociais, trabalho, ciência e cultura – e o papel estratégico da educação profissional nas políticas de integração social.

O PROEJA traz, portanto, a proposta de um novo direcionamento para a Educação de Jovens e Adultos. Para firmar-se como Programa inovador nessa modalidade educacional, necessita superar os diversos desafios que se colocam presentes na realidade educacional como exposto em seu Documento Base:

O PROEJA é, pois, uma proposta constituída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social; em um projeto de nação que vise uma escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social (BRASIL, 2007, p. 07).

Diante desses anseios presentes na proposta do PROEJA, é possível perceber que, ao menos teoricamente, o olhar lançado para a EJA teve uma outra perspectiva, que caminha, ou se empenha em caminhar, na direção de uma nova possibilidade para essa modalidade de educação. Essa nova perspectiva visa superar o histórico de exclusão da EJA no contexto educacional e sua trajetória marcada pela precariedade e por políticas pouco efetivas ou sem pretensões maiores. O PROEJA pretende ser uma política que contemple profissionalização e elevação da escolaridade, com vistas à inclusão dos cidadãos no meio social e laboral, superando o histórico de exclusão do direito à conclusão da educação básica e do acesso à formação profissional (BRASIL, 2007).

Moll (2010) caracteriza o PROEJA como um marco para ampliação do acesso e permanência de jovens e adultos na educação básica e para a construção de uma política pública de aproximação entre escolarização e profissionalização. A mesma autora ainda acrescenta que:

[...] o PROEJA representa uma política nova, é preciso considerar a necessidade de fazermos o caminho, caminhando. Para além das erupções momentâneas e focais é preciso trabalhar na perspectiva de ações permanentes, coletivas e que implicam reinventar o olhar e as categorias com as quais lemos a educação e a história do nosso país (MOLL, 2010, p. 138).

A concretização dessa política educacional, institucionalizada, com todos os requisitos e pressupostos necessários ao seu bom desenvolvimento, tem se configurado como um grande desafio e exige aprofundamento dos elementos nos quais se funda sua proposta, no intuito de ampliar suas possibilidades no contexto educacional e garantir sua efetividade no contexto educacional brasileiro.

4 O PROEJA

4.1 Fundamentos, princípios e concepções do PROEJA Médio

As pretensões do PROEJA, enquanto política educacional, podem ser consideradas audaciosas quando analisamos a sua constituição a partir do cenário de exclusão que caracteriza a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Na sua perspectiva, a educação tem um importante papel para o desenvolvimento nacional, sendo esse desenvolvimento atrelado ao social e cultural e a educação é entendida como o processo que cria, produz, socializa e reapropria a cultura e o conhecimento gerado pela humanidade pelo trabalho (BRASIL, 2007).

A proposta explicitada no Documento Base do PROEJA revela que suas intenções são firmar-se como política, uma vez que pretende ser “mais ampla do que um programa, não a reduzindo a uma situação temporária, persistente em função das limitações do próprio Estado brasileiro para cumprir o seu dever” (BRASIL, 2007, p. 34). Nesse sentido, objetiva sair da perspectiva de política temporária, para efetivar-se de fato como uma política perene, superando a incipiência da oferta de EJA no Ensino Médio e atrelando essa modalidade de ensino à Rede Federal de Educação na expectativa de agregar qualidade ao ensino ofertado no PROEJA (BRASIL, 2007).

A ideia, portanto, é assegurar igualdade de acesso e condições de permanência no sistema escolar para todos os cidadãos, e que a façam com o mesmo padrão de qualidade, asseverando o direito à aprendizagem por toda a vida, a fim de que jovens, homens e mulheres tenham sua integração sócio-laboral firmada como um direito de todos (BRASIL, 2007).

A concepção de educação ao longo da vida, presente no Documento Base do PROEJA, tem seu fundamento nas ideias propostas pela UNESCO na década de 1990 por meio das ideias de Jacques Delors. No relatório encomendado pela Unesco intitulado “Educação um tesouro a descobrir”, publicado em 1996, Delors expõe a importância do conceito de educação ao longo da vida afirmando ser esse preceito a chave para abrir as portas do século XXI (UNESCO, 1996). A educação, nessa perspectiva, é vista como

[...] algo que vai muito mais além do que já se pratica, especialmente nos países desenvolvidos, a saber: as iniciativas de atualização, reciclagem e conversão, além da promoção profissional, dos adultos. Ela deve abrir as

possibilidades da educação a todos, com vários objetivos: oferecer uma segunda ou terceira oportunidade; dar resposta à sede de conhecimento, de beleza ou de superação de si mesmo; ou, ainda, aprimorar e ampliar as formações estritamente associadas às exigências da vida profissional, incluindo as formações práticas (DELORS, 1996, p. 32).

O que se pretende com o PROEJA, nesse sentido, é uma educação continuada pautada na oferta de novas oportunidades para os jovens e adultos excluídos do contexto educacional, na expectativa de promover uma educação que ultrapasse as imposições do mercado de trabalho.

No entanto, existem críticas no que se refere a essas proposições da UNESCO e suas configurações práticas. Gadotti (2016) afirma que o fundamento da educação ao longo da vida deriva do conceito de educação permanente. Para ele, esse conceito é utilizado há bastante tempo e já na década de 1970, a UNESCO, no relatório Edgar Faure, consagrou-o como ideia mestra das políticas educacionais futuras. Inicialmente, era apenas mais um conceito utilizado para a educação de adultos atribuído à perspectiva de educação continuada; posteriormente, passa a uma fase utópica, na qual pretende promover uma transformação do sistema educativo.

Essa ideia de educação ao longo da vida acatada pelo Documento Base do PROEJA também apresenta contradições na percepção de Rummert (2007, p. 44):

Não pode deixar, ainda, de ser destacado que o documento incorpora, simultaneamente, referências a críticas radicais ao atual estágio do modo de produção e teses e conceitos inteiramente conformados à ordem. Exemplo expressivo diz respeito à recorrente referência à “educação ao longo da vida”. Aqui verifica-se a ausência da percepção de seu caráter conservador e subordinado à lógica do mercado [...].

Desse modo, a autora enfatiza que o PROEJA apresenta, ao mesmo tempo, críticas ao modo de produção e utiliza conceitos que reforçam a conformidade a ordem, como é o caso da educação ao longo da vida. Isso sugere uma incoerência na sua proposta, pois ao defender tais preceitos o Programa atrela sua proposta ao atendimento das exigências do mercado ditadas pelos organismos internacionais.

Outros elementos apresentados pelo PROEJA revelam seu caráter desafiador. A educação brasileira é marcada pela relação dual, já mencionada anteriormente, que compreende a formação a partir de dois direcionamentos distintos: a formação intelectual e a formação para o trabalho. Superar essa separação representa um desafio, tanto para o Ensino Médio, como para a Educação Profissional técnica de nível médio. Nesse sentido, o arcabouço estrutural do PROEJA se define pela

proposta de ruptura da dualidade histórica entre cultura geral e cultura técnica como mencionado no Documento base:

Para que um programa possa se desenhar de acordo com marcos referenciais do que se entende como política educacional de direito, um aspecto básico norteador é o rompimento com a dualidade estrutural cultura geral versus cultura técnica, situação que viabiliza a oferta de uma educação acadêmica para os filhos das classes favorecidas socioeconomicamente e uma educação instrumental voltada para o trabalho para os filhos da classe trabalhadora, o que se tem chamado de uma educação pobre para os pobres (BRASIL, 2007, p. 35).

Essa intenção revela que há uma preocupação de garantir educação equalizadora com o intuito de superar a diferença atrelada à educação para os pobres e à educação para os ricos. A dualidade é problemática, reveladora da distinção social e, dessa forma, impõe aos pobres uma educação de má qualidade, já que sua finalidade é garantir mão de obra para o mercado de trabalho, já as classes sociais mais elevadas são atendidas por uma formação mais ampla, científica, que lhes garante a continuidade dos estudos e a ascensão social. Kuenzer (1991, p. 06) ao discutir a relação trabalho-educação e sua constituição, assim discorre:

Desde o momento que surge, a educação diretamente articulada ao trabalho se estrutura como um sistema diferenciado e paralelo ao sistema de ensino regular marcado por finalidade bem específica: a preparação dos pobres, marginalizados e desvalidos da sorte para atuarem no sistema produtivo nas funções técnicas localizadas nos níveis baixos e médio da hierarquia ocupacional. Sem condições de acesso ao sistema regular de ensino, esses futuros trabalhadores seriam a clientela, por excelência, de cursos de qualificação profissional de duração e intensidade variáveis, que vão desde os cursos de aprendizagem aos cursos técnicos.

O PROEJA se fundamenta numa concepção de formação que contempla a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral. Pretende, portanto, garantir uma formação ampla e efetiva que ultrapasse a dimensão mercadológica e favoreça outros critérios corroborando com uma formação que contemple o mundo do trabalho, mas que não se limite a ele (BRASIL, 2007). Sua intenção, portanto, é superar essa visão dualista e garantir a construção de saberes necessários a uma formação integral.

A proposta de integração entre EJA e EP apresentada pelo PROEJA vincula-se a um ideal de formação humana que reclama a construção de uma política que almeja a perenidade. Destarte, em seu Documento Base, essa perspectiva de formação é assim exposta:

O que realmente se pretende é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele (BRASIL, 2007, p.13).

O objetivo explicitado no PROEJA é “ofertar uma educação básica sólida, em vínculo estreito com a formação profissional” (BRASIL, 2007, p.35), e é essa, portanto, a definição atribuída à formação integral: uma formação que vai além do atendimento às exigências do mercado de trabalho e que possa contemplar também as expectativas de continuidade dos estudos. Trazemos o conceito de formação integral exposto no Documento Base:

A formação assim pensada contribui para a integração social do educando, o que compreende o mundo do trabalho sem resumir-se a ele, assim como compreende a continuidade de estudos. Em síntese, a oferta organizada se faz orientada a proporcionar a formação de cidadãos-profissionais capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho, para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando à transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos especialmente os da classe trabalhadora (BRASIL, 2007, p. 35).

Essa integração é compreendida por Ramos (2010) em uma dimensão mais ampla, não apenas como forma de relacionar processos educativos, mas contemplando o sentido da formação humana a partir da integração de todas as dimensões da vida, sendo elas o trabalho, a ciência e a cultura. O propósito fundamental dessa formação é, portanto, proporcionar a compreensão das relações sociais de produção e do processo histórico e contraditório de desenvolvimento das forças produtivas assentado na concepção politécnica e omnilateral de formação dos trabalhadores.

A formação pretendida para os alunos do PROEJA almeja ultrapassar a dimensão laboral para contemplar a formação cidadã de forma que eles sejam capazes de atuar e intervir na sociedade em que vivem. O intuito do PROEJA, conforme descrito nas fundamentações do seu Documento Base, é enriquecer o conhecimento dos alunos lhes possibilitando outras referências culturais, históricas, sociais e laborais. Nos termos da concepção freiriana, terão oportunidade de ler o

mundo, estando nele e o compreendendo de maneira diferente da anterior à formação ofertada pelo PROEJA (BRASIL, 2007).

Os princípios que fundamentam o PROEJA têm suas origens nas teorias de educação geral e também nos estudos específicos para EJA, além das reflexões sobre teorias e práticas tanto no Ensino Médio, quanto na EJA e em cursos de formação da Rede Federal de Educação (BRASIL, 2007). Na sua formulação, o PROEJA utilizou-se de seis princípios que o definem enquanto programa e servem como orientação para que seja possível alcançar os resultados esperados com sua implantação.

O primeiro princípio refere-se à inclusão da população nas ofertas educacionais. Esse princípio se justifica pela intenção de possibilitar a inclusão dos jovens e adultos nos contextos educacionais, garantindo o acesso e a permanência desses sujeitos de maneira igualitária. Sobre isso, o Documento Base afirma que:

[...] a inclusão – precisa ser compreendida não apenas pelo acesso dos ausentes do direito à escola, mas questionando também as formas como essa inclusão tem sido feita, muitas vezes promovendo e produzindo exclusões dentro do sistema, quando não assegura a permanência e o sucesso dos alunos nas unidades escolares (BRASIL, 2007, p. 37).

A inclusão, nesse sentido, não se caracteriza apenas pela inserção dos jovens e adultos no ambiente escolar, mas se fundamenta na necessidade de superar as formas excludentes de inclusão, ou seja, as formas precárias de inclusão desses alunos de maneira que sua presença no ambiente escolar seja feita com a garantia de permanência e êxito.

Cabe destacar que, no Brasil, a população trabalhadora sempre foi submetida a situações de exclusão no que se refere à aquisição de conhecimento, sendo amparada apenas por uma formação destinada ao trabalho produtivo. Mesmo com os avanços no campo educacional e mudanças no modo capitalista de produção, a educação destinada aos trabalhadores continuou restrita às finalidades de leitura, escrita e aprendizagem de um ofício (CIAVATTA; RUMMERT, 2010).

As mesmas autoras acrescentam que “no mundo atual, o currículo escolar é uma peça importante para a participação de jovens e adultos nesse universo valorizado da ciência, da tecnologia e da cultura” (CIAVATTA; RUMMERT, 2010, p. 475). Dessa forma, a relevância do currículo integrado para EJA fundamenta-se na ideia de superar essa trajetória de exclusão e atendimento precário para esses jovens

e adultos trabalhadores, inserindo-os em espaços que possam contribuir para uma formação mais ampla, a partir de um currículo pensado para atender suas necessidades.

No segundo princípio, temos a inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos sistemas educacionais públicos. Aqui encontramos a perspectiva de assumir a educação como um direito, que deve ser estendido até o Ensino Médio (BRASIL, 2007). Esse princípio também corrobora com a proposta de inclusão, concebendo a EJA como um direito e sua oferta no sistema educacional público como um dever do Estado.

O terceiro princípio expõe a ampliação do direito à educação básica pela universalização do Ensino Médio. A formação humana é aqui entendida como algo que necessita de períodos mais longos, ou seja, não se faz em curto espaço de tempo, já que exigem a consolidação de saberes para a transformação do mundo (BRASIL, 2007). Por isso, é necessário alongar o tempo de permanência na escola para além do Ensino Fundamental, ampliando o acesso à educação básica.

O trabalho como princípio educativo corresponde ao quarto princípio apresentado pelo Documento Base do PROEJA, assim descrito:

A vinculação da escola média com a perspectiva do trabalho não se pauta pela relação com a ocupação profissional diretamente, mas pelo entendimento de que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho — ação transformadora no mundo, de si, para si e para outrem (BRASIL, 2007, p. 38).

A separação entre trabalho e educação foi efetivada a partir do desenvolvimento das sociedades de classes. Nessas sociedades, a relação entre trabalho e educação apresenta-se pelo afastamento entre escola e produção. Isso reflete a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual (SAVIANI, 2007).

No Brasil, a divisão entre trabalho manual e intelectual foi materializada também pela educação, que desde as suas primeiras experiências, já se configurava como elemento de distinção social, aprofundando as desigualdades e excluindo grande parte da população do acesso ao conhecimento. Romper com essa dualidade histórica representa um desafio, que para o PROEJA perpassa pela visão de trabalho como princípio educativo. Nas palavras de Frigotto (2005 a, p. 60-61), essa concepção é assim entendida:

O trabalho como princípio educativo, então, não é, primeiro e sobretudo, uma técnica didática ou metodológica no processo de aprendizagem, mas um princípio ético-político. Dentro desta perspectiva, o trabalho é, ao mesmo tempo, um dever e um direito. Um dever por ser justo que todos colaborem na produção dos bens materiais, culturais e simbólicos, fundamentais à produção da vida humana. Um direito pelo fato de o ser humano se constituir em um ser da natureza que necessita estabelecer, por sua ação consciente, um metabolismo com o meio natural, transformando em bens, para sua produção e reprodução.

Nesse sentido, o trabalho assume integração com a educação que busca romper com a visão de formação que atende aos interesses mercadológicos. O trabalho, nessa perspectiva, é entendido como elemento de formação do indivíduo e como constituinte de sua emancipação.

A pesquisa, como fundamento da formação, é o quinto princípio do PROEJA, entendida como a necessidade de compreender os modos de produção do conhecimento para avançar no entendimento da realidade, possibilitando a construção da autonomia intelectual dos sujeitos (BRASIL, 2007). Esse princípio representa a intenção do PROEJA de efetivar a formação ampla dos alunos de modo a garantir além do acesso ao ensino, também o contato com a pesquisa considerando a perspectiva de formação integral.

No sexto princípio, temos as condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais. Esse princípio expõe a necessidade de se trabalhar tais questões como parte da formação da identidade dos sujeitos/alunos. O Documento afirma que “outras categorias, para além da de “trabalhadores”, devem ser consideradas pelo fato de serem elas constituintes das identidades e não se separam, nem se dissociarem dos modos de ser e estar no mundo de jovens e adultos” (BRASIL, 2007, p. 38).

Os fundamentos, princípios e concepções do PROEJA indicam uma maior preocupação do poder público no atendimento aos sujeitos da EJA, o que revela mudanças na forma como essa modalidade de ensino é percebida e demonstra a intenção de repensar currículos e metodologias que sejam mais adequados para o atendimento das especificidades da Educação de Jovens e Adultos.

4.2 Currículo integrado no PROEJA

Um dos grandes problemas observados na EJA está na questão curricular. As políticas voltadas para esse campo educacional, pouco ou nada fizeram de concreto para garantir um currículo que atendesse as especificidades dessa modalidade de ensino. O que se verificou ao longo dos anos foi a adaptação do currículo do ensino regular nas turmas de EJA, ou simplesmente a utilização dos currículos do Ensino Fundamental e Médio sem preocupação com as particularidades dos alunos dessa modalidade de ensino.

Lampert (2011) afirma que a possibilidade de um currículo integrado para EJA representa uma inovação que busca aliar o conhecimento técnico com uma formação geral básica, uma formação que articula o conhecimento científico com o desenvolvimento de habilidades para o mundo do trabalho. Nessa perspectiva, Moreno (2012, p.132) também enfatiza que:

O currículo deve ser entendido como resultado das determinações culturais, situado historicamente e vinculado à totalidade social, facilitando o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da EJA. Quando o currículo nega essa perspectiva representa apenas questões técnicas e metodológicas, que não atendem a realidade dessa modalidade.

Já Oliveira e Machado (2010) analisam a integração entre EJA e EP numa dimensão menos otimista ao afirmar que ela não é uma tarefa fácil, pois essas duas realidades são campos distintos no contexto educacional brasileiro, embora lidem com o mesmo segmento social composto por aqueles que vivem do trabalho.

Para a EJA, se impõe a necessidade de pensar um currículo que atenda às suas singularidades. A ausência de um currículo específico contribui para agravar o desinteresse dos alunos, que muitas vezes não conseguem se adaptar e acabam, mais uma vez, abandonando a escola. Assim, a proposta de currículo integrado do PROEJA constitui um importante avanço no contexto das políticas educacionais para a Educação de Jovens e Adultos, pois materializar um currículo específico para essa modalidade de ensino é, sem dúvida, considerar as especificidades desses sujeitos que estão inseridos nesse contexto educacional.

Todas as particularidades do público da EJA colocam o currículo num patamar de grande dificuldade. Paiva (2004) entende que, sendo essa uma modalidade de ensino com características bastante próprias, a análise do currículo impõe o

enfrentamento de questões complexas. Isso talvez justifique, em grande parte, toda a trajetória de exclusão dessa modalidade de ensino, já que tal exigência impõe ao poder público ações mais sistemáticas e análises mais profundas para a solução do problema. Isso quer dizer que o momento atual exige novos direcionamentos para essa problemática. Nesse contexto, Cardoso (2014, p. 70) destaca que:

Atualmente, no cenário educacional, vem ocorrendo uma maior discussão em torno de uma forma específica de proposta curricular necessária aos novos tempos e às novas necessidades de formação do cidadão e do trabalhador, em que o currículo integrado tornou-se o ideário de novas propostas educacionais, principalmente de políticas públicas para a EJA.

O PROEJA leva a questão curricular da EJA a um novo direcionamento, que se fundamenta na integração com a educação básica, na modalidade de educação de jovens adultos e educação profissional. Portanto, seu objetivo é ofertar o currículo integrado para EJA. Esse currículo pensado para o PROEJA é definido com base na concepção exposta por Ciavatta (2005, p. 84):

Remetemos o termo [integrar] ao seu sentido de completude, de compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso, de tratar a educação como uma totalidade social, isto é, nas múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos [...]. Significa que buscamos enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos.

A integração curricular é entendida como a união dos saberes que se completam, considerando as múltiplas intercessões que caracterizam a educação. A compreensão é de educação na totalidade, tendo como base o trabalho como princípio educativo no intuito de romper com a histórica separação entre trabalho manual e intelectual, possibilitando uma formação cidadã e emancipatória. Esse “Currículo integrado é uma das formas que o Decreto nº 5.154 de 2004 sancionou para a integração entre educação básica e profissional” (COLONTONIO, 2010, p.10).

Caracterizando essa proposta de integração curricular, o Documento Base do PROEJA afirma que podemos entendê-la, no que se refere ao currículo, como a integração entre formação humana, formação para o ensino médio e para a formação profissional. Ou seja, representa a união entre teoria e prática, entre diferentes conteúdos, metodologias e práticas educativas (BRASIL, 2007).

Para atender os jovens e adultos no PROEJA, é preciso considerar as especificidades dessa modalidade educacional e também criar um vínculo entre EJA, EP e ensino médio (BRASIL, 2007). Assim, se faz necessário

[...] pensar um projeto educativo para além de segmentações e superposições que tão pouco revelam das possibilidades de ver mais complexamente a realidade e, por esse ponto de vista, pensar também a intervenção pedagógica (BRASIL, 2007, p. 41).

Desse modo, para contemplar a perspectiva de educação ao longo da vida pretendida pelo PROEJA, se faz necessário pensar novas estratégias de intervenção pedagógica que permitam a constituição de um currículo integrado que supere a fragmentação das disciplinas e oportunize uma educação mais ampla, a partir de uma concepção que contemple os conhecimentos formais e informais adquiridos não só nos espaços escolares, mas na convivência social e na experiências teóricas e práticas vivenciadas por esses sujeitos (BRASIL, 2007).

O Documento Base reconhece um grande desafio para o PROEJA que é a construção de uma identidade própria, “uma escola de e para jovens e adultos” (BRASIL, 2007, p. 42), visto que muitos espaços, durante muito tempo ficaram restritos para esses indivíduos. O Documento Base evidencia que essa questão:

[...] remete ao reconhecimento dos espaços de produção de saberes na sociedade, muitos deles interditados aos jovens e adultos para a fruição e acesso, como, por exemplo, os que possibilitam a vivência com bens culturais produzidos historicamente – disponíveis em museus, teatros, bibliotecas, cinemas, exposições de arte. Se esta precisa ser uma referência para o currículo do ensino médio com educação profissional, exige também reconhecer formas e manifestações culturais não-hegemônicas produzidas por grupos de menor prestígio social e, quase sempre, negadas e invisibilizadas na sociedade e na escola (BRASIL, 2007, p.42)

A negação de acesso aos espaços de produção dos saberes a esses jovens e adultos representa a exclusão e a maneira compensatória como a educação direcionada a esses sujeitos foi sistematizada. Nesse sentido, garantir acesso a esses espaços e reconhecer outras formas de saber e outros espaços de produção do conhecimento, se coloca como um grande obstáculo para o PROEJA.

A formação integral é compreendida na perspectiva de rompimento com a formação exclusiva para o mercado de trabalho, passando a levar em consideração outros saberes, produzidos em diversos espaços sociais, propondo uma formação que permita a compreensão do mundo (BRASIL, 2007)

O fundamental nesta proposta é atentar para as especificidades dos sujeitos da EJA, inclusive as especificidades geracionais. Por isso, é essencial conhecer esses sujeitos; ouvir e considerar suas histórias e seus saberes bem como suas condições concretas de existência. (BRASIL, 2007, p.43)

É preciso reconhecer as especificidades desses sujeitos, seus conhecimentos prévios, suas vivências no mundo para que, assim, seja possível consolidar a proposta de formação integral, de formação ao longo da vida e de formação humana e cidadã que fundamenta a proposta expressa pelo PROEJA.

Outra questão importante a considerar, quando se trata de EJA, são as características desses jovens e adultos. Conforme o Documento Base (2007), são sujeitos que se encontram na denominada distorção idade-série, com percurso escolar descontínuo e possuidores de saberes da prática adquiridas no exercício de atividades laborais e também no cotidiano. Geralmente são oriundos de situação social de risco, sendo muitas vezes a base de sustento da família e, por isso, dispõem de pouco tempo para se dedicar às atividades de estudo (BRASIL, 2007).

O projeto político pedagógico do PROEJA deve, portanto, contemplar a diversidade e especificidade dos sujeitos atendidos com essa política. Nesse sentido, o Documento Base expressa que:

Pensando essa política na esfera do ensino médio, é preciso ainda romper, de uma vez por todas, com a visão exclusivamente propedêutica dessa etapa de ensino. Principalmente, com a concepção de ser essa etapa *apenas* um curso preparatório para os exames vestibulares. Concepção esta, ainda tão predominante nas instituições de ensino médio. Em suma, há necessidade da ruptura paradigmática dos modelos de ensino médio bastante centrados nos conteúdos específicos e nas disciplinas (BRASIL, 2007, p. 45).

Daí se coloca outro grande desafio para o PROEJA: superar essa visão ou mesmo essa vocação propedêutica no ensino médio, de forma que seja possível efetivar o currículo integrado, que garanta uma formação geral e pelo trabalho seguindo o fundamento do trabalho como princípio educativo. A educação proposta pelo PROEJA parte do entendimento de que não se pode formar exclusivamente para o mundo do trabalho ou para o mundo da educação, mas é preciso convergir a um ponto de intersecção que contemple o aspecto técnico e o social culminando em uma dimensão sócio-laboral (BRASIL, 2007).

O alcance dessa dimensão sócio-laboral impõe ao PROEJA a necessidade de utilizar atividades político pedagógicas diferenciadas que atentem para a construção

de uma proposta de inclusão emancipatória, a partir da concepção do trabalho como princípio educativo, entendendo o trabalho como um direito e fator de construção da cidadania e a qualificação como base para o desenvolvimento social e como política de inclusão social (BRASIL, 2007).

A organização curricular do PROEJA é estruturada a partir de sete fundamentos político-pedagógicos:

- a) A integração curricular visando à qualificação social e profissional articulada à elevação da escolaridade, construída a partir de um processo democrático e participativo de discussão coletiva;
- b) A escola formadora de sujeitos articulada a um projeto coletivo de emancipação humana;
- c) A valorização dos diferentes saberes no processo educativo;
- d) A compreensão e consideração dos tempos e espaços de formação dos sujeitos da aprendizagem;
- e) A escola vinculada à realidade dos sujeitos;
- f) A autonomia e colaboração entre os sujeitos e o sistema nacional de ensino;
- g) O trabalho como princípio educativo (BRASIL, 2007, p. 47).

O currículo integrado, assim exposto, contempla a formação humana integrada a uma formação profissional. Com isso, pretende-se garantir aos sujeitos atendidos por essa política que seus saberes e experiências sejam considerados no processo de construção do conhecimento, com o intuito de ampliar a escolaridade e promover a inclusão e formação cidadã dos jovens e adultos.

A orientação curricular do PROEJA se baseia no que está proposto nas Diretrizes Curriculares para EJA. Sua intenção, no entanto, visa a superação dos modelos rígidos e disciplinares nos quais os currículos tradicionais se ancoram, através da contextualização da realidade dos jovens e adultos e o uso de metodologias dinâmicas, práticas inter e transdisciplinares e valorização dos saberes prévios dos alunos (BRASIL, 2007).

A definição de currículo no PROEJA possui características próprias e orienta-se pela construção de uma interlocução contínua com a realidade vivenciada pelos alunos. Essa definição é assim exposta no Documento Base (2007, p. 49):

Define-se, então, o currículo como um desenho pedagógico e sua correspondente organização institucional à qual articula dinamicamente experiências, trabalho, valores, ensino, prática, teoria, comunidade, concepções e saberes observando as características históricas, econômicas e socioculturais do meio em que o processo se desenvolve.

O currículo deve contemplar, não somente os saberes vivenciados em sala de aula, mas compreende-se e valoriza-se o contexto no qual esses alunos estão inseridos e busca-se integrar os saberes históricos e sociais com aqueles vivenciados no contexto escolar.

No que concerne à estrutura curricular, o Documento Base (2007) estabelece alguns aspectos que devem ser considerados na sua constituição:

- a) A concepção de homem como ser histórico-social que age sobre a natureza para satisfazer suas necessidades e, nessa ação produz conhecimentos como síntese da transformação da natureza e de si próprio (RAMOS, 2005, p. 114);
- b) A perspectiva integrada ou de totalidade a fim de superar a segmentação e desarticulação dos conteúdos;
- c) A incorporação de saberes sociais e dos fenômenos educativos extraescolares; “os conhecimentos e habilidades adquiridos pelo educando por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames” (BRASIL, 1996, §2º, Art. 38, LDB);
- d) A experiência do aluno na construção do conhecimento; trabalhar os conteúdos estabelecendo conexões com a realidade de educando, tornando-o mais participativo;
- e) O resgate da formação, participação, autonomia, criatividade e práticas pedagógicas emergentes dos docentes;
- f) A implicação subjetiva dos sujeitos da aprendizagem;
- g) A interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interculturalidade;
- h) A construção dinâmica e com participação;
- i) A prática de pesquisa (adaptado de MACHADO, 2005) (BRASIL, 2007, p. 49).

Tais aspectos situam-se no contexto de formação almejada pelo PROEJA, uma formação que compreende o homem como ser integral, participante do processo histórico-social e que se fundamenta pela formação integrada que contempla diferentes saberes e também integra a realidade dos alunos.

Para Moll (2010), um desafio no campo da organização do currículo no PROEJA é o de colocar em diálogo os saberes específicos da formação profissional, com as áreas clássicas dos conhecimentos, de modo a garantir uma formação que possibilite a compreensão do mundo e ao mesmo tempo que esses alunos possam compreender-se e inserir-se no mundo trabalho.

O currículo integrado no PROEJA, portanto, representa, por um lado, um avanço já que apresenta uma nova possibilidade para a EJA: a integração Ensino Médio e EPT. Mas, por outro, também representa um desafio, uma vez que atender às especificidades desses sujeitos e ao mesmo tempo promover essa formação integral não é algo que possa ser visto de forma simplista. A materialização desse

currículo exige, para sua efetivação, outros olhares, reflexões e, principalmente, outras práticas e ações.

5 O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROEJA NO IFPI-CAMPUS PICOS NA PERCEPÇÃO DE GESTORES E PROFESSORES

5.1 Percurso metodológico

Para responder aos objetivos do trabalho, na perspectiva de ampliar os conhecimentos sobre o processo de implementação do PROEJA no IFPI *campus* Picos, elegeu-se como caminho metodológico a abordagem qualitativa. Oliveira (2013) ressalta que existem diferentes entendimentos acerca da pesquisa qualitativa, sendo atualmente mais utilizada a expressão abordagem qualitativa. Seu conceito refere-se à utilização de métodos e técnicas que permitem compreender detalhadamente o objeto de estudo em seu contexto histórico ou segundo a sua organização a partir de um processo de reflexão e análise da realidade.

Tendo em vista a natureza desta pesquisa, utilizou-se como elemento investigativo, inicialmente, a revisão literária e documental na qual buscou-se, por meio da legislação que institui e fundamenta o PROEJA, bem como dos documentos institucionais que definem a sua materialização, e das teorias que discutem a proposta do PROEJA, reunir subsídios teóricos sobre o objeto de estudo visando sua melhor compreensão. Além disso, também foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada realizada com gestores e professores que atuaram ou atuam no PROEJA no *campus* Picos. Sobre a utilização de entrevistas em pesquisas de abordagem qualitativa na educação, Ludke e André (2017, p. 39) destacam que:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita permite o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal a íntima, assim como temas de natureza complexa [...].

Assim, a entrevista como instrumento de pesquisa permite um aprofundamento das questões analisadas ampliando a compreensão delas. Neste trabalho, optamos pela entrevista semiestruturada na qual utilizamos um roteiro pré-definido com questões elaboradas a partir dos objetivos a serem respondidos no trabalho.

No processo de escolha dos sujeitos da pesquisa, primeiramente foi feito levantamento junto a Coordenação de Controle Acadêmico do *campus*, de todos os professores e gestores que atuaram no PROEJA entre os anos de 2007 e 2017. Nesse levantamento foram identificados um quantitativo de 96 professores e a partir daí passamos a elencar os que estavam a mais tempo atuando no PROEJA. Nesse momento, foram encontradas dificuldades como a alta rotatividade dos professores, muitos já não se encontravam no *campus*. Foram selecionados um total de 15 e para dez desses foi enviado, através de e-mail, um convite para participação na pesquisa, no qual destacamos a temática e os objetivos da investigação. Ao final obtivemos retorno de cinco professores que manifestaram interesse em colaborar com o trabalho, no entanto, dois desses professores se encontravam em *campus* distantes da cidade de Picos, o que acabou inviabilizando a participação dos mesmos.

Os gestores foram identificados através de informações junto à atual gestão do *campus*, cabe ressaltar que neste grupo consideramos não somente os diretores gerais e de ensino, mas também os coordenadores de curso e os membros da equipe pedagógica, visto que eles também são responsáveis diretos pelo processo de implementação de ações no *campus*. Foram identificados neste grupo 12 gestores que poderiam contribuir com a pesquisa e também através de e-mail enviamos convite para oito deles. Desse número, seis responderam demonstrando interesse em contribuir, sendo possível realizar a entrevista com três deles, visto que dois já se encontravam aposentados, o que dificultou o contato, e um deles, apesar de aceitar o convite, destacou que não tinha muito conhecimento sobre Programa.

Ao final, os sujeitos da pesquisa foram três professores e três gestores. Destacamos que se optou por não os identificar no texto, assim, utilizamos os códigos G1, G2 e G3 para identificar os gestores e P1, P2 e P3, para identificar os professores. A sequência da numeração representa a ordem de realização das entrevistas.

No que se refere à coleta de dados, as entrevistas foram realizadas no período de setembro a dezembro de 2017, todas agendadas previamente através de contato por e-mail ou telefone, três entrevistas foram realizadas no *campus* Teresina central, atual lotação dos entrevistados, as outras três entrevistas foram realizadas no *campus* Picos. As entrevistas foram gravadas em meio digital e tiveram duração entre 30 e 48 minutos.

A análise dos dados foi feita com base no método da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e a partir das concepções de Moraes (1999). Sobre este Método, podemos entendê-lo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 44).

Desse modo, a Análise de Conteúdo contribui para uma melhor compreensão do cenário da pesquisa. Para Moraes (1999), esse método pode ser usado para descrever e interpretar qualquer classe de documentos ou textos e possibilita descrições sistemáticas qualitativas ou quantitativas auxiliando na interpretação de mensagens e na compreensão de seus significados.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas e as falas organizadas em um quadro que permitiu sua melhor visualização. A partir daí, iniciou-se a organização da análise. A definição das categorias de análise não foi feita *a priori*, e optou-se por defini-las somente a partir das falas dos entrevistados. A técnica de análise de conteúdo usada no tratamento dos dados foi a análise temática ou categorial.

Posteriormente à transcrição das entrevistas, foi feita a análise das falas, observando os aspectos que mais apareceram nos discursos, os quais foram transformadas em temas e a partir deles foram inicialmente constituídos eixos temáticos e posteriormente definidas as categorias e as respectivas subcategorias ou unidades de análise. O quadro abaixo sintetiza as categorias, unidades de análise e os aspectos que direcionaram as análises.

Quadro 1 - Categorias e unidades de análise

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS OU UNIDADES DE ANÁLISE	ASPECTOS QUE APARECERAM NAS FALAS DOS PROFESSORES
Implementação do PROEJA	- Implantação do PROEJA: percursos iniciais no contexto do <i>campus</i> Picos	- a lei exigiu - atendemos a um decreto - turmas heterogêneas - público diferenciado - Informática - estrutura que dispúnhamos

	- A inserção dos professores no PROEJA	<ul style="list-style-type: none"> - carga-horária incompleta - era a única professora - fui destacado - fomos quem desenvolvemos - participei da turma atual - soube ali
	- A formação dos profissionais	<ul style="list-style-type: none"> - nunca tinha trabalhado - tinha um conhecimento superficial - naquela época não - infelizmente não temos - nenhuma capacitação - ainda é algo falho
A materialização do PROEJA e suas configurações práticas	- A inserção dos alunos do PROEJA no <i>campus</i> Picos	<ul style="list-style-type: none"> - o curso era a noite - complexo - fica muito a desejar - pouca ou quase nenhuma
	- Trabalho docente e percepção da formação integral	<ul style="list-style-type: none"> - aluno não acompanha - é um desafio - sensibilidade - choque - insuficiente - prática - práticas pontuais
A avaliação do PROEJA na perspectiva de gestores e professores	Desafios e perspectivas para a consolidação do PROEJA no <i>campus</i> Picos	<ul style="list-style-type: none"> - oferta irregular - grande desafio - evasão - discriminação - reformulação dos currículos - de extrema importância - positivo
	O PROEJA como oportunidade	<ul style="list-style-type: none"> - formação profissional - oportunidade

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A análise aqui apresentada foi construída a partir dos dados obtidos nas entrevistas realizadas com os gestores e professores, que atuaram no programa entre os anos de 2007 e 2017. Também se constituem como elementos construtivos da análise os documentos que fundamentam o PROEJA, os documentos institucionais que trazem informações sobre a sua materialização no IFPI e no *Campus* Picos, bem como o referencial teórico utilizados nos capítulos anteriores, que nos permitiu compreender o PROEJA na sua perspectiva teórica e prática.

5.2 Descrição do IFPI *Campus Picos*

A cidade de Picos localiza-se a pouco mais de 300km da capital Teresina, na região denominada Vale do Rio Guaribas. É a terceira maior cidade do estado em número de habitantes, com uma população de 76.749 em 2016, de acordo com dados do IBGE. A cidade é uma grande produtora de mel na região, sendo conhecida como a “capital do mel”, e possui relevante importância econômica no Estado, com destaque para o setor de serviços e comércio. O município também apresenta importante relevância no campo educacional, destacando-se pelo grande número de escolas e instituições de educação superior, sendo referência regional nesse campo.

A implantação do IFPI na cidade de Picos, como mencionado anteriormente, se deu no ano de 2007, quando ainda era CEFET, estando, portanto, entre as cinco unidades mais antigas da instituição, atuando na cidade e região há 10 anos. Sobre a importância da presença do IFPI nas cidades do interior, o PDI (2015-2016) destaca:

A presença de um campus nesses territórios, além de promover a interiorização e abrangência da área de atuação do IFPI, garante não apenas a permanência do estudante em sua própria cidade de origem, como o seu deslocamento até o campus mais próximo, sem necessidade de fixar residência nessa cidade. Visa, sobretudo, à promoção do desenvolvimento socioeconômico regional, impulsionado pela elevação da escolaridade e o acesso aos níveis mais elevados do saber dos seus cidadãos, bem como à identificação da vocação produtiva, ao respeito e à preservação da cultura local e ambiental e, por conseguinte, à melhoria da qualidade de vida dos cidadãos (IFPI, 2014, p. 47).

O IFPI afirma, desse modo, o compromisso social de garantir educação de qualidade à população dessas regiões, com vistas não somente a garantir desenvolvimento social e econômico, mas principalmente elevar os saberes dos cidadãos respeitando as características culturais e ambientais do local no qual está inserido.

Atualmente, o *Campus Picos* oferece cursos técnicos de nível médio e concomitante/subsequente nas áreas de administração, eletrotécnica e informática, e cursos na modalidade PROEJA integrado ao médio e FIC. Além disso, também atua na oferta de cursos de nível superior nas áreas de física, química e análise e desenvolvimento de sistemas, bem como especialização em engenharia de software e ensino de física. Nesse contexto, assume o objetivo de atuar como instituição

pluricurricular atuando em diferentes níveis e modalidades de ensino conforme previsto na Lei 11.892/2008.

De acordo com dados do relatório de gestão 2008, ao iniciar suas atividades em 2007 o *campus* Picos contava com 240 alunos matriculados em cursos técnicos integrados ao médio e concomitante/subsequente. Já em 2008 passou ao quantitativo de 639 matrículas, o que configura uma grande aceitação da população local.

A presença do *campus* na cidade foi se consolidando ainda mais a partir de 2010 quando também passou a ofertar cursos superiores de tecnologia e licenciatura. Hoje o *campus* conta com 879 alunos matriculados, nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Sua estrutura física, no que se refere ao ensino, é composta de salas de aula, laboratórios, biblioteca, auditório, quadra poliesportiva e restaurante institucional. Além disso, em 2017, contempla um quadro humano composto por 127 servidores, sendo 76 docentes e 51 técnicos administrativos em educação.

Desse modo, o *campus* Picos vem atuando em educação na região do Vale do Rio Guaribas, validando a missão institucional de “promover uma educação de excelência, direcionada às demandas sociais” (IFPI, 2014, p. 20). Também atende ao previsto na Lei 11.892/2008 que expõe como finalidade dos Institutos Federais a formação e capacitação de profissionais nos vários níveis e modalidades de ensino, com prioridade para atuação na área de tecnologia nos vários setores da economia, em articulação com os ramos produtivos e a sociedade e com foco no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

5.3 A implementação do PROEJA

Em âmbito nacional, a implementação do PROEJA ocorreu sob formas diferentes de adesão e resistência que expressam por um lado, as contradições existentes na sua formulação e por outro a ausência de um debate mais amplo acerca da sua proposta. A presença do PROEJA no *campus* Picos também revela muitas dessas contradições e sua implementação, também se configurou um desafio diante da sua proposta inovadora. Apresentaremos alguns dos elementos que caracterizaram o processo de implementação do PROEJA no IFPI *campus* Picos.

5.3.1 Implantação: percursos iniciais no contexto do IFPI *campus* Picos

A chegada do PROEJA ao *campus* Picos insere-se no contexto da implementação da política instituída por meio do Decreto 5.840/06, que obrigou os Institutos Federais de Educação a ofertarem cursos técnicos integrados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. O mesmo decreto determinou que cursos e programas regulares do PROEJA fossem implantados até o ano de 2007 (BRASIL, 2006). Dessa forma, obedecendo a essa determinação, no segundo semestre de 2007, o *campus* Picos passou a ofertar cursos na modalidade PROEJA.

A entrada do PROEJA no *campus* Picos expressa sentimentos contraditórios que podem ser percebidos na fala de G1, então diretor geral do campus na época:

Na verdade, até hoje na escola, a coisa funciona meio que de cima pra baixo. Houve uma espécie de determinação, depois de reuniões do conselho superior da escola de dirigentes e a lei exigiu que houvesse a implantação do PROEJA com pelo menos 10% das vagas de cada Instituto, direcionadas ao PROEJA. Lá em Picos, então, pra seguir a lei, a gente tinha que ter pelo menos esses 10% [...] (G1).

Percebemos que o PROEJA chega ao *campus* Picos, não por meio de um anseio da comunidade escolar, mas sim em atendimento a uma determinação do MEC, o que revela imposição, ou seja, uma implantação verticalizada, já que não ocorreram debates e discussões acerca desse processo no *Campus*. A fala de G1 explicita, inicialmente, a não escolha do PROEJA, mas o simples cumprimento de uma exigência legal, o que pode ser fundamental para a compreensão dos caminhos delineados para o PROEJA no *campus* Picos, sobretudo no que se refere a não preparação do *campus* para receber essa nova modalidade de ensino.

Analisemos também o depoimento de G2 no que se refere à implantação do PROEJA no *campus*:

[...] nós atendemos a um decreto, 5.840, que diz que todos os campi deve ofertar no mínimo 10% das vagas para o PROEJA, então é um requisito legal da sua oferta e...mesmo que não fosse legalmente obrigatório, eu acho que as instituições devem desenvolver a sua, é...o seu papel social, possibilitando com que esses alunos que não tiveram acesso, ou mesmo que tiveram acesso por um determinado tempo mas não conseguiram uma formação, uma profissionalização [...] (G2).

Na fala de G2 também notamos que a entrada do PROEJA no *campus* se deu de forma impositiva em cumprimento ao estabelecido no Decreto 5.840/06, no

entanto, é possível perceber que G2 compreende o PROEJA não apenas como uma obrigação para o campus, mas também como o cumprimento de uma função social que é oportunizar a formação dos jovens e adultos.

O atendimento à previsão legal de oferta do PROEJA traz para os Institutos Federais um novo público que até então possuía pouca, ou nenhuma oportunidade de acesso a esse ambiente educacional. Sobre esta questão, Castro (2011) afirma que a Rede Federal de Educação Profissional consolidou o atendimento destinado à classe média uma vez que, tanto a forma de acesso, por meio de processos seletivos e a qualidade da educação ofertada, enfatiza sua proximidade do público com trajetória escolar regular. Também o Documento Base afirma que verificada a ausência de sujeitos com o perfil da EJA na Rede Federal, se faz necessário repensar as ofertas até então existentes e promover a inclusão dos mesmos, ainda que tardiamente visando romper com o ciclo de segregações na educação profissional e tecnológica (BRASIL, 2007).

Dessa forma, o PROEJA insere no contexto dos Institutos Federais esse novo público que implica novos direcionamentos. O desafio de atender esse público específico pode ser percebido nas falas dos gestores:

[...] o PROEJA tinha aquela característica de lidar com jovens e adultos e esse é talvez o maior problema que eu vejo no PROEJA, as turmas terminaram ficando muito heterogêneas, nós tínhamos alunos com 19 anos e alunos com mais de 60, alunos que tinham estudado há pouco tempo e alunos que há mais de 30 anos não sabiam o que era um banco escolar [...] (G1).

[...] a gente sabe que é um público totalmente diferenciado, que requer uma atenção maior né, por parte da instituição e dos profissionais envolvidos e a gente tem que lidar com todas essas, essas...não vou dizer dificuldades ocasionadas pelos estudantes, mas pela situação em que esses estudantes vivenciam por serem trabalhadores e por já terem parado há muito tempo de estudar, muitos retomaram os seus estudos já tinha 3, 5 até mais anos que não é...pisavam mais em instituições escolares pra realizar estudos de forma sistematizada [...] (G2).

[...] geralmente são pessoas de baixa renda, que tem...já só trabalham, dedicaram suas vidas desde muito jovens ao trabalho e pra incentiva-los e motiva-los a estudar é muito complicado [...] (G3).

Os alunos da EJA, com suas características particulares, chegam ao ambiente dos Institutos Federais e de certa forma rompem com um padrão existente nesse contexto. Lidar com esses jovens e adultos representa um desafio para essas instituições. Sobre essa questão, destacamos a percepção de Castro (2011, p.16):

A entrada desse público em uma instituição não mais destinada aos “pobres e desvalidados da sorte”, embora pública e gratuita, produziu uma realidade instigante e potencialmente rica no fomento de contradições não somente no âmbito da instituição, como também no questionamento da natureza do Estado e da Educação construída no Brasil. Diz-se, portanto, que, apesar dos limites do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), ele se constituiu e se constitui, na Rede Federal, em aspecto provocador de tensões em relação a uma cultura institucional hegemônica que ainda não se identifica com a Educação de Jovens e Adultos.

Esse desafio inicial também é representado nas percepções dos professores.

[...] é um público diferenciado, em relação as outras turmas, que é principalmente o Ensino Médio né, o que tinha mais na época, e dizer assim que é o público que ele vai tá lá durante o dia no trabalho e a noite aqui, ou então é a dona de casa que vai tá o dia inteiro cuidando de outras atividades e vai chegar aqui com um ritmo naturalmente diferente do aluno de 16, 15 anos que está no Ensino Médio e que a única preocupação é estudar (P3).

[...] eu não tinha ideia de como era o público né [...] (P2).

As falas dos gestores e professores expressam elementos desafiadores no trabalho com o público atendido pelo Programa. O retorno à escola após um longo período de afastamento, à necessidade de conciliar o tempo escolar com o trabalho, e às dificuldades relacionadas à aprendizagem, são algumas das situações que exige dos profissionais um olhar diferenciado para os alunos do PROEJA. Sobre esta questão, Moura e Pinheiro (2009) também destacam que esses sujeitos da EJA carregam características que os diferenciam fortemente dos demais, como a descontinuidades dos estudos, reprovações, dificuldades cognitivas e a necessidade de trabalhar para contribuir com a renda familiar ou garantir o sustento da mesma.

Todas essas características reforçam as dificuldades de entrada desse público no contexto dos Institutos Federais. No entanto, embora os gestores e professores do *campus* Picos destaquem as particularidades desse público, não há elementos que caracterizem rejeição a presença do PROEJA neste contexto. Porém, a chegada dos alunos do PROEJA vem carregada de tensões e desafios que até então não faziam parte do cotidiano dos Institutos Federais. No *campus* Picos, a presença desses sujeitos vem também possibilitar o enfrentamento de novas situações com as quais os profissionais nem sempre estão habituados a lidar.

Outro ponto importante a ser analisado nessa etapa inicial do processo de implantação do PROEJA no *campus* Picos é o que envolve a escolha do curso a ser

ofertado. Nesse sentido, o primeiro curso PROEJA ofertado no campus foi o curso técnico em Informática. Sobre esta escolha, G1 afirma:

[...] o curso que chamava a atenção da comunidade era o curso da área de informática, mas a gente já tinha imaginado que não podia ser na mesma área do curso já aplicado em Picos no Médio, que é desenvolvimento de software, por algumas razões. A primeira é que os alunos sentiam muita dificuldade nessa parte de desenvolvimento de software, então nosso PROEJA Informática seria informática mais básica destinado mais a operação de computadores [...] (G1).

Na fala de G1, identificamos que houve certa sensibilidade quanto à adaptação do curso à realidade dos alunos da EJA, buscando atender as especificidades do público em questão.

O documento base do PROEJA, ao tratar sobre a definição dos cursos, afirma que na sua estruturação, a escolha das áreas profissionais deverá, preferencialmente, contemplar as que tiverem congruência com as necessidades locais e regionais visando contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e cultural (BRASIL, 2007). Também o PDI (2010-2014) ressalta que:

Os cursos ofertados pelo IFPI têm seus projetos elaborados a partir de pesquisas que caracterizam o contexto no qual a Instituição está inserida, visando contribuir para o desenvolvimento local e regional, tendo como referência as finalidades dispostas na legislação citada. A construção do projeto pedagógico de cada curso deve valorizar as demandas sociais, econômicas e culturais, permeadas pelas questões relacionadas à diversidade cultural e à preservação ambiental. O ensino em todos os níveis e modalidades deve ser desenvolvido com o objetivo de exercer a função social que lhe é atribuída (IFPI, 2009, p. 55).

Nesse contexto, os elementos que caracterizaram a escolha do primeiro curso ofertado na modalidade PROEJA, pelo *campus* Picos, estão em conformidade com o previsto no Documento Base e nos documentos institucionais que tratam desta questão, uma vez que o curso escolhido contempla a demanda local e a cidade insere-se em um contexto econômico baseado principalmente na área de comércio e serviços.

No entanto, no que se refere à estrutura do *campus* para receber os alunos do PROEJA, G1 também acrescenta: “Recebemos com a estrutura de que dispúnhamos, que por sinal, na época, ainda era muito precária, nós sequer tínhamos as salas refrigeradas quando o *campus* começou [...]” (G1).

Desse modo, a chegada do PROEJA ao *campus* Picos não demandou nenhuma intervenção na estrutura física do *campus*. Apesar do relato da estruturação precária do *campus* à época, o curso disponibilizado inicialmente já era ofertado pela instituição na modalidade de Ensino Médio Integrado e concomitante/subsequente, já existiam laboratórios disponíveis no *campus*. Portanto, ao menos no que se refere à estrutura física, o *campus* não necessitou de nenhuma adaptação para desenvolver o trabalho com as turmas do PROEJA.

5.3.2 A Inserção dos professores no PROEJA

O percurso inicial do PROEJA no *campus* Picos configurou-se por alguns elementos desafiadores, um deles se refere à escolha dos professores para atuarem no Programa. As especificidades dos alunos da EJA exigem um olhar diferenciado por parte dos profissionais que desenvolvem o trabalho com essas turmas. Porém, as definições do PROEJA no *campus* Picos, não possibilitaram esse olhar. A fala de G1 e G3 nos permite compreender melhor esse processo:

[...] em relação a essa escolha, se deu de acordo com a formação dos horários, porque a gente não tinha professor exclusivo para o PROEJA, o professor do PROEJA era o mesmo professor do superior, era o mesmo professor do ensino médio integrado, do concomitante, que a gente tinha...podia fazer, era observar na hora da formatação do horário, essa divisão. Essa questão do horário lá, ele era organizado pelos coordenadores em reunião com os professores, eu pedia que eles debatessem entre si e fizessem o horário [...] (G1).

[...] eu vou falar de forma superficial do que eu vejo porque o diretor de ensino aqui da nossa instituição, ele é quem faz a lotação dos professores, eu entendo que cabe ao professor do PROEJA...não é feita uma...é...uma...mas eu vejo que o diretor deve perceber qual é aquele professor que já conhece mais a realidade do PROEJA...eu não sei lhe dizer assim com certeza que ele faça, mas pelo o que eu conheço dele ele vai procurar sempre ver aquele que tem mais afinidade, também às vezes é o que...a carga-horária do professor que está incompleta aí vai ser completa através das turmas de proeja né [...] (G3).

É possível perceber que não houve necessariamente escolha dos professores que iriam atuar no PROEJA, essa definição se deu de acordo com a disponibilidade de carga-horária dos mesmos. Embora G3 demonstre preocupação com a questão, ela se dá por meio da escolha dos profissionais que tenham mais afinidade com o PROEJA. A parte final de sua fala, ressalta que essa escolha se fundamenta

basicamente na disponibilidade de carga-horária. Também nas falas dos professores fica evidente que o processo de inserção apresenta desafios que carecem de atenção:

Como eu sou professora de língua inglesa, o período que eu fiquei no campus Picos, eu era a única professora de língua inglesa, então teve uma época que eu tinha 31 aulas. Então, Como eu era a única professora do campus, todas as turmas eram minhas, eu não tinha nem o que dizer, não posso, não posso nesse horário, todas as turmas eram minhas então eu ficava lá, lotada. E aí quando surgiu a turma de proeja, me informaram que tinha a disciplina de língua inglesa, fui, fui dar aula. Não tinha assim, escolher (P1).

[...] eu fui destacado pra lá, e eu fui [...] aqui todas as coordenações se juntam, antes de fechar o semestre, e escolhem as disciplinas que querem participar. Nesse primeiro momento, me colocaram, porque eu não participei da reunião, mas eu gostei e fiquei, fiquei pedindo pra continuar. Mas é feito por escolha, os professores escolhem, quando não ocorre mesmo assim, “não deu”, as disciplinas não foram bem distribuídas, aí você tem que jogar um professor lá [...] (P2).

Como podemos observar, os depoimentos também confirmam a problemática da inserção. A fala de P1 revela o primeiro momento, em que a escolha se dava principalmente pela necessidade do *campus* e disponibilidade do professor. Na época, o *campus* não dispunha de muitos professores, o que acarretava um acúmulo de aulas que sobrecarregava os mesmos, e nesse contexto o PROEJA surge como mais uma modalidade a ser atendida, mesmo em condições desafiadoras. Já P2 demonstra uma contradição, pois no início da sua fala ele afirma que foi destacado para o PROEJA, e em outro momento ele afirma que são feitas reuniões e os professores escolhem, indicando um processo mais democrático, no entanto, ao final da sua fala, fica claro que essa “escolha”, nem sempre é vivenciada.

Destacamos ainda outro momento da fala de G1, que expressa dificuldades em relação à inserção dos professores no PROEJA:

[...] De toda maneira, isso se mostrou uma situação complicada porque alguns professores, realmente, não tinham o menor traquejo pra lidar com o PROEJA, outros professores, depois eu notei que tinham, mas isso a gente só pode perceber depois que os professores já estavam escalados, com o andamento das atividades, e com o andamento das turmas de PROEJA é que essas alterações foram sendo efetuadas [...] (G1).

O excerto indica que esse processo apresentou desafios, pois nem todos os professores conseguiram desenvolver um bom trabalho e relacionamento com os alunos do PROEJA, o que ocasionou a substituição dos mesmos no decorrer do andamento das atividades.

A inserção dos professores também perpassa pela participação deles no processo de implementação. Nesse sentido, analisamos a participação dos mesmos na construção dos Projetos Pedagógicos de Cursos PROEJA. O Documento Base do Programa, ao tratar sobre a elaboração dos Projetos Pedagógicos, estabelece que é a partir da construção prévia do projeto pedagógico integrado único, que serão oferecidos os cursos e programas do PROEJA (BRASIL, 2007). Também no Documento Base destacamos que:

[...] independente da forma de organização e das estratégias adotadas para a construção do currículo integrado, torna-se imperativo o diálogo entre as experiências que estão em andamento, o diagnóstico das realidades e demandas locais e a existência de um planejamento construído e executado de maneira coletiva e democrática. Isso implica a necessidade de encontros pedagógicos periódicos de todos os sujeitos envolvidos no projeto, professores, alunos, gestores, servidores e comunidade (BRASIL, 2007, p. 51).

A análise dos documentos não permitiu compreender a participação dos professores no primeiro projeto de curso do PROEJA, já que não conseguimos ter acesso ao Projeto Pedagógico do Curso. O atual projeto utilizado no curso de informática foi reformulado em 2010, e sua construção se deu no próprio *campus* e contou com a participação de professores da parte propedêutica, técnica e membros da equipe pedagógica.

A fala dos professores acerca da participação em Projetos Pedagógicos dos Cursos PROEJA indica que, inicialmente, esse processo ocorreu de forma não articulada e com pouco envolvimento dos professores. No relato de P1 podemos constatar essa configuração inicial:

[...] Na verdade, eu me recordo assim, que me disseram que eu tinha que preparar uma ementa, né. E aí eu lembro que peguei a ementa do Médio mesmo, só que o Médio eram três anos de Inglês, o proeja eram 3 semestres de inglês. Então eu peguei a ementa do médio e sai afunilando, porque como essas pessoas já estavam longe da escola há um bom tempo, eu imaginei que eles teriam bastante dificuldades com o inglês, então eu peguei assim os conteúdos mais básicos e elaborei uma ementa baseado naquilo ali. Com base na ementa do Ensino Médio e das disciplinas de inglês instrumental dos cursos técnicos, então eu peguei uma coisa assim bem básica, como noções gerais (P1).

Já os professores P2 e P3, que fazem parte do contexto atual do *campus*, participaram ativamente da construção do Projeto Pedagógico do curso Técnico em

Comércio elaborado em 2017, no entanto suas falas apontam entraves na construção desses projetos:

Nós fomos quem desenvolvemos. Entrou... porque lá é o seguinte, agora quando se abre um PPC, projeto pedagógico de curso, então não é mais um campus, tem que ser todos, e aí foi feita uma comissão e só quem participou, dos 18, só quem participou fomos nós de picos, os outros todos tiveram problemas e não quiseram participar [...] (P2).

Eu participei da turma atual, que é o proeja médio integrado ao técnico em comercio, a gente teve a oportunidade de ajudar na elaboração do projeto, apesar de ainda não ter sido professor na turma, mas participei no projeto. Eu acho que ele foi um processo....ele não foi bem conduzido, né. Inicialmente pelas instâncias superiores por uma questão de prazo, foi estipulado um prazo que, na minha opinião, não foi suficiente. O segundo aspecto é que nós iríamos formar uma comissão local para dar uma singularidade ao curso e adequar a nossa realidade, né, e a orientação da pró-reitoria de ensino é que não, esse curso na verdade ele deveria ser construído por uma comissão multicampi, e que essa comissão determinaria um projeto que era como se ele fosse unificado que se um dia fosse utilizado em outro campus já estaria pronto [...] (P3).

Diante desses relatos, é possível perceber que atualmente tem ocorrido um maior envolvimento dos professores na elaboração de projetos pedagógicos de curso. Todavia, a dinâmica proposta pelo IFPI para a construção desses projetos tem impossibilitado o atendimento da realidade específica de cada *campus*, uma vez que os projetos são unificados. Tal dinâmica representa, de acordo com as falas dos professores, uma contradição, pois é impossível contemplar as especificidades locais em um único projeto para vários *campi* e isso pode comprometer a formatação de currículos e práticas que atentem para as especificidades dos alunos do PROEJA.

Enfim, acerca da participação dos professores na elaboração dos Projetos Pedagógicos, verificamos que ocorre a participação, embora as configurações atuais propostas pelo IFPI não possibilitem ampla discussão sobre este processo e não contemplem os anseios expressos pelos professores.

5.3.3 A formação dos profissionais

Entre os desafios vivenciados pelo PROEJA na sua implementação, é certo que a questão da formação dos profissionais que nele atuam tem grande relevância e impacto. Pensar a EJA exige necessariamente pensar a formação daqueles que são os sujeitos executores desta política. Nesse sentido, Arroyo (2006, p. 23) afirma que:

(...) o foco para se definir uma política para a educação de jovens e adultos e para a formação do educador da EJA deveria ser um projeto de formação que colocasse a ênfase para que os profissionais conhecessem bem quem são esses jovens e adultos, como se constroem como jovens e adultos e qual a história da construção desses jovens e adultos populares. Não é a história da construção de qualquer jovem, nem qualquer adulto. São jovens e adultos que têm uma trajetória muito específica, que vivenciam situações de opressão, exclusão, marginalização, condenados à sobrevivência, que buscam horizontes de liberdade e emancipação no trabalho e na educação.

Desse modo, reconhecendo as necessidades específicas do público atendido pelo PROEJA, o Documento Base delimitou ações para garantir a formação dos profissionais que atuam no programa. As instituições proponentes ficaram com a competência de proporcionar a formação de gestores e docentes de modo que lhes seja assegurado compreender as particularidades da Educação de Jovens e Adultos e sua relação com a Educação Profissional e o Ensino Médio (BRASIL, 2007). O Documento Base ainda acrescenta que:

A formação de professores e gestores objetiva a construção de um quadro de referência e a sistematização de concepções e práticas político-pedagógicas e metodológicas que orientem a continuidade do processo. Deve garantir a elaboração do planejamento das atividades do curso, a avaliação permanente do processo pedagógico e a socialização das experiências vivenciadas pelas turmas (BRASIL, 2007, p. 60).

Nota-se, pelas proposições do Documento, uma atenção especial à necessidade de formação dos profissionais envolvidos na execução do PROEJA. Para efetivar essa previsão, ainda de acordo com o Documento Base, foram criadas duas frentes de ação: a primeira por meio de um programa de formação continuada com um total de 120 horas, com no mínimo 40 horas iniciadas ao início do projeto, sob a responsabilidade das instituições proponentes, e uma segunda frente com programas de âmbito geral, fomentados ou organizados, pela SETEC/MEC. Além disso, a SETEC/MEC também ficou responsável por desenvolver programas especiais para a formação de formadores e para pesquisa em Educação de Jovens e Adultos, a partir de Programas de Especialização em educação de jovens e adultos.

O Documento Base ressalta ainda, como aspecto fundamental, que a implantação do PROEJA deve ser precedida por uma sólida formação continuada dos seus docentes para uma melhor compreensão das singularidades dos sujeitos da EJA (BRASIL, 2007). Ainda o mesmo Documento enfatiza que compete às instituições proponentes “proporcionar a gestores e docentes processos de formação que

permitam a compreensão das especificidades da Educação de Jovens e Adultos e sua relação com a educação profissional e o Ensino Médio” (BRASIL, 2007, p. 58).

No entanto, ao analisarmos os depoimentos dos entrevistados, notamos que cabe atenção especial no que concerne à formação, pois as configurações práticas distanciam-se muito daquilo que é apresentado nas proposições do PROEJA.

Os professores entrevistados, ao serem questionados sobre o conhecimento em relação ao PROEJA, relataram não possuir nenhum conhecimento sobre o Programa antes de iniciar o trabalho com essas turmas, conforme podemos perceber nas suas falas:

Não. Foi exatamente na época de implantação do programa pelo governo federal que o campus abriu essas turmas, aí foi quando eu tomei conhecimento. Porque o programa foi lançado acho que...acredito que em 2007/2008, e aí o campus abriu as turmas e a gente já começou a trabalhar. Soube ali né (P1).

Não, o proeja não, eu já ouvia falar do EJA, mas do proeja não. Não tinha conhecimento do programa. Não conhecia nada do programa [...] (P2).

Não. Só de ouvir falar, assim, que tinha a oferta no estado, alguma coisa assim, mas nada mais que isso, nunca tinha trabalhado com o programa em si [...] (P3).

Nos depoimentos dos gestores, notamos que, embora o PROEJA fosse uma novidade, já havia por parte deles conhecimento sobre a EJA, ainda que superficial:

[...] já conhecia a educação de jovens e adultos na rede municipal, mas o PROEJA que é o programa de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos foi ofertado nos institutos, e nós nos deparamos né, eu já me deparei com alguns desafios que estavam sendo vivenciados[...] (G2).

Não. Eu tinha um conhecimento superficial, porque antes de eu chegar aqui ao instituto eu era professora de escola particular, ensino médio, eu posso dizer que eu tive uma pequena experiência em dar aula pra jovens e adultos num período que eu fui professora substituta do estado, aí eu tive uma pequena experiência, e eu vi a dificuldade como é [...] (G3).

Ressalta-se a importância da formação quando atentamos para o fato de a maior parte dos entrevistados indicar que não possuía conhecimento sobre o PROEJA e, mesmo os que já conheciam a Educação de Jovens e Adultos, não estavam suficientemente preparados para lidar com um programa que integra EJA, EP e EM na perspectiva de formação humana integral, conforme apresentada na sua proposta. O trabalho no PROEJA exige conhecimento amplo sobre seus fundamentos e

princípios, sob a pena de não serem efetivados, ou, quando efetivados, seja de maneira precária.

No entanto, embora se evidencie a necessidade de formação dos profissionais, os relatos sobre esta questão apontam algumas contradições. Quando indagados sobre a participação em cursos de formação específico sobre o PROEJA, os professores assim expuseram:

Naquela época não. O primeiro curso de formação que eu ouvi falar, foi inclusive uma especialização oferecido pelo IFPI mesmo, mas só foi oferecido em 2010, então, na época não. Eu acho que na época, assim, explicaram um pouco assim, o que era, que era um programa do governo federal, que os IFs eram obrigados a ofertar, mas assim, alguma formação mesmo, não lembro. Eu acho que só explicaram assim, o que era. Que eram cursos de ensino médio, integrados a um curso técnico, como é o médio, só que eram pras pessoas que estavam fora da escola há muito tempo, foi essa a orientação que deram, pessoas que já estavam fora da escola há bastante tempo, ou estavam...não tinham finalizados os estudos da forma regular, vamos dizer assim. Mas...não, só isso (P1).

Não. Não temos. Infelizmente não temos. Tem em Teresina. Tem um curso que é periódico lá [...] Mas infelizmente nós não temos, assim...não é a falta de vontade do Instituto, o Instituto tem uma estrutura excelente, é um corpo administrativo e docente do mais alto gabarito aqui, mas não depende só da gente, tem que vir lá de cima também [...] (P2).

Não. Assim, nós não tivemos nenhuma capacitação, treinamento ou orientação mais didática de como conduzir aulas nesse público, não tivemos. É...e especialmente na minha formação que é bacharel, então vai muito da percepção, sensibilidade de tentar trabalhar...mas muito mais no empirismo do que a gente ter algum embasamento ou uma orientação, vamos dizer assim, mais pedagógica ou mais cientificamente trabalhada pra gente conduzir esse público (P3).

No relato dos professores, não houve oferta de cursos de formação sobre o PROEJA direcionado a eles e oferecido pelo *campus* Picos, as formações disponibilizadas ocorreram em Teresina, e ainda de acordo com as falas, elas não aconteceram antes do início dos cursos, mas somente depois, o que contradiz o exposto no documento base.

Nas falas dos gestores também é possível perceber algumas contradições sobre a oferta de formação para os profissionais do PROEJA:

[...] não houve em nem um campus da escola uma preparação dos professores para trabalhar nas turmas do PROEJA (G1).

[...]ele colocou à disposição não só dos gestores, mas também dos servidores de modo geral, uma pós graduação específica nessa área, mas já depois que havia iniciado o PROEJA, não anteriormente, todavia eu não pude participar dessa formação porque não tinha como coadunar os horários, além de gestor

e dava dezenove aulas por semana lá, a gente não tinha um quadro de professores, ainda era muito limitado, e eu estudava o mestrado e ainda ministrava dezenove aulas, então não pude participar dessa formação, que foi a formação que eu me lembro que ocorreu, uma especialização na área do PROEJA, e por sinal eram onze vagas e acho que só duas ou três pessoas se matricularam, lá do campus. Não havia tanto interesse dos servidores (G1).

[...]o que eu percebo e o que eu sempre percebi é que formação de professores, exclusivamente para o PROEJA no instituto, ainda é algo falho, ainda é algo que precisa ser mais incentivado, que as pessoas que trabalhem, os professores, os docentes e as pessoas que estão no entorno, digo, a coordenação pedagógica, todo o setor administrativo que trabalha também com esse público, deveria receber uma formação, específica, porque esse público é diferente do público que a gente tem do ensino médio, do superior, é um público que precisava mesmo as pessoas estudarem, compreenderem, terem mais noção do que é ser um jovem e adulto numa escola (G3).

Observamos que, num primeiro momento, G1 afirma não ter ocorrido nenhuma formação para os professores do PROEJA, posteriormente ele informa que ocorreu a oferta de uma especialização destinada a todos os servidores. As falas, portanto, são contraditórias e deixam dúvidas sobre o processo de formação dos profissionais que atuam no PROEJA. Por outro lado, o depoimento de G3 compreende a formação dos profissionais para o trabalho com o PROEJA como algo falho e que ainda carece de atenção por parte da instituição.

O PDI (2010-2014), documento institucional que trata da previsão de oferta de cursos de formação direcionados aos profissionais que atuam no PROEJA, apesar de citar como meta para o ensino a implementação e ampliação do PROEJA em todos os *campi*, não apresentou previsão de oferta de cursos de formação, nem mencionou a realização de nenhum curso direcionado aos profissionais do PROEJA. Já o PDI (2015-2019), atualmente em vigor, destacou que, em 2014 o IFPI ofertou uma especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) para 200 (duzentos) alunos, sendo sua oferta distribuída em quatro polos e, também no mesmo ano, foram ofertadas duzentas vagas para curso de aperfeiçoamento em PROEJA, no entanto, não há previsão no documento para oferta de cursos de formação nos próximos anos.

De acordo com informações do MEC¹, o IFPI apresentou projeto de curso de especialização *latu sensu* em PROEJA nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2009. Não constam informações sobre cursos de formação após este período, bem como dados

¹ Dados obtidos no site da instituição. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proeja/saiba-mais>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

sobre sua realização. Nas falas dos professores e gestores identificamos que ocorreu uma especialização em PROEJA em 2008. E pelas informações disponibilizadas no site institucional do IFPI, constatamos que ocorreu uma especialização em PROEJA no ano de 2014 e um curso de aperfeiçoamento na mesma área em 2015, o que confirma as informações disponibilizadas no PDI (2015-2019).

Desse modo, é possível perceber que a formação dos profissionais para o PROEJA tem ocorrido de maneira insuficiente e apresenta contradições que, em alguns aspectos, inviabiliza a participação dos profissionais. Um exemplo disso é que no edital da especialização PROEJA ofertada em 2014, verificamos que foram disponibilizadas vagas em quatro polos, mas somente um deles, o *campus* Teresina, ofertava cursos PROEJA nesse período, o que pode ter comprometido a participação dos profissionais que atuam nos *campi* mais distantes.

Como enfatizado anteriormente, os sujeitos da EJA carregam características próprias que exigem dos profissionais que atuam nessa modalidade educacional um olhar diferenciado. Não garantir a formação dos profissionais que atuam no PROEJA compromete a efetivação dos princípios que o fundamentam na perspectiva de construção do currículo integrado.

5.4 A materialização do PROEJA e suas configurações na prática

A análise da implementação do PROEJA no *Campus* Picos exige compreender as suas manifestações na prática. Observamos no primeiro momento que a chegada do PROEJA ao *campus* Picos trouxe alguns desafios e causou impactos que de certa forma desestruturaram um ambiente educacional direcionado ao atendimento de um público com características que se distanciam daquelas apresentadas pelos jovens e adultos contemplados pelo PROEJA. Cabe agora compreender melhor a efetivação desse programa focando na questão da inserção dos alunos, do trabalho docente, e na percepção da formação integral.

5.4.1 A inserção dos alunos do PROEJA no *Campus* Picos

Os sujeitos que demandam políticas como o PROEJA, conforme mencionado em outros momentos de nossa análise, apresentam características particulares, possuem outras formas de ver e compreender o mundo, influenciadas pelas

experiências concretas adquiridas ao longo da sua vida, seja em contextos escolares ou não.

Para analisar a presença destes sujeitos no *campus* Picos e compreender a sua inserção enquanto alunos do PROEJA, faz-se necessário, primeiramente, conhecer o perfil desses sujeitos. As informações aqui detalhadas foram adquiridas por meio do questionário socioeconômico preenchido pelos alunos no processo seletivo e disponibilizados pela Coordenação de Controle Acadêmico do *campus*. Analisamos os questionários de 56 alunos de duas turmas do PROEJA integrado ao médio dos cursos de Informática/2014 e Comércio/2017.

Os sujeitos das duas turmas analisadas atendidos pelo PROEJA no *campus* Picos são todos originários da escola pública, a maior parte deles, o correspondente a 71%, se autodeclaram pretos ou pardos e 76% possuem renda correspondente a até um salário mínimo. Outro aspecto importante observado é que a maior parte deles, 65 %, são jovens que têm entre 18 e 29 anos, 20% estão na faixa etária entre 30 e 40 anos e apenas 12% têm acima de 40 anos de idade, o que ratifica o descrito no Documento Base:

Um agravante na situação brasileira diz respeito à presença forte de jovens na EJA, em grande parte devido a problemas de não-permanência e insucesso no ensino fundamental “regular”. Embora se tenha equacionado praticamente o acesso para todas as crianças, não se conseguiu conferir qualidade às redes para garantir que essas crianças permaneçam e aprendam [...] (BRASIL, 2007, p. 10).

Outro aspecto observado é que grande parte desses jovens e adultos não trabalham, o correspondente a 55%, mas 36% deles trabalham e são os principais responsáveis pelo sustento da família. Além disso, sobre os motivos que os levaram a escolher o curso, 32% responderam que a motivação foi a opção por uma formação superior (melhor formação), outros 28% informaram que escolheram o curso por se identificarem com a área e 18% dos alunos alegaram que sua escolha se deu por conta da credibilidade da instituição. Também cabe aqui destacar que 69% dos alunos analisados são do sexo feminino e que 51% deles reside no bairro onde fica localizado o IFPI *campus* Picos, ou nas suas proximidades.

O perfil acima apresentado revela as características de uma parcela significativa da população brasileira que, por diferentes motivos, atualmente se encontra frequentando as turmas de EJA localizadas nas diferentes regiões do país.

Para compreendermos melhor a implementação do PROEJA no *campus* Picos, é necessário entender o lugar que esses sujeitos ocupam nesse espaço educacional e analisar as oportunidades inclusivas que são direcionadas a eles.

O primeiro princípio que fundamenta o PROEJA trata da inclusão dos jovens e adultos nas ofertas educacionais, inclusão essa que é entendida não somente como o direito ao acesso à escola, mas também pela garantia de permanência e sucesso desses alunos (BRASIL, 2007). Devem, portanto, ser proporcionadas aos alunos do PROEJA as mesmas oportunidades educacionais direcionadas aos demais alunos do *campus*, sob pena de cair sobre o que Kuenzer (2007) denomina de “inclusão excludente”, pois não é suficiente a garantia do acesso desse público através da matrícula, mas é preciso possibilitar a permanência por meio de políticas e ações pensadas para atender a realidade deles.

Os relatos dos professores demonstram dificuldades na inserção dos alunos do PROEJA nas atividades do *campus*, principalmente no desenvolvimento da pesquisa e extensão:

[...] se não me engano o curso era a noite, a gente não via esses alunos no campus em outro horário, eles iam apenas pra aula mesmo[...]eles não participavam de nenhuma outra atividade, ou porque não tinham tempo, ou porque não tinham interesse mesmo [...] (P1).

[...] pesquisa e extensão com alunos do proeja é um pouco complexo porque vai para o contra turno, e ir pro contra turno com eles não dá, porque já são ocupados [...] (P2).

Em relação à pesquisa eu acho que fica muito a desejar[...]Já na extensão eu acho que é a melhor forma de você trabalhar motivando o proeja[...]entretanto isso também é impedido por uma questão, impedido não, dificulta-se trabalhar porque você precisa deles aqui quatro da tarde pra desenvolver uma atividade, é bem complicado né [...] (P3).

Essas dificuldades também são relatadas nas falas dos gestores:

Sim, sim. Participavam. Pesquisa nem tanto, mas a extensão sim. De início a turma do PROEJA se sentia um peixe fora d'água. Primeiro porque a maioria dos cursos era a noite, então eles não viviam o dia a dia do campus, eles iam lá, estudavam à noite [...] (G1).

O campus ele desenvolve várias...vários projetos[...] Mas, a inserção desses alunos, pelo público né, de serem trabalhadores, dificulta né...dificulta[...]hoje com a educação semi-integral, tem alunos que chega aqui de manhã e saem praticamente a noite, coisa que pra um aluno da educação de jovens e adultos se torna né, praticamente impossível, pra sua grande maioria, pelo fato aqui já exposto, por trabalharem, por terem responsabilidades, pra cuidar dos filhos, de trabalhar, tantos os homens quanto as mulheres [...] (G2).

Eu acho...eu acredito que pelo fato de muitos deles não terem tempo durante o dia e as vezes os eventos que a gente tem aqui geralmente é no período diurno não é, então não percebo a presença, mas acredito, vejo né, que eles são sempre comunicados nas salas, as assistentes sociais estão sempre acompanhando né, vendo...acredito que eles de alguma forma tenham conhecimento, mas a inserção deles não vejo, não percebo[...]eu posso dizer que a inserção dos alunos é pouca ou quase nenhuma (G3).

Diante desses relatos, observamos que a inserção dos alunos do PROEJA no *campus* Picos tem apresentado entraves justificados, principalmente pela pouca disponibilidade de tempo dos alunos, por serem trabalhadores ou por necessitarem se dedicar a outras atividades que os impedem de estarem presentes no *campus* em outros horários.

Cabe destacar também que, embora a inserção dos alunos do PROEJA não venha ocorrendo de maneira significativa, os professores demonstraram procurar desenvolver atividades que possibilitem essa inserção. Na fala de P3 podemos denotar isso:

[...] Eu cito aqui nessa turma que a gente trabalhou, por exemplo, as visitas técnicas, se interessam bastante né, locais e também cheguei a fazer viagem com uma turma pra Teresina, conhecer empresas, fábricas, e eles gostaram demais, se envolveram demais na atividade, e teve um outro projeto em que eles abraçaram assim de uma maneira muito especial, foi um projeto chamado Gerenciando ideias, que a gente fez aqui em 2010, inclusive veio a receber o prêmio de melhor projeto de educação empreendedora do Brasil, que foi a gente fez uma capacitação com os alunos pra montarem suas empresas aqui, e eles fabricaram os produtos, criaram a empresa, criaram logomarca, fizeram toda uma parte de decoração e montaram stands aqui, nós tivemos uma feira com mais de dois mil participantes aqui e 23 mini empresas e dessas 2 eram do PROEJA [...] (P2).

As considerações dos gestores e professores demonstram que inserção dos alunos do PROEJA no *campus* Picos necessita de maior atenção. Embora as justificativas para sua não efetivação sejam aceitáveis, diante das especificidades do público, é preciso possibilitar a esses jovens e adultos todas as oportunidades que são oferecidas aos demais alunos, considerando às suas particularidades.

5.4.2 Trabalho docente e percepção da formação integral

Os professores que atuam na Rede Federal de Educação são desafiados a lidar com diferentes níveis e modalidades educacionais. Suas atividades docentes podem ser desenvolvidas no Ensino Médio Integrado, nos cursos técnicos

concomitante/subsequente, superiores, especializações e também nos cursos integrados ao médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Diante dessa diversidade de contextos, o trabalho docente torna-se ainda mais complexo, pois exige do profissional diversas habilidades e conhecimentos de modo que o seu trabalho pedagógico contemple cada situação específica.

Nos relatos, os professores apresentaram alguns entraves em relação ao trabalho com as turmas do PROEJA:

As principais dificuldades né, de tempo, eu não passava muitas tarefas pra fora de sala, eu fazia muita atividade em sala, porque se eu passasse pra fora, não iam fazer, e as dificuldades de conteúdo mesmo, da base. É, isso mesmo (P1).

[...] o aluno não acompanha, então você tem que focar no que é essencial, o que realmente vai servir pra vida dele, porque tem muito conteúdo ali que vai ser mais pra o aluno real do ensino médio, que tá na idade própria, que vai cursar um vestibular, não que o proeja não possa fazer isso, pode, mas se eu tô tendo dificuldade com uma turma em acompanhar o conteúdo, o que é melhor eu fazer? É eu parar, refletir sobre isso e tentar passar o máximo possível que aprenda ou que eu vou tá atropelando? (P2).

[...] se a educação em qualquer nível é um desafio eu acho que na educação de jovens e adultos é maior ainda [...] (P3).

Dentre as dificuldades apresentadas pelos professores, verificamos que a maior parte delas está relacionada à disponibilidade de tempo dos alunos e a problemas na questão da formação básica desses sujeitos que não conseguem acompanhar os conteúdos e carecem de metodologias específicas que contemplem suas individualidades.

No entanto, apesar dos relatos indicarem desafios que caracterizam o trabalho no PROEJA, também é possível perceber que os professores entrevistados conseguem compreender que os alunos do PROEJA apresentam realidades específicas, embora suas falas indiquem que nem todos os docentes compreendem as particularidades dos alunos o que compromete o processo de ensino-aprendizagem. A fala de P3 nos permite compreender melhor essa questão:

[...] nós tínhamos essa percepção de que oh...“desse conteúdo aqui o mais interessa a eles é isso”, e diferentemente a gente incluía algumas questões que a gente sabia que era importante pra eles e que não estavam no programa, então isso formalmente é um pouquinho complicado porque a gente não tá obedecendo a um script que tem aí, mas o professor que tem sensibilidade eu acho que...eu inclusive sou adepto dessa corrente, tem que esquecer às vezes um pouco o papel e ir pra o que faz diferença na vida do aluno. Então o que faz diferença na vida do aluno de Ensino Médio é

totalmente diferente do que faz diferença na vida do aluno de 50 anos, de 60 anos, do pai de família, de alguns avós, dona de casa[...] a gente comenta e ouve comentários...é que nem todos os colegas tem essa mesma percepção, então ele coloca numa linha de produção, tanto faz ele tá no médio, no superior, como no técnico, como no PROEJA, às vezes ele conduz de uma forma só e as respostas são diferentes e aí eu vi muitos colegas colocarem que lá no PROEJA eles não tinham o prazer de trabalhar por conta disso, porque o estímulo era dado e a resposta não vinha a contento, aí não é caso da gente entrar porque é coisa particular, mas às vezes é o estímulo que não está adequado ao público, né, e...assim...mas realmente é um desafio [...] (P3).

No excerto acima, P3 enfatiza a necessidade de os professores serem mais sensíveis às características dos alunos do PROEJA e de haver modos diferentes de trabalhar com cada público.

No depoimento de P2, igualmente podemos denotar aspectos ausentes na prática pedagógica dos professores que dificultam o trabalho no PROEJA.

Aqui tem inúmeros professores excelentes, excelentes, são caras do mais alto gabarito, mas quando você vê nos conselhos de classe os alunos líderes falando, você percebe que ele tá sendo a pessoa que tá ali ali com conhecimento pra passar, mas tá faltando relacionamento amigável, tá faltando o lado psicológico, tá faltando envolvimento, tá faltando despertar uma confiança, falta isso, e no PROEJA sem isso aí não dá (P2).

Outro momento da fala de P2 também ressalta a importância de observar as diferenças de cada público:

[...] eles já estão pelo menos há uns 10 anos sem estudar, aí chegam aqui, os professores que ainda não compreendem bem esse processo eles querem passar uma ementa como se passa no Ensino Médio ou superior, e criam um choque, porque não dá pra ter ritmo ainda, o aluno ele não consegue desenvolver um ritmo de ensino-aprendizagem assim forte como é o aluno do ensino médio [...] P2.

O professor demonstra na sua fala que o ritmo de aprendizagem dos alunos do Ensino Médio Integrado regular é completamente diferente daquele apresentado pelos alunos do PROEJA e que nem todos os professores conseguem compreender essa questão, o que acaba ocasionado problemas no trabalho pedagógico. Essa percepção está de acordo com o prescrito no Documento Base que compreende como aspecto irrenunciável à formação integral no PROEJA o compromisso de:

[...] assumir a EJA como um campo de conhecimento específico, o que implica investigar, entre outros aspectos, as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos; como produzem/produziram os conhecimentos que portam, suas lógicas, estratégias e táticas de resolver situações e enfrentar desafios; como articular os conhecimentos prévios

produzidos no seu estar no mundo àqueles disseminados pela cultura escolar; como interagir, como sujeitos de conhecimento, com os sujeitos professores, nessa relação de múltiplos aprendizados; de investigar, também, o papel do sujeito professor de EJA, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-o a novas buscas e conquistas — todos esses temas de fundamental importância na organização do trabalho pedagógico (BRASIL, 2007, p. 36).

A aprendizagem dos alunos da EJA tem configurações próprias e exige do professor direcionamentos específicos. É preciso considerar os conhecimentos que eles trazem, não na perspectiva de diminuir a qualidade do ensino ou de considerá-los inferiores aos demais alunos, mas de construir novas formas de aprender e ensinar.

Uma das finalidades dos cursos técnicos integrados é proporcionar a formação integral do educando. No Documento Base do PROEJA, essa perspectiva de formação integral enfatiza ainda a necessidade de os cursos técnicos integrados proporcionarem uma educação básica sólida vinculada de forma estreita com a formação profissional, constituindo a formação integral de forma que contribua para a integração social do aluno compreendendo o mundo trabalho, mas sem limitar-se a ele e ao mesmo tempo também contemplando a continuidade dos estudos (BRASIL, 2007).

Desse modo, a proposta do PROEJA é fundamentada a partir da integração entre EJA, EP e EM, o que torna necessário compreender como esse currículo integrado tem sido percebido pelos profissionais que atuam no Programa e de que maneira eles o têm materializado.

Nesse sentido, iniciamos a discussão sobre a formação integral apresentando as características dos currículos dos cursos PROEJA médio no *campus* Picos. Anteriormente, indicamos que o *campus* Picos iniciou a oferta de cursos PROEJA a partir de 2007. Nesse interstício, que vai desde a implantação até o ano de 2017, foram ofertados quatro cursos PROEJA médio, sendo eles: informática, administração, manutenção e suporte em informática e comércio.

Analisamos a proposta curricular dos cursos PROEJA através dos seus Projetos Pedagógicos de Curso. Procuramos identificar semelhanças e diferenças entre o currículo proposto para o Ensino Médio Integrado e para o PROEJA médio. Notamos que um dos aspectos que diferencia o currículo do PROEJA é a sua forma

de organização. Sobre a construção do currículo integrado o Documento Base afirma que:

É necessário, também, estabelecer a relação entre educação profissional, ensino médio e EJA, trançando os fios que entrelaçam a perspectiva de pensar, de forma integrada, um projeto educativo, para além de segmentações e superposições que tão pouco revelam das possibilidades de ver mais complexamente a realidade (BRASIL, 2007, p. 41).

Desse modo, o currículo do PROEJA contempla um projeto de formação ampla, que integra educação profissional, Ensino Médio e EJA e propõe a superação das segmentações que impedem uma compreensão mais ampla da realidade.

Ainda sobre organização dos currículos dos cursos PROEJA, o Documento Base afirma que a EJA possibilita a superação de modelos curriculares tradicionais marcados pela disciplinaridade e rigidez (BRASIL, 2007). Nesse sentido, o currículo do PROEJA pode ser organizado a partir de complexos temáticos, esquemas conceituais e resolução de problemas.

Na proposta de currículo apresentada pelos cursos PROEJA no *campus* Picos, a organização é feita por eixos temáticos nos quais se divide a formação técnica da formação geral. O que diferencia a estrutura curricular desses cursos é a carga-horária de cada disciplina e a total. Nos cursos PROEJA essa carga horária é menor, enquanto um curso de Ensino Médio Integrado possui carga horária média total de 3300 horas, a modalidade PROEJA contempla 2400 horas, o que faz com que a quantidade de disciplinas seja menor no PROEJA. No entanto, observamos que essa redução fez com que ocorresse a junção de várias disciplinas em uma só, pois os cursos têm a mesma duração, três anos. Outro aspecto que os difere é que a organização no PROEJA pode ser modular enquanto no Médio Integrado é anual.

Essa descrição geral dos currículos do PROEJA ressalta alguns elementos importantes para a sua compreensão na prática. A separação entre formação geral e formação técnica compromete a integração entre os diferentes saberes e a redução da carga-horária concentra vários campos do conhecimento em uma única disciplina, o que dificulta a aprendizagem dos alunos diante das dificuldades já expostas. A concepção de Lima Filho (2010, p.122), reforça alguns aspectos mencionados acima:

[...] o simples fato da persistência dessa caracterização e da dicotomia entre disciplinas da formação técnica e disciplinas da educação geral evidencia dificuldades de assimilação do conceito de integração e deslocamentos na implementação real do currículo integrado [...].

Nos depoimentos dos professores acerca da formação integral, podemos assimilar melhor as configurações do currículo integrado na prática. Nas falas de P1 e P2 é possível perceber algumas características sobre a formação integral:

Não. Não dava pra fazer. Assim, a gente até, em sala de aula, como a disciplina era de leitura, tentava levar muita coisa de leitura e a gente fazia muitas leituras, tentava fazer algumas discussões que fizessem eles comentar, conversar sobre o que eles pensavam, mas no final das contas não sobrava muito tempo pra isso, fazia uma atividade aqui rapidinho, mas era muito isolado, e até a integração com outras disciplinas não dava, porque o curso era de curta duração, as aulas eram mais curtas e ficava o conteúdo muito atravessado, no máximo o que a gente conseguia fazer era conversar alguma coisa em sala depois da leitura de um texto, mas era muito...era insuficiente na verdade (P1).

(...) eu procuro trazer tudo pra prática [...] todas as atividades são pensadas de forma prática, pra gente desenvolver a prática mesmo, e, como nós fizemos em conjunto com administração, o curso de administração né, todas as disciplinas que estão lá e conseguem se alinhar com a parte de informática, nós vamos correr juntos, eles vão está partindo pra parte, tanto teórica quanto prática e comigo vendo já na parte de sistemas mesmo. Então, é por isso que eu coloco como sendo uma atividade mais voltada para a prática. A cada seis meses nós vamos está desenvolvendo um mini projeto integrador, pegar tudo que foi passado, da parte específica, somente da parte específica, não dá propedêutica, pegar tudo e desenvolver uma ação em conjunto, vamos desenvolve um, projeto em conjunto [...] P2.

Nos depoimentos, notamos que, em termos práticos, a formação integral ainda não foi efetivamente concretizada. As dificuldades apresentadas por P1 retomam argumentos já expostos anteriormente para justificar as lacunas existentes na implementação do PROEJA. Já na exposição de P2, notamos que há o entendimento de que a formação integral se concretiza através do desenvolvimento de atividades práticas. Essa concepção também pode ser percebida na fala de P3:

[...] a gente vai dando dicas do dia a dia pra ele ir se sentindo seguro quando ele estiver no comércio, trabalhando, ou na empresa dele, então todas as atividades são pensadas de forma prática, pra gente desenvolver a prática mesmo [...] P2.

[...] eu acho que a gente tem que trabalhar mais nessa outra perspectiva de prática, de aprender fazendo que também é boa para o médio, mas muito mais produtiva para o proeja [...] P3.

Ao compreenderem a formação integral a partir da realização de atividades práticas, os professores correm o risco de conduzir essa formação apenas para o contexto da profissionalização, o que vai de encontro com as proposições do PROEJA que enfatiza a necessidade de abandonar a estreita perspectiva de formação para o

mercado de trabalho. Mesmo os professores que trabalham com as disciplinas técnicas, como é o caso de P2 e P3, devem compreender a formação integral de uma forma mais ampla. Nesse sentido, Ramos (2010) ressalta que não é possível a um projeto de EJA excluir o trabalho como realidade concreta da vida desses sujeitos; por outro lado, um projeto que considere o trabalho somente na sua dimensão econômica afasta o direito dessas pessoas se reconhecerem e plenamente se realizarem como seres humanos.

Outro trecho da fala de P3 caracteriza a formação integral desenvolvida no PROEJA:

[...] são algumas práticas pontuais que a gente ia colocando no decorrer das nossas aulas mas de uma forma muitas vezes nem muito planejada, ou como um projeto, ou trazer outros conteúdos, outros professores pra dentro disso, eu acho que isoladamente a gente tentou fazer o que foi possível, porém, eu acredito que se a gente tiver um corpo docente um pouco mais humano em relação a isso, a gente consegue fazer projetos que integrem conhecimentos e conteúdo de disciplinas, trabalhando a interdisciplinaridade de forma que a gente integre esse conteúdo e dá um resultado melhor até nas atividades [...] (P3).

Percebemos por meio da fala de P3 que não há atividades sistematizadas para realização da formação integral, e que, embora a proposta seja de currículo integrado, o que ocorre são movimentos individuais e pontuais que não são suficientes para garantir a sua efetivação. Os professores não conseguem desenvolver um trabalho coletivo que integre conhecimentos.

Portanto, diante dos desafios observados na realização do trabalho docente, sobretudo na perspectiva de garantir a formação integral dos alunos do PROEJA, cabe ampliar os debates acerca da formação integral e possibilitar uma melhor compreensão de seus fundamentos para que seja possível, de fato, garantir uma formação que promova a ressignificação do cotidiano desses jovens e adultos.

5.5 A avaliação do PROEJA pelos gestores e professores

O Decreto 5.840/06 e posteriormente o Documento Base do PROEJA estabeleceram os fundamentos do PROEJA na intenção de efetivá-lo como política pública educacional. No entanto, somente a partir da análise da efetivação na prática, que se faz possível compreender as suas dimensões. Desse modo, elencamos alguns aspectos observados nas falas que nos trazem uma avaliação do PROEJA no contexto do *campus* Picos.

5.5.1 Desafios e perspectivas para a consolidação do PROEJA no *campus* Picos

Como já mencionamos anteriormente, o PROEJA traz, de acordo com o seu Documento Base, a intenção de ser mais que um programa temporário, a perspectiva de consolidar-se como política pública para a EJA. No entanto, para que essa intenção seja realizada e ele possa, de fato, firmar-se permanentemente se faz necessário repensar alguns pontos de sua implementação e buscar uma reorientação em relação a muitos aspectos que caracterizam a sua constituição.

Quando indagados sobre os pontos positivos e negativos do PROEJA, os professores relataram aspectos importantes. Analisemos o depoimento de P1:

Assim, eu vejo o programa com muito bons olhos, eu gosto muito do PROEJA, eu gosto muito de trabalhar com gente que, que tá iniciando, eu gosto, eu me identifico muito com esse público, público que tá chegando e que tá vendo a disciplina pela primeira vez, ou que, enfim, não sabe muito e ali pode aprender um pouco, eu gosto muito desse público[...]Se a ofertar fosse mais regular, talvez esse efeito tivesse...a gente conseguisse ver esse efeito de uma forma melhor, mas como a oferta é tão irregular, a gente tem uma turma que se formou no ano passado, outra no ano retrasado, quando você vai avaliar vinte alunos que terminaram em uma turma, quinze, dez...porque no final as vezes não forma a turma toda, você termina tendo uma amostragem muito pequena pra dizer que isso mudou a vida de uma pessoa, embora possa ter mudado, uma, duas, cinco pessoas, né? Mas a gente termina não tendo muito resultado palpável, então esse seria um ponto negativo, não é uma oferta regular [...] (P1).

Na fala de P1, percebemos que o Programa é visto de forma positiva e que há afinidade para trabalhar com essas turmas. Por outro lado, destacamos um aspecto relevante sobre a implementação do PROEJA no *campus* Picos, que é a questão da oferta de turmas. Elencamos algumas informações presentes nos documentos institucionais que nos permitem compreender melhor este aspecto.

Como já mencionamos anteriormente, o curso técnico em informática foi o primeiro a ser efetivado, no segundo semestre de 2007, com a oferta de 40 vagas. Já em 2008, mais uma turma do PROEJA médio teve início no *campus*, sendo ofertadas mais 40 vagas no curso de administração. Em 2009, o campus ofereceu o curso técnico em manutenção e suporte em informática. Nesse primeiro momento, entre os anos de 2007 e 2009, o PROEJA foi ofertado no *campus* de forma regular, com uma turma a cada ano. Após 2009, a oferta diminui, sendo oferecida uma turma do curso de informática em 2014 e outra do curso técnico em comércio em 2017.

A análise da previsão de oferta de cursos PROEJA para o *campus* Picos, prevista no PDI (2010-2014), demonstra a expectativa de ampliação dessa oferta a partir de 2010, conforme mostra a figura abaixo.

Figura 2 - Previsão de oferta de cursos no *campus* Picos

Cursos	Modalidade	Turno	Vagas	Ano				
				2010	2011	2012	2013	2014
Banco de Dados	<i>Lato Sensu</i>		20	-	-	-	-	X
Ensino de Ciências	<i>Lato Sensu</i>		20	-	-	-	-	X
Matemática	Licenciatura		40	X	X	X	X	X
Física	Licenciatura		40	X	X	X	X	X
Administração	PROEJA		40	X	X	X	X	X
Informática	PROEJA		40	X	X	X	X	X
Manutenção e Suporte em Informática	PROEJA		40	-	X	X	X	X
Eletrotécnica	PROEJA/FIC		40	-	X		X	-
Alimentos	Superior de		40	-	X	X	X	X

Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional (2009, p. 84)

A previsão, de acordo com o PDI (2010-2014), era de oferta anual dos cursos técnico em Administração, Informática e manutenção e suporte em informática, com turmas simultâneas dos três cursos nos anos de 2011 a 2014. No entanto, essa previsão não se efetivou, dado que, a partir de 2010 a oferta do PROEJA no *campus* passou a ser realizada a cada três anos, com alternância de cursos. A efetivação da oferta de cursos PROEJA, entre os anos de 2007 a 2017, no *campus* Picos pode ser melhor visualizada no quadro abaixo.

Quadro 2 - Efetivação da oferta de cursos PROEJA médio no *Campus* Picos

Curso	Vagas	Ano				
		2007	2008	2009	2014	2017
Informática	40	X			X	
Administração	40		X			
Manutenção e Sup. em informática	40			X		
Comércio	40					X

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Assim, as informações sobre a previsão de cursos PROEJA médio no *campus* Picos e sua efetivação corroboram com a fala de P1 sobre a irregularidade da oferta, mesmo com a previsão no PDI (2010-2014), a oferta anual não se concretizou.

Destacamos também que o PDI (2015-2019) não contemplou a previsão de oferta para cursos PROEJA, o que representa uma falha que compromete a consolidação do Programa. Questionamos G2 sobre a previsão de oferta de cursos PROEJA para os próximos anos, já que não consta no PDI, e a resposta confirma a irregularidade das turmas, já que não há previsão para oferta do PROEJA Integrado ao Médio, apenas para PROEJA-FIC:

“Nós estamos agora oferecendo PROEJA comércio, e...a próxima turma a ser ofertada é PROEJA FIC na área de informática e também PROEJA FIC em eletricista instalador predial de baixa tensão” (G2).

Outros pontos destacados pelos professores enfatizam uma visão positiva que eles trazem sobre o Programa:

“Eu não vejo aspectos negativos no PROEJA, eu só vejo aspecto positivo. O único ponto assim, negativo que eu vejo é por faltar um programa nosso pra gente preparar os professores pra isso. É o único ponto negativo que eu vejo [...]” P2.

[...] é um desafio grande, mas que o retorno também é grande então vale a pena, na visão geral eu acho que vale a pena. Agora, tamanho é o desafio...eu acho que todo mundo teria que está um pouco mais preparado, vamos dizer assim, até nós mesmo, eu mesmo que já atuei entendeu... e a gente tentar mais uma sensibilização em sim, porque ninguém conhece a história deles [...] P3

Os depoimentos expressam que, apesar das dificuldades no trabalho com os alunos do PROEJA, os professores manifestam-se dispostos a atuarem com este público e avaliam o PROEJA de forma positiva. No entanto, seus depoimentos indicam alguns entraves que comprometem a efetivação do programa. A problemática da formação dos profissionais, já discutida anteriormente, é reforçada nas falas de P2 e P3. Destaca-se ainda na fala de P3 a necessidade de sensibilização no sentido de contemplar a realidade dos alunos.

Ainda sobre os desafios observados na efetivação do PROEJA no *campus* Picos foram elencadas outras questões expressas nos depoimentos de G1 e G2:

“[...] houve uma evasão muito grande nessas turmas iniciais do PROEJA [...]” (G1);

“Naturalmente, os cursos de educação de jovens e adultos eles apresentam um índice de evasão relativamente grande, é relativamente grande” [...] G2.

Na perspectiva dos gestores, algo que desafia a consolidação do PROEJA é o problema da evasão. Tal problemática revela a dificuldade de garantir a permanência desses jovens e adultos na escola porque, como afirma Lima Filho (2010), um dos grandes obstáculos que se coloca ao referido programa, não somente buscar a adesão dos sujeitos para que voltem a acreditar na possibilidade de concluir a escolarização básica, mas, uma vez que esses educandos já foram empurrados para fora da escola uma ou mais vezes, se faz necessário garantir as condições para que permaneçam e concluam seus estudos.

Outro aspecto que se configura como um obstáculo para o PROEJA no *campus* Picos é a superação do preconceito e dos estereótipos que acompanham o público da EJA. Nas falas de professores e gestores notamos a presença de situações que denotam essas situações:

[...]muitos professores não querem trabalhar, quando vão...não tem muito comprometimento, eles veem ali como...como foi que eu já ouvi minha gente? supletivo...assim esses comentários bem depreciativos “O que que o Instituto tá fazendo oferecendo esses cursos pra esse povo?” “Isso aí eles tinham que ir lá pra escola do estado”...esse tipo de comentários né? Esse é um ponto bastante negativo, do comprometimento de certos professores, que quando recebem uma turma do proeja não querem se comprometer, não ministram aula como deveriam ministrar, não porque tem que ser igual as turmas do Ensino Médio, mas porque eles poderiam chegar lá [...] (P1).

Então você vê a discriminação que tem até por parte das pessoas porque é muito visto como um público marginalizado, sem condição, coitadinho [...] (P2).

[...] O aluno do PROEJA inicialmente ele se sentia inferiorizado aos demais, isso acontece até aqui, até os dias de hoje é visível, eles se sentem [...] (G1).

Conforme discutimos anteriormente, a presença desse público em instituições consideradas de alto padrão de qualidade no campo educacional, como é o caso dos Institutos Federais, apresenta muitas implicações. A EJA carrega consigo as marcas da exclusão, a presença desses alunos causa estranhamento e resistência, seja por parte dos professores que precisam trabalhar com eles, ou mesmo por parte dos demais alunos da instituição, que não compreendem a dimensão da inclusão possibilitada pelo PROEJA.

Outro aspecto que apareceu nos depoimentos foi o currículo dos cursos PROEJA, percebido como algo que carece de reformulação. A fala de G1 expressa algumas contradições no que se refere ao currículo dos cursos PROEJA:

[...] E, é preciso fazer uma reformulação total nos currículos, tem que ser feito, porque o que se faz hoje termina sendo uma fantasia, você põe uma programação e você não tem como cumprir aquela programação prevista né. É impossível. [...] É lógico que a parte curricular tem que ser reformada, é fundamental, porque os alunos não acompanham o que tá ali. É preciso simplificar. O que é que é preciso que ele aprenda? É isso aqui...então vamos focar nisso, se ele aprender isso, já tá de bom tamanho. Ruim é fingir que tá ensinando aquele assunto, as vezes até colocar aquele assunto em aula, mas saber que o aluno não vai assimilar aquilo ali. Não adianta. É preciso que puxe um pouco mais pra realidade dele (G1).

Nota-se uma crítica direcionada principalmente aos conteúdos previstos nos currículos do PROEJA que não se adequam a realidade dos alunos e aponta-se a necessidade de reformulação dos mesmos, pois os conteúdos propostos nos programas geralmente não contemplam as peculiaridades dos sujeitos da EJA, não são pensados para esse público.

Por outro lado, é necessário enfatizar que mesmo diante dos obstáculos que se impõem à efetivação do PROEJA, professores e gestores compreendem a importância do programa. Nas falas de G1, G2, G3 e P1 podemos denotar isso:

[...] em princípio a gente pode pensar assim: o proeja é irrelevante pra instituição [...] Embora você ali sinta a dificuldade de passar o conhecimento pra eles, muitos se dedicam bastante, aqueles heróis, alunos heróis que ficaram até o final, eles conseguiram algum proveito com o curso. E sob essa égide, sob ótica eu aprovo a existência do PROEJA, mas sabendo que é preciso fazer reformulações que o tornem mais eficaz, mais interessante e que possa mudar mais a realidade carente que tem nesses campi do interior, principalmente, que a clientela geralmente paupérrima, qualquer possibilidade que você tem de mudar a vida dessas pessoas já é algo que valida a iniciativa [...] (G1).

[...] eu avalio como sendo de extrema importância, tanto que a gente sempre mantém pelo menos uma turma de proeja, acho que é o único campus que nunca deixou de ofertar PROEJA ou integrado ou proeja FIC, a gente sempre tem essa...tem a intenção de ofertar [...] (G2).

[...] um ponto positivo que eu acho, eu vejo, eu digo, eu garanto que é importante sim ter uma escola como o instituto federal que promova educação para jovens e adultos (G3).

[...] eu mesmo, particularmente eu acho um dos programas mais lindos que o governo federal criou por aquele decreto lá cinco mil...então, assim você tem a oportunidade de dar a uma pessoa dessa, que não teve lá na adolescência, no tempo dele, a condição de estudar, tá tendo agora e com uma profissionalização é muito lindo esse programa, eu acho muito lindo (P2).

[...] tomara que tenha cada vez menos público, ou seja, que nosso jovem tenha educação na idade certa, mas que o público que ainda não tá aí e que ainda não tem essa educação, acho que a gente tem que realmente correr atrás e desenvolver mais turmas, mais projetos porque vale a pena [...] (P3).

Diante dos relatos, é possível perceber que tanto gestores quanto professores consideram importante a oferta do PROEJA, mesmo reconhecendo a necessidade de reformulações em alguns aspectos do programa. Assim, a perspectiva é de manutenção do PROEJA no *campus* Picos, embora sua consolidação ainda demande o encaminhamento de ações mais específicas e uma maior atenção por parte da instituição.

5.5.2 O PROEJA como oportunidade

O PROEJA constitui-se como uma nova forma de pensar a Educação de Jovens Adultos a partir da integração entre formação geral e educação profissional na perspectiva de formação integral e de possibilitar a jovens e adultos trabalhadores a inclusão em contextos educacionais com elevado padrão de qualidade, no caso, os Institutos Federais de Educação.

O Documento Base destaca a importância de uma política direcionada à EJA que contemple a elevação da escolaridade com profissionalização no intuito de promover a inclusão sócio-laboral dos sujeitos demandatários dessa política que não puderam ter acesso à educação básica e formação profissional de qualidade (BRASIL, 2007).

O PROEJA surge e se modifica permeado de contradições em vários aspectos da sua constituição, no entanto pode possibilitar avanços no contexto da Educação de Jovens e adultos trabalhadores, principalmente no âmbito dos Institutos Federais, visto que sua intenção é superar a visão de trabalho alienante e a dualidade entre trabalho manual e intelectual. Nesse sentido, sua proposta pode ser compreendida como inovadora.

Desse modo, apesar das várias contradições observadas no processo de implementação do PROEJA no *campus* Picos, algo que chamou a atenção na fala de professores e gestores foi a percepção do programa como uma oportunidade, como podemos observar nos trechos abaixo:

[...] esse é um ponto positivo do programa que ele dá essa oportunidade pra essas pessoas que passaram algum tempo fora da escola, ou tiveram que deixar...enfim, não concluíram né? Diante das dificuldades e ele dá essa oportunidade pra essas pessoas. Porque é PROEJA, o EJA que é alfabetização ele também tem os seus pontos positivos, mas o PROEJA, porque aquela pessoa já está inserida no mercado de trabalho, de uma forma ou de outra ela já tá inserida no mercado de trabalho [...] (P1).

É por isso que eu acho um programa bonito, porque é realmente uma oportunidade, pra quem não teve, e hoje o governo está dando essa oportunidade [...] (P2).

[...] que eles possam voltar aos bancos escolares pra se profissionalizar né, eles...eles terem essa oportunidade de, ao mesmo tempo ter essa formação geral e ter também, né, essa formação profissional [...] (G2).

[...] é um público que tem toda uma carga sobre eles de tantas dificuldades, de tantos preconceitos, eles chegam...um adulto, um jovem, chegar a tal idade sem ter estudado, sem ter entrado na escola ainda, pra nós é muito...é estranho, mas pra eles, que não tiveram a oportunidade, e esse não houver essa oportunidade, como vai ser? (G3).

É uma oportunidade de escolarização para os jovens e adultos, através da profissionalização. Mas essa oportunidade não é vista somente na perspectiva de atendimento aos alunos que buscam o programa, mas também na ótica do professor. Nos depoimentos de P1 e P2 podemos observar melhor essa questão:

[...] Ponto positivo é a oportunidade que o proeja dá, né? A oportunidade de lidar com aluno de diferentes faixas etárias, de diferentes históricos [...] (P1).

[...] você tem a oportunidade de trabalhar com pessoas mais experientes, mais vividas e a gente entender um pouco daquela cultura, daquela cabeça, daquela realidade [...] (P3).

Os professores assimilam o PROEJA também como uma oportunidade de lidar com um público diferente, de ter contato com outra realidade, que se distâcia bastante daquela encontrada nas turmas ditas regulares do Ensino Médio Integrado ou de outros níveis educacionais atendidos pelo *campus* Picos. Mesmo diante de todos os óbices que se fazem presentes no trabalho com esses alunos, os profissionais percebem o PROEJA não somente como um desafio, mas também como uma possibilidade de ampliar conhecimentos e experiências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, observa-se no cenário brasileiro um grande avanço em relação à garantia do direito à educação. Ampliou-se a oferta de vagas nas escolas públicas e ocorreu considerável elevação da taxa de escolarização da população, principalmente na Educação Básica. No entanto, ainda persistem problemas em relação à garantia da qualidade da educação ofertada e no que concerne à permanência e sucesso dos alunos no contexto escolar, o que compromete a concretização do objetivo de universalizar o atendimento educacional, sobretudo no Ensino Médio. Essa situação reforça a necessidade de garantir a oferta da Educação de Jovens e Adultos.

Nas discussões expostas anteriormente, apresentamos o PROEJA como uma nova possibilidade para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Destacamos que sua proposta pretende ultrapassar a dimensão de Programa e efetivar-se como uma política educacional e, nesse sentido, visa garantir atendimento a jovens e adultos excluídos dos contextos escolares através da oferta de cursos integrados à Educação Profissional.

A partir da análise da legislação, documentos institucionais e da percepção de gestores e professores, buscamos compreender o processo de implementação do PROEJA no IFPI *Campus* Picos no período de 2007 a 2017. Nossa análise revelou entraves e contradições na efetivação do PROEJA nesse contexto.

O PROEJA chega ao *campus* Picos de maneira verticalizada. Não ocorreram discussões sobre a proposta do Programa antes da sua chegada, o que causou dificuldades, principalmente no trabalho com os alunos. Os Gestores e professores possuíam pouco ou nenhum conhecimento sobre o PROEJA ou mesmo sobre a Educação de Jovens e Adultos.

Um aspecto importante mencionado nas falas de todos os gestores e professores que colaboraram com a pesquisa foi a necessidade de formação dos profissionais. Já destacamos que o Documento Base do PROEJA entende a formação dos profissionais como elemento essencial. É necessário que os profissionais que atuam na EJA conheçam as especificidades desses alunos e, no caso particular do PROEJA, além disso, professores e gestores devem compreender a proposta de currículo integrado. Isso impõe ao Programa um desafio ainda maior, que não pode

ser superado caso não se garanta a formação dos profissionais envolvidos na sua materialização.

Nossa análise revelou que a formação dos profissionais do PROEJA apresenta lacunas. Nenhum dos interlocutores participou de formação específica direcionada ao trabalho com as turmas do PROEJA e todos mencionaram a necessidade de a instituição promover esses cursos. Constatamos que a última formação direcionada ao PROEJA, realizada pelo IFPI, ocorreu em 2015. Nesse sentido, consideramos a formação dos profissionais como insuficiente. Por outro lado, enfatizamos que cabe também ao próprio *campus* sistematizar atividades nesse sentido, o que da mesma forma não tem ocorrido. Desse modo, compreendemos que é preciso superar a lacuna da formação dos profissionais para que o PROEJA possa cumprir sua proposta.

A inserção dos alunos do PROEJA no *campus* Picos é outro tema que merece atenção. O PROEJA apresenta como um dos seus princípios a inclusão. No entanto, inferimos que tal princípio não tem se efetivado na prática. O *campus* Picos vem garantindo a oferta de cursos desde 2007, mas as falas de gestores e professores denotam uma inclusão precária dos alunos, justificada pela pouca disponibilidade de tempo para participação em atividades fora do seu turno escolar. Sobre este aspecto, enfatizamos ainda que a inclusão não se limita ao acesso, como já mencionamos anteriormente, pois incluir significa garantir, dentro das especificidades do público, às condições necessárias para a sua permanência e sucesso, ou seja, é necessário garantir que esses alunos estejam inseridos de uma maneira mais ampla, assim como os demais alunos que estudam na instituição.

O público atendido pelo PROEJA difere daquele o qual os profissionais que atuam nos Institutos Federais estão habituados a trabalhar. Os professores ressaltaram dificuldades no trabalho com essas turmas e elencaram a falta de sensibilidade e compreensão das especificidades dos alunos do PROEJA como elementos que dificultam o trabalho com essas turmas. Muitos professores desconsideram a realidade dos alunos do PROEJA e adotam o mesmo direcionamento dado ao Ensino Médio Integrado. Nessa mesma perspectiva, percebemos que a proposta de currículo para os cursos PROEJA não contempla suas particularidades. O currículo do Médio Integrado é adaptado para o PROEJA fazendo com que várias disciplinas sejam aglutinadas em uma só, o que causa sobrecarga de conteúdos.

A formação integral, do mesmo modo, apresenta desafios. Os professores compreendem essa formação na perspectiva de desenvolvimento de atividades práticas. Salientamos que a formação integral no PROEJA se fundamenta na integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, conforme exposto no Documento Base. Desse modo, este é outro aspecto observado no processo de implementação do PROEJA no *campus* Picos que necessita de reorientação. Cabe destacar, como citamos anteriormente, a necessidade dos professores compreenderem a concepção de currículo integrado, essa necessidade recai sobre outra também já mencionada anteriormente: a formação dos profissionais. Mesmo aqueles que já atuavam no Ensino Médio Integrado, antes do PROEJA, demonstraram conhecimento superficial sobre o currículo integrado.

Outras dificuldades observadas na implementação do PROEJA se referem à evasão, à necessidade de reformulação dos currículos e à superação do preconceito que a EJA carrega consigo. Sobre esta última, ressaltamos que, tanto professores quanto os demais alunos da instituição, de acordo com as falas dos entrevistados, percebem os alunos do PROEJA de forma preconceituosa e questionam a presença desses alunos no *campus*. Tal percepção deriva do próprio histórico das instituições federais de educação, um ambiente educacional seletivo que oferta uma educação de qualidade e não condiz com as fragilidades dos alunos da EJA e também das marcas históricas de exclusão e preconceito que acompanham o público da EJA.

Enfim, o processo de implementação do PROEJA no *campus* Picos apresenta muitos desafios. Embora professores e gestores compreendam a importância do Programa e considerem sua proposta positiva, observamos que os princípios orientadores do programa não foram efetivamente concretizados. Desse modo, é necessário que ocorram reformulações em muitos aspectos da sua materialização para que seja possível garantir ao público da EJA uma educação de qualidade. Cabe ainda destacar que as lacunas observadas nesta pesquisa fomentam o aprofundamento dos elementos que caracterizam o PROEJA. Outros estudos que considerem a perspectiva dos alunos, podem ser relevantes no sentido de ampliar os olhares sobre essa modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia A. **História da Educação e da Pedagogia – Geral e do Brasil**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006. 384p.

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de Jovens e Adultos. IN: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de educadores de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

_____. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9394/96. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 20 de dezembro de 1996.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 27 dez. 2017

_____. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 jul. 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. **Decreto nº 5.840, de 13 de julho 2006**. Institui, no âmbito federal, o **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA**, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 jul. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. – Brasília, DF: Inep, 2015.

_____. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 dez. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. MEC, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Documento Base.** 2007.

_____. **Portaria n. 2.080, de 13 de junho de 2005.** Estabelece diretrizes para a oferta de cursos de educação profissional na forma integrada aos cursos de ensino médio, na modalidade de educação de jovens e adultos – EJA. 2005. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2017. Acesso em: 04 jan. 2017.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Política educacional e organização da educação brasileira.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

CAIRES, Vanessa Guerra; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Educação Profissional Brasileira: da colônia ao PNE 2014-2024.** Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

CARDOSO, Keyllyanne Desterro. **O PROEJA e a formação do trabalhador: o currículo integrado em discussão.** Dissertação – São Luis, 2014. 145f.

CASTRO, Mad Ana Desiree Ribeiro de. **O processo de implantação e implementação do PROEJA no IFG – Campus Goiana: contradições, limites e perspectivas.** 2011. 244 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO PIAUÍ. **Relatório de Gestão 2008.** Teresina/PI, 2009.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise (orgs). **O ensino médio integrado.** Concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise Nogueira. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: Dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola,** Brasília, v. 5, n. 8, p. 27, jan. /jun., 2011.

CIAVATTA, Maria.; RUMMERT, Sônia Maria. **As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional.** Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p.461-480, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 jul. 2017.

COLONTONIO, Eloise Médice. **O currículo integrado do PROEJA: trabalho, cultura, ciência e tecnologia em tempos de semiformação.** Dissertação (mestrado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1996.

DI PIERRO, Maria Clara. Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005, p. 17-30.

DI PIERRO, Maria Clara. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Caderno CEDES. Ano XXI, n. 55, novembro de 2001.

FERREIRA, Luiz Olavo Fonseca. **Políticas Públicas para EJA no Brasil: o aumento do campo de atuação para os/as pedagogos/as**. Paidéia (Belo Horizonte), v. Ano 6, p. 13-38, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepção e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In: GAUDÊNCIO, F.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005 a. p. 57-82.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. **A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico controvertido**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 92, p. 1087-1113, Outubro. 2005 b. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Aug. 2017.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular e educação ao longo da vida**. Coletânea de Textos. Confinteia Brasil +6. Brasília: MEC/Secadi, 2016.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra por domicílios**. 2016. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php>. Acesso em: 5 fev. 2018.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2016-Notas estatísticas**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI). **Plano de Desenvolvimento Institucional (2015-2019)**. Teresina, 2014. Disponível em: <http://libra.ifpi.edu.br/aceso-a-informacao/institucional/ifpiPDI_20152019.pdf> Acesso em: 02 ago. 2017.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2010-2014)**. Teresina, 2009. Disponível em: <<https://www5.ifpi.edu.br/attachments/article/792/PDI.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente**. Educ. Soc., Campinas, v.28, n.100, p.1153-1178, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300024&lng=en&nrm=iso> Acesso em 07 Out. 2017

_____. **Educação e trabalho no Brasil:** o estado da questão. Brasília: INEP; Santiago: REDUC, 1991.

LAMPERT, Fernanda Gabriela. **PROEJA:** Mais Que Uma Possibilidade de Qualificação Profissional? 2011. 116f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do rio dos Sinos. São Leopoldo-RS, 2011.

LIMA FILHO, Domingos Leite. **O PROEJA em construção:** enfrentando desafios políticos e pedagógicos. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 35, n.1, p.109 - 127, jan./abr.2010.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: EPU, 2017.

MACHADO, Maria Margarida; OLIVEIRA, João Ferreira de (Orgs.). **A formação integrada do trabalhador:** desafios de um campo em construção. São Paulo: Xamã, 2010.

_____. A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública. In: MACHADO, Maria Margarida (org). **Em Aberto:** Educação de Jovens e Adultos. v. 22, n. 82. Brasília: INEP, nov. 2009. p. 17 – 39

MOLL, Jaqueline. PROEJA e democratização da educação básica. In MOLL, Jaqueline e colaboradores. **Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo:** desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em 10 jan. 2018.

MORENO, Sandra Antonielle Garcês. **PROEJA:** Entre Currículos e identidades. 2012. 159f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luiz -MA, 2012.

MOURA, Dante Henrique. EJA: Formação Técnica integrada ao Ensino médio. In: **Programa Salto para o futuro**. Boletim 07, 2006. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>:Acesso em: 02 ago. 2017>. Acesso em: 05 ago. 2017.

_____; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento. **PROEJA:** entre Desafios e possibilidades. Holos. v. 2, Natal, 2012. p. 105-113

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PAIVA, Jane. Concepção curricular para o Ensino Médio na modalidade de jovens e adultos: experiências como fundamento. In: FRIGOTTO; CIAVATTA (Orgs). **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília/DF: MEC. SEMTEC, 2004.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 7ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2015.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Paraná: Instituto Federal do Paraná, 2014.

_____. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

_____. Implicações Políticas e Pedagógicas da EJA integrada à Educação Profissional. **Educação e Realidade**, v. 35, p. 65-85, 2010

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973)**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RUMMERT, Sônia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI: o "novo" que reitera antiga destituição de direitos. **Revista de Ciências da Educação**, Lorena, SP, n. 2, p. 35-50, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigos/a-educacao-de-jovens-adultos-brasileiros-sec-xxi.pdf>>acesso em 20 jul. 2017.

_____. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI: O "novo" que reitera antiga destituição de direitos. **Sísifo: revista de ciências da educação**, n. 2, p. 43-45, jan./abr. 2007.

SANTOS, Simone Valdete dos. Sete lições sobre o Proeja. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.120-130.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr, 2007.

SILVA, Vania do Carmo Nóbile. **A implementação do Proeja na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**: visão dos gestores. Dissertação (Mestrado) Brasília/DF: Universidade de Brasília–UnB, 2010.

SOUZA, José Carlos Moreira de; MACHADO, Maria Margarida. O (não) lugar da educação dos jovens trabalhadores. **Educativa** (Goiânia. Online), v. 17, p. 149-174, 2014. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/3598/2097>. Acesso em: 20 ago. 2017.

VENTURA, Jaqueline Pereira. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**: a subalternidade reiterada. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro geral das entrevistas

GESTORES (Diretor geral, diretor de ensino, coordenadores de curso, coordenação pedagógica)

- 1- Fale sobre a forma como o PROEJA chegou ao IFPI campus Picos no ano de 2007, sobre as consultas realizadas e como o campus se manifestou diante do PROEJA (Para gestores dos primeiros anos do PROEJA)
- 2- Fale sobre como o Campus se estruturou para receber o PROEJA, sobre o que foi necessário ser alterado e incorporado. (Para gestores dos primeiros anos do PROEJA)
- 3- Comente as principais dificuldades encontradas na implementação do PROEJA no Campus.
- 4- Fale sobre a sua participação, se ela ocorreu nos cursos de formação sobre o PROEJA. Como você analisa essa formação.
- 5- Comente sobre o processo e escolha dos professores para atuarem no PROEJA. Esses professores participaram ou participam de alguma formação sobre o PROEJA, com que periodicidade.
- 7- De um modo geral, qual sua análise sobre o funcionamento do PROEJA no Campus. As dificuldades. Os aspectos positivos.
- 8- Acerca do trabalho, qual a perspectiva que você possui da relação dos professores com as turmas do PROEJA.
- 9- E os alunos do PROEJA no *Campus*. Fale sobre a inserção deles nas atividades do *campus* e sua participação em pesquisa e extensão.
- 10- Quais ações o *campus* tem realizado e que são voltadas especificamente para os cursos PROEJA? (Para os atuais gestores)
- 11- Como você analisa a importância da oferta de cursos PROEJA médio para o *campus*.

PROFESSORES

- 1- Há quanto tempo você trabalha com turmas do PROEJA médio? (Ou, quanto tempo você trabalhou em turmas do PROEJA? – Caso não trabalhe mais)
- 2- Antes de ser professor nas turmas do PROEJA você já conhecia o programa?

- 3- Além do PROEJA, que outros níveis e modalidades de ensino você trabalha (ou trabalhou) no Campus?
- 4- Comente sua inserção como professor do PROEJA. Como foi o processo.
- 5- Fale um pouco de sua participação em cursos de formação sobre o PROEJA. Sobre as orientações que recebeu em relação a proposta curricular do PROEJA, e como você tem se apropriado dessa formação.
- 6- Quanto à elaboração do projeto pedagógico do curso PROEJA como foi sua inserção.
- 7- Como você analisa a oferta de cursos PROEJA médio no IFPI Campus Picos.
- 8- Comente sobre os alunos do PROEJA médio do Campus Picos. De um modo geral, qual a relação que possui com eles, a disposição que eles manifestam e as dificuldades que apresentam.
- 9- No âmbito de suas atividades docentes com seus alunos do PROEJA tem ocorrido atividade de pesquisa e extensão, e como tem sido a participação deles.
- 10- Como você pensa a forma como você trabalha com as turmas do Ensino Médio Integrado (caso trabalhe) e as turmas do PROEJA médio.
- 11- Quais as principais dificuldades você encontra (ou encontrou) no trabalho com as turmas do PROEJA?
- 12- Quais aspectos positivos e negativos você considera no PROEJA?
- 13- Que atividades, ações ou práticas você desenvolve (ou desenvolveu) na sua disciplina com o intuito de garantir a formação integral dos alunos do PROEJA?

APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Política Educacional de formação de jovens e adultos: O processo de implementação do PROEJA no IFPI-Campus Picos entre os anos de 2007 e 2017”, sob a responsabilidade da pesquisadora Fernanda Pereira da Silva, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UNINOVE)/Mestrado interinstitucional em educação (MINTER) orientanda do prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho. A pesquisa tem como objetivo analisar o processo de implementação do PROEJA no IFPI-Campus Picos.

Sua participação é totalmente voluntária, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. A sua participação se efetivará através de respostas a uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para que não se percam detalhes importantes da sua fala. O material coletado através das entrevistas será utilizado exclusivamente em caráter científico, o acesso e análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu orientador. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo preservada em sigilo.

A pesquisadora compromete-se em esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou questionamento que você venha a ter no momento da pesquisa ou, posteriormente, através do telefone: (87) 99123-4515 ou pelo e-mail: fernandasilpe@gmail.com.

Este termo de consentimento é emitido em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você.

Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa, seus propósitos, procedimentos e garantias de confidencialidade e ter esclarecido minhas dúvidas, eu _____, concordo voluntariamente em participar deste estudo e autorizo a realização de entrevista sobre a temática proposta, podendo retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura

APENDICE C: Transcrição das entrevistas

Legenda:

E: Entrevistador.

G: Gestor entrevistado (G1, G2, G3)

P: Professor entrevistado (P1, P2, P3)

... : Pausas nas falas

(rs): Risos

[]: Interrupções.

TRANSCRIÇÃO G1

E: Para iniciar, eu gostaria que o professor falasse um pouco sobre como o PROEJA chegou lá no *campus* Picos, como foi esse início, se foi realizada alguma consulta com os gestores em relação a essa implantação do PROEJA, se o Campus manifestou interesse, como é que foi esse processo de chegada do PROEJA?

G1: Na verdade, até hoje na escola a coisa funciona meio que de cima pra baixo. Houve uma espécie de determinação, depois de reuniões do Conselho Superior da escola de dirigentes e a lei exigiu que houvesse a implantação do PROEJA com pelo menos 10% das vagas de cada Instituto, direcionadas ao PROEJA. Lá em Picos, então, pra seguir a lei, a gente tinha que ter pelo menos esses 10%, e o curso que chamava a atenção da comunidade era o curso da área de informática, mas a gente já tinha imaginado que não podia ser na mesma área do curso já aplicado em Picos no Médio, que é desenvolvimento de software, por algumas razões: a primeira é que os alunos sentiam muita dificuldade nessa parte de desenvolvimento de software, então nosso PROEJA Informática seria informática mais básica destinado mais a operação de computadores, e o PROEJA tinha aquela característica de lidar com jovens e adultos...e esse é talvez o maior problema que eu vejo no PROEJA: as turmas terminaram ficando muito heterogêneas. Nós tínhamos alunos com 19 anos e alunos com mais de 60, alunos que tinham estudado há pouco tempo e alunos que há mais de 30 anos não sabiam o que era um banco escolar, aliado a isso tinha a questão do pagamento de uma bolsa de R\$ 100,00 para os alunos, isso, talvez, tenha atraído muito mais alunos do que o curso em si. Terminou sendo, às vezes, enquanto um fator de atração, um fator negativo, por outro lado, porque o aluno passava a enxergar a

bolsa, não como um incentivo, mas como uma remuneração, como se ele tivesse indo estudar porque era pago. Eu escutava que, se o dinheiro da bolsa atrasasse, e isso acontecia com frequência porque o governo Federal nem sempre liberava a verba, o aluno dizia logo “eu não vou não, porque não “tão” me pagando pra ir assistir a aula”. Resultado, se eu não me engano, houve uma evasão muito grande nessas turmas iniciais do PROEJA e aliado a isso, não houve em nem um campus da escola uma preparação dos professores para trabalhar nas turmas do PROEJA.

E: E em relação a questão de estruturação. Como o campus se preparou para receber o PROEJA. Teve que fazer alguma adaptação, alguma adequação ou não?

G1: Não. Recebemos com a estrutura de que dispúnhamos, que por sinal, na época, ainda era muito precária, nós sequer tínhamos as salas refrigeradas quando o campus começou. Houve um...havia um problema burocrático para instalação de ar condicionado, aqui a engenharia só aceitava instalar ar condicionado se fosse fora das salas de aulas, nas chamadas guilhas, eles iam ser instalados no chão e de lá para as paredes, isso era um gasto altíssimo e pra fazer esse gasto, o campus tinha que fazer uma licitação e o campus não tinha autonomia para licitar, toda a licitação de todos os campi eram feitas aqui (Teresina), na sede que ficava “até o pescoço” porque ela tinha que fazer de todos os campi e a gente até terminou tendo que fazer um negócio diferente, nós fizemos uma dispensa de licitação, que é até 8 mil reais, e instalamos, contra a vontade da engenharia civil aqui, o pessoal da fiscalização. Nós instalamos os aparelhos de ar condicionado nas janelas, pra ter essa condição mínima de refrigeração. Ora, se a gente não tinha nem refrigeração adequada? você imagine outros eventos...agora, laboratório a gente já tinha alguma coisa interessante sim, pelo menos a parte de informática e de eletrotécnica os laboratórios estavam bem equipados, isso sim. Porque já havia ocorrido licitação antes até do campus ser inaugurado os projetos foram bem feitos, a equipe que antecedeu a gente, Cleide, Marcio Dias, Demerval, foi organizada nesse sentido e deixou preparado sim, é inegável que já estava pronto.

E: Certo. O professor até já comentou alguns aspectos, mas eu queria que aprofundasse mais em relação as principais dificuldades encontradas na implantação do PROEJA.

G1: Certo. [] Bom...a primeira foi a questão burocrática, de elaboração do projeto que tinha que ser feito tentando atender as especificidades locais, mas felizmente a equipe pedagógica lá, capitaneada pela Laureane, pela Enoi, mais tarde o Elisberto, que é o diretor, o Júnior, muito preparado, o Jaislan que tá aqui...era uma equipe muito, muito competente que me ajudava demais, me ajudava muito, muito mesmo. A primeira dificuldade foi essa, mas a dificuldade maior, é que os professores, via de regra, não são preparados para o PROEJA e eu posso falar isso por experiência própria, eu ministrei a minha disciplina, português numa turma de PROEJA e é muito complicado você lidar com aluno que acabou de terminar o ensino médio, porque tinha aluno que já tinha ensino médio fazendo o PROEJA e alunos que há 30 anos não pegava num livro. Você via a programação da língua portuguesa, ela era inadequada porque os alunos não tinham como acompanhar. Resultado, você era obrigado, em alguns casos, praticamente alfabetizar os alunos, em alguns casos. Você tinha que voltar muito e fugir daquele conteúdo programático. Lembro até que a gente recebeu dois professores de física lá, um que tinha doutorado em física quântica, que era o Andreilino, irmão do Maurizan, que foram até meus alunos aqui tempos atrás, e o Andreilino sentiu muita dificuldade, porque doutorado em física quântica, pra uma turma de PROEJA com alunos que tinham dificuldades até em ler e escrever. Esse tipo de dificuldade terminou favorecendo o índice de evasão que o curso teve, porque o aluno que já sabia alguma coisa, achava que voltar até o início e rever aqueles assuntos, era perda de tempo e mesmo aqueles que teimavam em ficar, aqueles que há muito tempo não estudavam, tinham dificuldades em acompanhar, isso acabou provocando muita evasão.

E: Professor, em relação a questão da participação, no caso, enquanto gestor, teve alguma formação em relação ao PROEJA?

G1: Olha, o prof. Marcio Aurélio, ele colocou à disposição não só dos gestores, mas também dos servidores de modo geral, uma pós graduação específica nessa área, mas já depois que havia iniciado o PROEJA, não anteriormente, todavia eu não pude participar dessa formação porque não tinha como coadunar os horários, além de gestor e dava dezenove aulas por semana lá, a gente não tinha um quadro de professores, ainda era muito limitado, e eu estudava o mestrado e ainda ministrava dezenove aulas, então não pude participar dessa formação, que foi a formação que

eu me recordo que ocorreu, uma especialização na área do PROEJA, e por sinal eram onze vagas e acho que só duas ou três pessoas se matricularam.

E: lá do campus?

G1: lá do campus. Não havia tanto interesse dos servidores.

E: E também no caso, não foi pra iniciar, já foi depois que havia iniciado a oferta?

G1: Já foi depois, a gente “tava” com mais ou menos um anos ou seis meses que havia iniciado.

E: Eu queria que o professor falasse um pouco sobre a questão do processo de escolha dos professores para atuarem no PROEJA, como é que foi esse processo? se eles receberam também alguma formação para poder trabalhar no PROEJA.

G1: Essa formação não houve. E em relação a essa escolha, se deu de acordo com a formação dos horários, porque a gente não tinha professor exclusivo para o PROEJA, o professor do PROEJA era o mesmo professor do superior, era o mesmo professor do ensino médio integrado, do concomitante, que a gente tinha...podia fazer, era observar na hora da formatação do horário, essa divisão. Essa questão do horário lá, ele era organizado pelos coordenadores em reunião com os professores, eu pedia que eles debatessem entre si e fizessem o horário. Quando chegava pra mim, eu só batia o martelo. Ou quando tinha alguma confusão de horário, eu chamava o professor ou outro. De toda maneira, isso se mostrou uma situação complicada porque alguns professores, realmente, não tinham o menor traquejo pra lidar com o PROEJA, outros professores, depois eu notei que tinham, mas isso a gente só pode perceber depois que os professores já estavam escalados, com o andamento das atividades, e com o andamento das turmas de proeja é que essas alterações foram sendo efetuadas. Realmente há professores que gostam de trabalhar com o proeja e que as turmas de proeja se dão bem com aqueles professores e há aqueles que efetivamente não...não combinam, não dá certo, mesmo que haja formação pra eles é possível que ainda continue dando errado. A gente vê preconceito, o nome corrente na escola para o EJA era “Eu Jamais Aprenderei”, dada a dificuldade que é ensinar a alguns alunos do EJA, ou do PROEJA que era o nome que a gente tinha dado. Então essa escolha ela inicialmente foi pela questão realmente dos horários, da disponibilidade de carga horária, de possibilidade. E só depois com o andamento é que a gente pode ir vendo, pontuando quem tinha mais jeito pra lidar com o Proeja, ou não.

E: Ah, certo

G1: Não é fácil fazer essa escolha, é muito, muito complicado.

E: É verdade. É um dos pontos críticos?

G1: Um ponto chave, não adianta. Tem gente que gosta muito de trabalhar com o Proeja, que a turma rende mais, e tem gente que não se adequa bem ao proeja, alguns professores são muito rigorosos, que vão seguir à risca aquele planejamento e são inflexíveis, o professor do proeja ele tem que ter uma certa flexibilidade, um jogo de cintura. No meu caso é até difícil, devido a minha forma física (rs). Mas até que eu tinha um certo jogo de cintura com o proeja, porque a gente tem que ir com essa compreensão, que essa turma eu não poder cobrar o que eu cobro, infelizmente é assim.

E: É diferente né?

G1: Não é igual, não dá pra ser, não tem como, é impossível.

E: verdade.

E: Professor, eu queria que o senhor falasse, de uma maneira geral, fizesse uma análise do funcionamento do PROEJA lá no campus, nesse período. Uma análise geral, pode falar sobre as dificuldades, os aspectos positivos.

G1: Acho que algumas dificuldades, elas...primeiro a dificuldade institucional. Você é obrigado a colocar 10% das vagas para o proeja, era, não sei se a lei ainda é assim, mas antigamente era...isso é uma obrigação para o instituto, não para o campus, mas praticamente não existia proeja no IFPI, então Picos colaborou porque teve até acima desses 10% de vagas. A questão da bolsa paga aos alunos é uma faca de dois gumes. A questão da preparação dos professores, essa é ponto...ponto chave. E, é preciso fazer uma reformulação total nos currículos, tem que ser feito, porque o que se faz hoje termina sendo uma fantasia, você põe uma programação e você não tem como cumprir aquela programação prevista né. É impossível. Até a parte de material. Naquela época que foi implantado o PROEJA sequer a gente tinha um material, por que os livros que iam para Picos, eram o que estavam sobrando aqui (Teresina), e geralmente eram insuficientes pra lá.

E: Eram insuficientes até pra o Médio integrado?

G1: Isso, só depois é que a gente passou a ganhar diretamente do governo os livros. Então nos primeiros anos nem sequer a gente tinha esse material, que dirá para o PROEJA. O que se via para o PROEJA lá era material apostilado, criado por cada

professor, sem uma organização específica, nada. E às vezes até sem atentar para a realidade deles. É lógico que a parte curricular tem que ser reformada, é fundamental, porque os alunos não acompanham o que tá ali. É preciso simplificar. O que é que é preciso que ele aprenda? É isso aqui...então vamos focar nisso, se ele aprender isso, já tá de bom tamanho. Ruim é fingir que tá ensinando aquele assunto, as vezes até colocar aquele assunto em aula, mas saber que o aluno não vai assimilar aquilo ali. Não adianta. É preciso que puxe um pouco mais pra realidade dele.

E: Verdade

E: É...Essa questão agora, o professor até já destacou alguns aspectos, mas eu queria que reforçasse mais essa questão, em relação ao trabalho dos professores, enquanto gestor, como é que o professor analisa o trabalho dos professores no PROEJA.

G1: Olha, a maioria deles para mim foram grandes heróis, os colegas lá...porque entraram sem nenhuma preparação, simplesmente foi assim: você vai pegar a turma tal, o nível é PROEJA. A equipe pedagógica de Picos ainda fez algumas reuniões, explicou o que era o PROEJA, mas ainda assim era algo insuficiente, e eles tiveram que se virar nos trinta e aprender a lidar com o PROEJA na prática. Por sorte a grande maioria da equipe, já tinha alguma vivência de educação, uma parte grande da equipe, não toda, e conseguia através da convivência ir melhorando e aperfeiçoando seus métodos de ensino né. Aqueles mais flexíveis, sobretudo, conseguiam isso, boa parte, porém não conseguiu, o índice de reprovação terminava sendo alto e isso contribuía para uma evasão alta também. Muitos alunos só ficavam também no curso por conta da bendita bolsa. “Não, vou sair porque tem a bolsa” A bolsa terminava sendo um complemento à renda desse aluno. E quando o estímulo que ele tem é só esse, o estímulo em aprender fica relegado a segundo plano, isso acontece. Então o professor que sabe...que aprendeu a lidar com isso na marra, como os professores lá, pra mim é o herói. O bandido talvez tenha sido eu, ou alguém que tá ainda acima de mim, que disse ó, bota o curso lá e te vira, e foi assim que a gente fez, colocou o curso e os coitados dos professores tiveram que se rebolar pra aprender a lidar com aquilo. Muitos se saíram muito bem, esses são heróis e os que não se saíram não são culpados. Acho que o lado menos culpado aí é o do aluno e do professor. Essa política de Proeja também não vem do diretor de ensino ou do reitor, é uma política nacional, o MEC hoje ele prefere números, quantidade a qualidade. O indicador é o número, ah

vamos formar tantos alunos nisso, mas vão formar de qualquer jeito... qualidade vai pra último plano, infelizmente.

E: Com certeza. Em relação a questão dos alunos, queria que o professor falasse um pouco da inserção deles nas atividades do campus. Como era? De uma maneira geral eles participavam de outras atividades que não fosse só o ensino?

G1: Sim, sim. Participavam. Pesquisa nem tanto, mas a extensão sim. De início a turma do PROEJA se sentia um peixe fora d'água. Primeiro porque a maioria dos cursos era a noite, então eles não viviam o dia a dia do campus, eles iam lá, estudavam a noite. Na época o bairro pantanal onde fica o instituto, era...a questão de transporte era complexa, não era simples. Era isolado, bem afastado da cidade, hoje já tem linha de ônibus que não falha, na época falhava muito, então tinha esse agravante que, digamos assim, atrapalhava. O aluno do PROEJA inicialmente ele se sentia inferiorizado aos demais, isso acontece até aqui, até os dias de hoje é visível, eles se sentem. Assim como muitos do PRONATEC também ainda se sentem como se não fossem alunos, porque cursos como o proeja, não são extensão, são ensino, mas são encarados muitas vezes como se fossem simples extensões né. Agora, dada a individualidade de alguns alunos, o PROEJA terminou aparecendo bem no campus picos. Nós tínhamos lá um senhor já de idade, não me recordo agora o nome dele, que ele escrevia pro jornal, e todo evento que havia no campus ele fazia questão de estar à frente e junto ele carregava a turma do PROEJA de informática que foi essa primeira turma. Mas isso não se deu porque a gestão ou os professores estimulavam, se deu porque os alunos tinham essa iniciativa, e quando eu digo "os", principalmente esse que era quem guiava o grupo todo. Foi uma situação fortuita, não foi nada que essa integração ocorresse porque havia de nós, enquanto gestão, e eu me ponho como culpado nisso aí, de incentivar esse tipo de evento. Ocasionalmente a gente tinha eventos no auditório, tivemos feiras na área e empreendedorismo que terminava agregando todas as áreas do campus e o PROEJA era incluído.

E: Certo. Mas não teve, nesse período, nada mais direcionado pra esses alunos, especificamente?

G1: Que eu me recorde não. Já faz algum tempo também, não consigo recordar não.

E: Pronto. Então pra gente finalizar, eu gostaria que o professor falasse, de acordo com a experiência que o professor teve na gestão, como é que o senhor vê essa importância. Qual seria a importância da oferta do PROEJA?

G1: Olha, era assim...em princípio a gente pode pensar assim: o proeja é irrelevante pra instituição, ele...os alunos não saem preparados para o mercado de trabalho, mas essa é uma visão equivocada. Se a gente conseguir, numa turma de quarenta que cinco entrem no mercado de trabalho, e isso aconteceu lá, e muitas vezes na área de formação, já é uma grande vitória, a gente já contribuiu pra mudar a vida de alguém. Você pegar alguém que tem trinta anos que não senta no banco escolar e colocar pra estudar, você tá rejuvenescendo essas pessoas todas. Embora você ali sinta a dificuldade de passar o conhecimento pra eles, muitos se dedicam bastante, aqueles heróis, alunos heróis que ficaram até o final, eles conseguiram algum proveito com o curso. E sob essa égide, sob ótica eu aprovo a existência do PROEJA, mas sabendo que é preciso fazer reformulações que o tornem mais eficaz, mais interessante e que possa mudar mais a realidade carente que tem nesses campi do interior, principalmente, que a clientela geralmente paupérrima, qualquer possibilidade que você tem de mudar a vida dessas pessoas já é algo que valida a iniciativa. Os resultados não vão aparece com um ou dois anos porque é só com o tempo que esses cursos vão sendo lapidados e vão poder melhorar e nada é de curto prazo, talvez os frutos aí venham a longo prazo, essas turmas que se formaram já estão dando algum resultado, pelo menos eu soube de alguns que conseguiram progredir, eu sei porque eu tenho familiares na região de picos, ainda ando lá de vez em quando, meu pai é de uma cidadezinha próximo a picos, Chico Santos, tinha muito aluno de Chico Santos lá também inclusive no PROEJA. Nós tínhamos terceirizados que a noite eram alunos do proeja e eles melhoraram muito, aprenderam muita coisa, alguns chegaram a fazer o Enem e entrar na universidade[...]um deles lá eu me lembro que fazia um curso a noite e foi graças ao PROEJA, ainda não sendo o PROEJA que a gente gostaria que fosse.

E: O professor gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o PROEJA?

G1: Não. Eu acho que tá tudo posto aí.

E. Obrigada.

TRANSCRIÇÃO G2

E: Para iniciar, pensando nesse período que você está no campus, desde de 2009, comente um pouco, as dificuldades que foram encontradas, que você observou nesse período, em relação a implementação do PROEJA.

G2: Certo. Quando eu cheguei no campus Picos, já havia né...já estava sendo ofertado um curso do PROEJA e eu comecei a me inteirar do programa, já conhecia a Educação de Jovens e Adultos na rede municipal, mas o PROEJA, que é o Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos foi ofertado nos institutos, e nós nos deparamos né...eu já me deparei com alguns desafios que estavam sendo vivenciados. A gente sabe que é um público totalmente diferenciado, que requer uma atenção maior né, por parte da instituição e dos profissionais envolvidos, e a gente tem que lidar com todas essas...essas...não vou dizer dificuldades ocasionadas pelos estudantes, mas pela situação que esses estudantes vivenciam por serem trabalhadores e por já terem parado há muito tempo de estudar, muitos retomaram os seus estudos já tinha 3, 5, até mais anos que não é...pisavam mais em instituições escolares pra realizar estudos de forma sistematizada. E outra dificuldade, ou desafio, a gente ouvia muito que os profissionais nunca estão preparados o suficiente pra trabalhar uma metodologia dinâmica, ao mesmo tempo que não perca a qualidade, adaptar de certa forma os conteúdos, torna-los acessíveis né, através de uma metodologia e de material específico.

E: Em relação a esse período que você está aqui no campus, você chegou a participar de algum curso de formação sobre o proeja e se participou, como é que você analisa essa formação?

G2: É, na rede municipal, onde eu trabalhei muito tempo na rede municipal, a gente participava de vários cursos de formação, voltados mesmo pra nossa área de atuação, eu era na época professor do ensino fundamental. E posteriormente né, eu tive a oportunidade de ministrar, eu trabalhei num programa de formação de professores alfabetizadores e a gente, é...via varia questões relacionadas a didática. Então, nesse cursos que a gente ministrava na rede municipal é, fazia recortes, a gente aproveitava parte dessa aprendizagem que era pra professores alfabetizadores mas que tinha uma perspectiva mais ampla e eu participei como facilitador de programas, de projetos né, de carga horaria mais elevada, de 80 horas, o município sempre possibilitava para os professores da educação de jovens e adultos, e quando eu cheguei estava sendo formatado um projeto de formação de professores, tanto pra rede municipal, quanto para os professores que atuavam aqui no proeja porque estava sendo feita uma parceria entre o município de picos e o IFPI pra a oferta de um proeja FIC em

instalações elétricas prediais, só que, é...tratava-se de uma parceria em que os alunos estudavam todas as disciplinas do ensino fundamental, eram alunos ainda do ensino fundamental né, que eles estudavam na EJA e um dia por semana eles vinham pra o Instituto para as disciplinas específicas. Então, anteriormente ao funcionamento, ao início dessa parceria houve uma capacitação, a gente ministrou algumas disciplinas de formação desses professores.

E: Ok. Em relação a questão da escolha dos professores para atuarem no PROEJA. Como é feita essa escolha aqui no *campus*? E também se os professores participam ou já participaram de algum processo de formação em relação ao PROEJA.

G2: É, falando especificamente desse proeja FIC, os professores eram os próprios professores da rede municipal e como se tratava de instalação elétrica predial, os professores eram os professores dessas áreas, não tinha como a instituição fazer escolhas porque todos os professores que trabalhavam na área de eletrotécnica eles é...trabalharam no PROEJA, na verdade três professores na época trabalharam com proeja FIC e dois participaram dessa formação.

E: De maneira geral, qual é a sua análise sobre o funcionamento do PROEJA no campus. Você até já comentou alguns aspectos, mas gostaria que reforçasse quais aspectos positivos e dificuldades em relação ao PROEJA aqui no campus.

G2: Certo. Eu acho que o aspecto positivo né, em primeiro lugar que nós atendemos a um decreto, 5840, que diz que todos os campi deve ofertar no mínimo 10% das vagas para o proeja, então é um requisito legal da sua oferta e...mesmo que não fosse legalmente obrigatório, eu acho que as instituições devem desenvolver a sua, é... o seu papel social, possibilitando com que esses alunos que não tiveram acesso, ou mesmo que tiveram acesso por um determinado tempo mas não conseguiram uma formação, uma profissionalização, que eles possam voltar aos bancos escolares pra se profissionalizar né, eles...eles terem essa oportunidade de, ao mesmo tempo ter essa formação geral e ter também, né, essa formação profissional. Naturalmente, os curso de educação de jovens e adultos eles apresentam um índice de evasão relativamente grande, é relativamente grande, e pelas avaliações que a gente sempre fazia, reuniões com os professores, com a coordenação, as vezes até com os líderes também, a gente fazia as representações as eleições pra representante, e a gente pegava várias informações né, pra saber o porquê, muitos não conseguiam...no relato

de professores tinham um conhecimento acadêmico aquém do que se esperava né, pouco tempo pra estudos, pra se dedicar aos estudos porque muitos deles já vinham diretamente do trabalho, eram donas de casa que tinham todos os afazeres domésticos de cuidar de filhos e casa, enfim, muitas atribuições que lhes roubavam o tempo que...o tempo pra o estudo como uma educação profissional exige né, um tempo muito maior pra se dedicar.

E: Em relação a questão a questão do trabalho. Como você vê o trabalho dos professores no PROEJA? Como é essa relação dos professores com as turmas, com os alunos?

G2: Olha, atualmente nós temos, atualmente, um grupo de professores que trabalham com o proeja que já tem uma visão totalmente mais humanizada, que reconhece essa importância, que são sensíveis né, a essa necessidade de qualificação...o proeja que está sendo ofertado atualmente é o proeja comercio, então o professor fez um estudo, fez um levantamento dessa necessidade...um trabalho bem mais amplo né, e dentro da perspectiva de oferta de cursos é necessário que se faça esse estudo pra conhecer quais são as demandas, pra ver se o campus está atendendo aos arranjos produtivos locais e diante desse estudo ele constatou que seria esse curso, a oferta do curso proeja em comercio que a gente pudesse obter mais êxito, e a gente vai guardando grandes expectativas né, recentemente eu conversei até com um dos professores e até o presente momento o índice de evasão ele tem sido menor né, se a gente comprar o mesmo período de anos anteriores. Mas, já existiram situações de haver rejeição mesmo por parte...de os professores não quererem trabalhar mesmo com proeja, muitos desse professores nem se encontram mais no campus, mas existia uma rejeição, é...por parte de alguns deles, e, talvez né, essa rejeição não fosse nem a falta de sensibilidade pra isso, talvez fosse a falta de segurança pra trabalhar com um público tão diferenciado e você sabe que nos institutos, muitos não tem nem sequer a licenciatura, são engenheiros, tecnólogos, pessoas que não passaram por uma formação pra dar aulas. Então, imagine pra pessoas que tem um curso de licenciatura, participa de capacitações voltadas especificamente pra aquele público, pra conhecer toda, né...essa questão que envolve a aprendizagem de jovens e adultos, a questão andragógica mesmo, é difícil, imagine pra quem nunca lidou com essa situação, nem teve oportunidade de capacitações né, nesse sentido.

E: Agora fale um pouco sobre a questão dos alunos do PROEJA no *campus*, sobre a inserção deles nas atividades do campus, como é a participação deles em outras atividades que não seja só a questão do ensino, por exemplo, pesquisa, extensão, em outras atividades do campus.

G2: Olha, o campus ele desenvolve várias...vários projetos, agora mesmo está atividades, o Enadifpi né. Mas, a inserção desses alunos, pelo público né, de serem trabalhadores, dificulta né...dificulta. Inclusive até um curso de formação de lideranças, que a gente ofertava pra os alunos do ensino médio, pra eles terem uma maior participação nos conselhos de classes...voltado mesmo pra formação de líderes, a gente também oferecia pra os alunos do proeja e...as dificuldades se dão mais por se tratar desse público né, que tem muito mais responsabilidade com o trabalho do que adolescentes que vivem exclusivamente pra estudar, hoje com a educação semi-integral, tem alunos que chega aqui de manhã e saem praticamente a noite, coisa que pra um aluno da educação de jovens e adultos se torna né, praticamente impossível, pra sua grande maioria, pelo fato aqui já exposto, por trabalharem, por terem responsabilidades, pra cuidar dos filhos, de trabalhar, tantos os homens quanto as mulheres.

E: Ok. E em relação as ações que os *campus* atualmente tem desenvolvido especificamente para os cursos PROEJA, existe, vocês tem pensados ações, tem desenvolvido ações mais voltadas pra esse público pensando nas especificidades deles.

G2: Em 2015 a gente trabalhava, ofertava um curso PROEJA...o PROEJA informática, e a gente fazia constantes reuniões com os professores porque sempre surgiam relatos né, de muitas faltas, relatos de alunos que tiravam notas muito baixas, que não queriam fazer trabalhos pra recuperar, então a gente visitava as turmas, tentava fazer intervenções, mas ações voltadas pra esse tipo de problema, se tornava...praticamente como barreira o trabalho..."eu não posso porque eu trabalho" "como é que eu vou estudar se eu tenho que cuidar de dois, três filhos" e as vezes ainda trabalhava fora, então se tornava muito difícil, mas sempre a gente nas reuniões trazia essa reflexão de se trabalhar uma metodologia mais diversificada, mais dinâmica, porque o aluno já chega cansado na instituição, se for um trabalho monótono, se for a forma bem tradicional, não vai despertar e reforça o aluno a querer desistir do curso. Eu acho que uma das grandes estratégias é o professor mesmo

em sala de aula ter abertura pra ouvir, pra dialogar, conhecer a realidade de cada um, obviamente que é difícil lidar com problemas diferenciados porque tem a questão da aprendizagem, da necessidade de eles saírem com uma formação de qualidade. Então a gente ouvia tanto dificuldades por parte dos alunos, em realizar tais atividades, como dos professores também.

E: Como você analisa a importância da oferta do PROEJA médio aqui no campus. Você considera importante? Qual seria essa importância.

G2: Eu considero... Eu considero importante. Apesar do esforço de se trabalhar pra que não...pra que eles tenham tanto o acesso, como a permanência...o campus não conseguir um...um êxito, de permanência de 70, 50%, as vezes até menos, mas eu acho que é um preço que o Brasil tem que pagar por não ter feito um investimento na educação como se deveria. São pessoas que precisam, muitos entram muito empolgados...você relata o perfil de formação, as possibilidades de inserção no trabalho...então eu acho que, o ideal é que a gente tenha um índice de aprovação, de qualificação, de permanência de pelo menos de 80% no proeja, mas mesmo que esse índice seja menor, o proeja não perde a sua importância né, exatamente porque são pessoas que precisam ter oportunidade, as vezes elas não tiveram a oportunidade necessária, ou se tiveram, não puderam aproveitar, ou não souberam a aproveitar, a grande maioria é porque não teve mesmo a oportunidade de uma formação, então por esses motivos eu avalio como sendo de extrema importância, tanto que a gente sempre mantém pelo menos uma turma de proeja, acho que é o único campus que nunca deixou de ofertar proeja ou integrado ou proeja FIC, a gente sempre tem essa...tem a intenção de ofertar e em nosso PDI, a nossa reforçou isso, não só por conta do decreto, mas eu acho que é uma clientela carente de oportunidades, a gente tem EJA na educação estadual, na educação municipal, mas o proeja é... só ofertado nos institutos federais.

E:Então aproveitando essa questão da oferta, você pode falar um pouco sobre a previsão de oferta para os próximos anos?

G2:É, nós estamos agora oferecendo proeja comercio, e...a próxima turma a ser ofertada é proeja FIC na área de informática e também proeja FIC em eletricitista instalador predial de baixa tensão.

E: Pra gente finalizar, fale um pouco sobre o currículo integrado no PROEJA, como você analisa essa proposta? A questão da formação integral desses

alunos. Como você analisa essa integração da educação profissional com a Educação de Jovens e Adultos?

G2: Eu acho que a formação integral, tanto no proeja como no ensino médio regular, ela não acontece de fato como a gente gostaria, quando se fala de integração né, a própria grade curricular de ofertar as disciplinas separadas, as caixinhas, já dificulta. Mas, uma das formas que eu vejo de integrar é trabalhar projetos né, no ensino médio aqui é trabalhado alguns projetos em que vários professores têm participação né, mostra de linguagens e várias outras atividades. E, eu vejo que isso no proeja ainda teria uma importância muito maior, porque a integração ela amplia as possibilidades de aprendizagem, uma aprendizagem mais significativa. Eu tive a oportunidade de trabalhar no CERTIFIC, que era um programa que o MEC é... queria fazer a certificação de pressionais que já tinha um certo grau de expertise mas não tinha isso documentado e a gente passou por várias capacitações com o pessoal do MEC e a gente foi conduzido a elaborar um currículo integrado, e aqui a gente chegou a fazer reuniões com professores de Educação física, de língua portuguesa, pra que esses conteúdos eles tivessem né, um link, mas na hora de operacionalizar a gente tem a grande dificuldade porque muitos diziam “olha, mas pra gente conseguir fazer essa integração era preciso que tivesse vários professores durante a aula, professores de várias aulas para que houvesse, de fato, essa integração”. Então, não é fácil como, na prática não é tão fácil como teoricamente, a gente sempre trabalha essa questão, fala muito na interdisciplinaridade, dessas disciplinas dialogarem entre si, mas é...apesar de ser relevante pra aprendizagem, de facilitar...dar um sentido maior, um significado maior pra aprendizagem do educando, mas não é tão simples, a não ser que seja dentro de projetos em que os professores em conjunto elaborem projetos e desenvolvam tendo como perspectiva a culminância desse projeto que é a realização de um produto final, o aluno vê um significado, conhecer o porquê de todos aqueles caminhos que eles estão trilhando e onde chegarão. Porque o que acontecesse nas disciplinas trabalhadas de forma isolada, as vezes o próprio aluno chega a questionar, “o que é que eu estou aprendendo e pra que?”

E: Então a gente finaliza, eu queria só perguntar se você teria mais alguma consideração a fazer sobre o proeja, algo mais que você gostaria de comentar.

G2: Eu acho que o proeja ele merecia uma atenção muito maior por parte da instituições, do MEC, do governo federal...porque eu acho que não basta implantar,

obrigar através de uma lei a sua oferta, mas é preciso que essa oferta ela seja...além de ser...que essa oferta seja garantida, que todos esses profissionais que se envolverão, seja professor, seja parte da equipe técnica que vai acompanhar, tenha condições, tenha capacitações pra trabalhar com esse público, trabalhar com esse público que é um público que carece de muita atenção, é um público que necessita de oportunidades pra poder crescer, e essa oportunidade, as vezes de ingresso, as instituições até possibilitam, mas nem sempre possibilitam a sua formação. Então, por conta disso é que eu acho que necessitava de uma maior sensibilidade, uma maior sensibilidade para com esse público.

TRANSCRIÇÃO G3

E: Pra começar, comente um pouco às dificuldades encontradas no processo de implementação do PROEJA que você observou no período em que você está aqui no campus.

G3: Certo. A implementação do PROEJA, desde a época que eu cheguei, porque eu cheguei aqui no ano de 2010, as turmas que tinham começado em 2007 já estavam em fase de conclusão até...então, o que eu percebi, porque eu participei de processos seletivos pra PROEJA, turma de PROEJA...pra PROEJA FIC e os outros PROEJAs que tiveram, é muito complicado assim, o público, o público pra você atingir esse público, pra você conseguir fazer com esse público se informe e venha até aqui...é a dificuldade. Nós fazíamos, nos PROEJAs pelo qual eu participei dos processos, a gente fazia várias chamadas públicas, fazia porque o público...não se completava a turma, os 40 alunos. Então o difícil é a informação chegar a este público, a gente se esforça, a gente vai atrás, a gente vai às escolas que tem PROEJA fundamental, a gente faz todo o nosso trabalho como equipe pedagógica, eu falo nesse ponto de vista né, que o trabalho é bastante complicado devido ao público não ter muito acesso a informação e, às vezes, a gente tem pessoas que se inscrevem mais de uma vez, que fazem mais de um PROEJA, geralmente são aqui do próprio bairro, do bairro que é próximo, porque também a nossa escola é muito distante do centro, aí a dificuldade pra esse público chegar até aqui é muito grande. É feita...as vezes, a gente quando fez o PROEJA FIC, nós fizemos uma parceria com o município que a contrapartida seria o transporte, só que você não imagina a dificuldade que era esse transporte,

eles perdiam aula aqui no instituto porque a prefeitura deixava de...não tinha gasolina, não tinha transporte, era uma coisa assim muito complicada.

E: Então, resumindo, você diria que a principal dificuldade na implementação é a questão da vinda desses alunos pra cá?

G3: Da vinda desses alunos pra cá. Por todas as condições que eles têm, geralmente são pessoas de baixa renda, que tem...já só trabalham, dedicaram suas vidas desde muito jovens ao trabalho e pra incentiva-los e motivá-los a estudar é muito complicado.

E:Ok. Você já tinha algum conhecimento sobre o PROEJA antes de 2010?

G3: Não. Eu tinha um conhecimento superficial, porque antes de eu chegar aqui ao instituto eu era professora de escola particular, ensino médio, eu posso dizer que eu tive uma pequena experiência em dar aula pra jovens e adultos num período que eu fui professora substituta do estado, aí eu tive uma pequena experiência, e eu vi a dificuldade como é, como professora, de forma a motivar os alunos, o horário é muito difícil, é uma coisa que...é algo que a gente tem que...eu acho que deve se fazer mais e mais estudos pra fazer com que este acesso ao ensino chegue a essas pessoas e de forma a motiva-los a incentiva-los a quererem estudar, que é uma coisa muito difícil.

E: Em relação a questão de curso de formação, nesse período que você está aqui, você participou de algum curso? Como é que você analisa, se ocorreu, se você não participou, como é que você analisa a questão dos profissionais pra atuação no proeja aqui dentro do instituto.

G3: Certo. Eu vou fazer questão sempre de frisar que este é o meu ponto de vista, eu não estou falando pela instituição, eu estou falando por mim, pela profissional, a pedagoga, a pessoa que está aqui e esteve. Então, o que eu percebo e que eu sempre percebi é que, formação de professores, exclusivamente para o proeja no instituto, ainda é algo falho, ainda é algo que precisa ser mais incentivado, que as pessoas que trabalhem, os professores, os docentes e as pessoas que estão no entorno, digo, a coordenação pedagógica, todo o setor administrativo que trabalha também com esse público, deveria receber uma formação, específica, porque esse público é diferente do público que a gente tem do ensino médio, do superior, é um público que precisava mesmo as pessoas estudarem, compreenderem, terem mais noção do que é ser um jovem e adulto numa escola, há discriminação, há o preconceito...eu que quando comecei aqui a minha função foi trabalhar justamente com o proeja, eu passei a ser pedagoga e acompanhar o proeja e acompanhando o proeja é que eu percebi o

preconceito e há o preconceito até o profissional que trabalha com o proeja, “Ah você é do proeja...você é a Magnólia PROEJA” Tudo isso é a...é muito preconceito, então se nós que trabalhamos com proeja, se as pessoas percebem essa discriminação, esse preconceito, imagina o próprio aluno que está ali naquela sala de aula. Então eu acho que sim...que não tem formação, não tem, e que deveria ter, é algo que nos seus estudos que você está fazendo, na sua pesquisa, você coloque bem no que se pode fazer pelo proeja.

E: Eu queria agora que você falasse assim, de uma maneira geral, falasse um pouco sobre o funcionamento do proeja aqui no campus, a questão de dificuldades, aspectos positivos.

G3: Certo. Atualmente, nós estamos com uma turma do PROEJA comercio, nós só temos uma turma por período assim, só uma turma, e a gente tá...é uma turma do ensino médio integrado ao técnico né, essa turma...nós...eu participei também do processo seletivo, foi como...tipo eu recebi as inscrições e as assistentes sociais daqui, juntamente com o professor Juciê que foi quem encabeçou esse proeja, que ele fez até...fez até palestras, conversou com todos sobre a importância desse curso, que é comércio, justamente pra nossa cidade que é uma cidade altamente comercial e que muitos, muitos é um comercio informal...é bastante grande aqui. Então ele, juntamente com eles e as assistentes sociais eu participei desse processo de seleção e era a dificuldade maior que a gente sentiu é porque a gente foi em rádio, as assistentes sociais foram nas rádios, foram nas associações comerciais, nos sindicatos, foi na próprio...no comercio ali do centro, na feira, chamando, falando da importância, o que era que ia trazer esse curso, mas quase que a gente não formou a turma. Então, o que eu vejo, é de...não sei, eu acho que deveria haver mais e mais incentivos, há também as escolas públicas que não querem perder seus alunos, há uma disputa por alunos, que é...pra gente...tem escolas que não deixam nem a gente fazer a divulgação do proeja...sobre o proeja, então a gente tá percebendo isso também, que há uma disputa por alunos nessa esfera pública. E um ponto positivo que eu acho, eu vejo, eu digo, eu garanto que é importante sim ter uma escola como o instituto federal que promova educação para jovens e adultos, porque a gente vê tantas pessoas, tantos jovens que deixaram de estudar para trabalhar. Então essa é a oportunidade. O ponto positivo é que eu acho que não deve acabar de maneira nenhuma o proeja, deve mais e mais incentivar, através dos meios de comunicação,

através dos próprios professores, motivarem a sociedade, a comunidade, a gente também, nós como setor administrativo, incentivar a implantação mais e mais de turmas de jovens e adultos.

E: Ok. Agora eu queria que você falasse um pouco em relação a questão do trabalho dos professores com essas turmas, como é que você analisa o trabalho dos professores com as turmas do PROEJA?

G3: Certo. Sempre é, ao final do período há um conselho, tipo um conselho de classe né, e geralmente, eu ultimamente não tenho participado porque eu...como a nossa equipe é grande, assim...a gente se divide em turnos né, a gente acompanha...eu acompanho as turmas do Ensino Médio, tem mais outras duas companheiras que acompanham as turmas do ensino médio, tem o outro técnico em assuntos educacionais que acompanha o superior e a... também outra técnica que trabalha a noite que acompanha o proeja, mas pelo que eu escuto né, porque eu estou sempre no período pela manhã e à tarde, o que eu escuto, os relatos que eu escuto que eu escutei ultimamente, teve até os professores falaram que essa turma...muito desmotivada, o relato deles, que eu ouvi através de terceiros, que a turma é desmotivada, que a turma só quer moleza, que a turma não quer nada que vá exercitar a cabeça deles, não quer pensar, não quer...é esse o relato que eu escuto, e as colegas que até relataram isso, disseram que tinha um professor que é um professor que já conhecia o PROEJA, já trabalhou com o PROEJA, ele disse que essa turma deste ano está mais... foi a turma mais complicada que ele já viu, ele não sabe o que fazer pra que essa turma se motive a estudar, se interesse, participe...então, o que eu percebo, quando os professores falam, que eu escuto, é que a turma não tem interesse, e aí a gente fica...a gente vai...aqui o diretor de ensino até chegou pra gente e falou que era bom fazer uma...ir até a turma, ouvi-los, dialogar com eles, saber o que está acontecendo, procurar né, tirar deles porque tanta desmotivação...aí é...muitos deles procuram também, às vezes, procuram o setor pedagógico pra relatar problemas entre eles. Então, o problema é de relação mesmo, relação entre aluno-aluno, professor-aluno, essa questão...e a gente fica se perguntando quem está com a razão, qual é o que tem razão, qual é que tem razão? A gente fica..."será se esses alunos estão desmotivados por que?" "Será que quando eles chegam cansados"...imagina, tem gente que deve trabalhar de cinco horas da manhã até seis, sete da noite, chega pra estudar, será que a gente tem motivação? Eu fico me

perguntando, hoje em dia eu não teria essa motivação, essa coragem, então a gente tem que saber realmente o que está acontecendo, procurar ouvir ambas as partes, a gente sempre...mas há sempre no final do período esse diálogo né, o descontentamento dos professores...é aquela questão...mas tem professores que tem uma...tem uma maneira de tratar e compreender que é mais próxima a ele, mas é sempre...o motivo é esse...a relação, bastante complicada.

E: Mas você acredita que esses professores, eles conseguem?

G3: Ah...e também queria falar, a gente pode pensar assim, ah..“os professores são culpados” , eles não...mas a gente tem que pensar que a maior parte desse professores, quando chegam, as vezes, eles já são...a turma que sobra pra eles, os novatos, já são lançados no proeja, as vezes...mas aí esses professores não foram preparados, eles não sabiam que iriam dá aulas pra jovens e adultos, muitas vezes ficam pensando “ah eu vou ensinar no IFPI, vou ensinar no superior, aqueles que... eu vou ensinar no médio” às vezes nem estão bastante informados que tem PROEJA, que tem também de jovens e adultos. Então, a gente não pode lançar...lançar não, ou colocar a culpa total nos professores, não há preparação pra eles, eles não são preparados pra uma turma de proeja, de jovens e adultos, muitos deles são apenas baixareis e são lançados numa turma de PROEJA, então a culpa não é totalmente do professor, há uma questão muito mais complexa aí, essa política de incentivo a Educação de Jovens e Adultos, tem que ser melhor trabalhada, tem que ver que forma, que política é essa? O que é que quer? É apenas dizer números, lançar números, “eu tenho tantos alunos jovens e adultos”, “80% estão alfabetizados”, “estão na escola”, “estão num instituto federal”, mas de que forma eles foram lançados nessa sala de aula? de que forma aqueles professores...há que se pensar nessa política, o investimento tem que ser feito, tanto na questão do aluno, mas também do...da formação, da qualificação desse professor, que é minha...é...seria o meu desejo que isso se transformasse, é que houvesse investimento com o professor também, selecionar aqueles que tem mais afinidade, procurar qualifica-los, procurar fazer uma formação continuada que a gente tem que tá se renovando todo o tempo.

E: Ainda em relação aos professores, você poderia falar um pouco da experiência que você tem sobre a escolha desses professores pra atuarem no PROEJA? E também sobre a questão da formação se nesse período que você está aqui no campus ocorreu alguma formação pra eles.

G3: É, eu não sou a pessoa mais apropriada pra falar como é feita a escolha, eu vou falar de forma superficial do que eu vejo porque o diretor de ensino aqui da nossa instituição, ele é quem faz a lotação dos professores, eu entendo que cabe ao professor do proeja...não é feita uma...é...uma...mas eu vejo que o diretor deve perceber qual é aquele professor que já conhece mais a realidade do proeja...eu não sei lhe dizer assim com certeza que ele faça, mas pelo o que eu conheço dele ele vai procurar sempre ver aquele que tem mais afinidade, também às vezes é o que...a carga-horária do professor que está incompleta aí vai ser completa através das turmas de proeja né. Então são todos esses detalhes que eu não posso dizer realmente como é porque não somos nós, equipe pedagógica, que fazemos lotação aqui de professores. Quanto a formação de professores, no período que eu cheguei, eu até participei de uma formação de professores para os professores do município que na época nós estávamos com proeja FIC de instalações elétricas prediais e residenciais, então a gente fez uma formação, nós da equipe pedagógica, nós capacitamos esses professores, os professores do município né, que estavam dando aula do ensino fundamental e aqui a gente tinha os professores dando aula da parte técnica, certo. Então eu participei desse processo de formação, eu não participei e não tenho conhecimento de nenhum outro.

E: Em relação aos alunos do PROEJA aqui no campus, comente como é a inserção deles nas atividades do campus. Como é a participação deles em outras atividades que não seja somente o ensino, como pesquisa e extensão...como você vê a presença desses alunos aqui no campus?

G3: Eu acho...eu acredito que pelo fato de muitos deles não terem tempo durante o dia e as vezes os eventos que a gente tem aqui geralmente é no período diurno não é, então não percebo a presença, mas acredito, vejo né, que eles são sempre comunicados nas salas, as assistentes sociais estão sempre acompanhando né, vendo...acredito que eles de alguma forma tenham conhecimento, mas a inserção deles não vejo, não percebo, a gente tem até...nós fazemos uma capacitação de líderes de turma e a gente faz sempre no início do período a votação para os líderes de turma, a gente escolhe no proeja, a gente tem procurado inseri-los nessa capacitação de líderes de turma porque a gente sabe que eles precisam né de informação, precisam saber a quem procurar, a quem se reportar, muitos alunos do proeja as vezes desistem porque não sabem nem o que é, onde é que vão procurar

tal informação, aí ficam perdidos, um professor deixa de colocar as notas deles e eles não sabem onde é que vão fazer, então a gente procura capacita-los pra que eles também saibam através...a gente faz essa capacitação junto com os alunos do ensino médio regular, a gente sempre...às vezes...mas tem as dificuldades porque nossas reuniões são assim no período matinal, geralmente eles não podem vir porque estão trabalhando, até no ano passado a gente deixou de fazer com eles porque os que estavam líderes não podiam vir né, estavam trabalhando, mas a gente sempre procura, a nossa parte né como equipe pedagógica, mas eu posso dizer que a inserção dos alunos é pouca ou quase nenhuma.

E: E em relação a atividades, ações, voltadas especificamente para esses alunos do PROEJA. O campus tem conseguido desenvolver algo nesse sentido?

G3: É, eu acho...assim, a nossa turma que começou agora, essa turma do proeja comercio ela está no primeiro período né, começou em agosto de 2017, então já concluíram o primeiro período, eu acredito que os professores que estão à frente, eu falo mais uma vez do professor Juciê, eu gostaria que se você tivesse tempo pudesse entrevistá-lo, porque é uma pessoa bastante empolgada.

E: Eu entrevistei ele.

G3: Pois que bom, pois ele é uma pessoas bastante empolgada com esse PROEJA e a professora Aline que é a coordenadora do núcleo da administração, gestão de negócios, ela é a coordenadora do núcleo...do eixo né, gestão de negócios, eu acredito que eles já estão pensando em fazer determinados eventos pra essa turma, vamos ver ainda, como é uma turma recente, mas vamos dizer, e as anteriores, as que eu tive contato, eu não percebi também eventos diretamente pra turma do proeja, eu não lembro, eu posso está até equivocada não é, mas de cabeça, nesse momento eu não lembro de nenhum evento promovido exclusivamente com o PROEJA.

E: Como você analisa a importância da oferta de cursos PROEJA aqui no campus? Você considera importante, por que?

G3: Como eu já lhe falei anteriormente quando eu cheguei aqui como pedagoga a minha atividade, função, inicialmente foi trabalhar com o proeja, eu tinha que acompanhar o proeja, vê o que estava acontecendo com essas turmas, ouvi-los, e eu tive nesse período, eu pude perceber que uma simples informação, uma simples informação, você não precisa fazer muita coisa, eles só querem a informação e muitas vezes eles chegavam e não tinha quem dissesse pra eles “olha, tal coisa, é assim”,

porque as vezes eles ficavam até estressados, agoniados porque eles não sabia, então eu fui percebendo que eles chegavam pra mim, perguntavam e diziam e eu vi como é tão simples né, ter...você trabalhar com este público se você tiver a disponibilidade pra ouvi-los, pra ir atrás, as vezes você tem só que dizer “não fique calmo”, então...e trabalhando com o proeja eu pude perceber e entender que é importante sim turmas de proeja, como eu já falei, é importante sim o investimento, políticas públicas na educação de jovens e adultos. Eu como educadora, como pedagoga, eu sou a favor sim de turmas de jovens e adultos, mas eu faço um adendo, eu penso que deve ser melhorada essa política pública para a educação de jovens e adultos, é como eu já falei, há que ter investimento na formação de professores pra trabalharem com este público, é um público diferenciado, não porque eles são excluídos, não porquê...mas é um público que tem toda uma carga sobre eles de tantas dificuldades, de tantos preconceitos, eles chegam...um adulto, um jovem, chegar a tal idade sem ter estudado, sem ter entrado na escola ainda, pra nós é muito...é estranho, mas pra eles, que não tiveram a oportunidade, e esse não houver essa oportunidade, como vai ser? Eu sempre serei a favor da educação, seja em que idade for, mas eu sou a favor de investimentos e qualificação com os

TRANSCRIÇÃO P1

E: Pra iniciar, quanto tempo você trabalhou com essas turmas do Proeja Médio?

P1: Só lá no campus Picos?

E: Isso, no campus Picos

P1: 2 anos

E: esses dois anos né? De 2008 e 2009

P1: Isso.

E: Antes de ser professor no PROEJA, a professora já conhecia o programa?

P1: Não. Foi exatamente na época de implantação do programa pelo governo federal que o campus abriu essas turmas, aí foi quando eu tomei conhecimento. Porque o programa foi lançado acho que, acredito que, em 2007/2008, e aí o campus abriu as turmas e a gente já começou a trabalhar. Soube ali né.

E: No caso, nesse período a professora também trabalhava com outros níveis e modalidades no lá campus?

P1: Sim. Nível médio o técnico integrado, o técnico subsequente e acho que nesse ano começou uma turma de licenciatura, ou foi uma ou duas, sei que tinha turmas de todos os níveis.

E: De todos os níveis então, trabalhava do PROEJA até a graduação.

P1: Isso.

E: Eu gostaria que a professora falasse sobre o seu processo de inserção no PROEJA. Como é que foi esse processo?

P1: Como eu sou professora de língua inglesa, o período que eu fiquei no campus picos, eu era a única professora de língua inglesa, então teve uma época que eu tinha 31 aulas. Então, Como eu era a única professora do campus, todas as turmas eram minhas, eu não tinha nem o que dizer, não posso, não posso nesse horário, todas as turmas eram minhas então eu ficava lá, lotada. E aí quando surgiu a turma de proeja, me informaram que tinha a disciplina de língua inglesa, fui, fui da aula. Não tinha assim, escolher. Aí quando já estava perto de sair do campus, acho que segundo semestre de 2009, aí...entrou uma professora substituta, aí ela ficou pra dividir, porque foi exatamente a época que eu fiquei com mais de 30 aulas, que o máximo era 24 ainda na época e eu tinha 31, a direção viu que não dava mais pra manter dessa forma e fez um seletivo pra substituto, mas isso já em 2009, então em 2008, quando começou o PROEJA, eu era a única professora, e fui.

E: E então, nesse processo de inserção no PROEJA, teve algum curso de formação sobre o Programa?

P1: Naquela época não. O primeiro curso de formação que eu ouvi falar, foi inclusive uma especialização oferecido pelo IFPI mesmo, mas só foi oferecido em 2010, então, na época não.

E: Nem no próprio campus mesmo? Vocês receberam alguma orientação?

P1: Não. Só, eu acho que na época, assim explicaram um pouco assim, o que era, que era um programa do governo federal, que os Ifs eram obrigados a ofertar, mas assim, alguma formação mesmo, não lembro.

E: Nenhuma orientação, pra falar sobre currículo?

P1: Não, eu acho que só explicaram assim, o que era. Que eram cursos de Ensino Médio integrados a um curso técnico...como é o médio. Só que era pra pessoas que estavam fora da escola há muito tempo, foi essa a orientação que deram, pessoas

que já estavam fora da escola há bastante tempo, ou estavam...não tinham finalizados os estudos da forma regular, vamos dizer assim. Mas...não, só isso.

E: E em relação a elaboração dos projetos pedagógicos de curso. A professora participou desse processo?

P1: Não. Na verdade, eu me recordo assim, que me disseram que eu tinha que preparar uma ementa, né. E aí eu lembro que peguei a ementa do médio mesmo, só que o médio eram três anos de Inglês, o PROEJA eram 3 semestres de inglês. Então eu peguei a ementa do médio e sai afunilando, porque como essas pessoas já estavam longe da escola há um bom tempo, eu imaginei que eles teriam bastante dificuldades com o inglês, então eu peguei assim os conteúdos mais básicos e elaborei uma ementa baseado naquilo ali. Com base na ementa do ensino médio e das disciplinas de inglês instrumental dos cursos técnicos, então eu peguei uma coisa assim bem básica, como noções gerais.

E: Então, provavelmente essa ementa foi usada no projeto.

P1: pode ser. Eu não sei lhe dizer isso com certeza porque foi tudo muito atropelado, a gente sabe que foi tudo muito atropelado, embora o programa seja muito bacana, os alunos que participam do programa são os mais carentes possíveis, carente de tudo né? Carente de atenção, carente de conteúdo, carente de afetividade, eles são carentes de tudo, e assim, era muito bom trabalhar com eles, mas foi atropelado, foi muito atropelado, e a questão do conteúdo mesmo, e andavam assim, a passos de tartaruga, pelo menos nas aulas de inglês (rs), eu imagino que nas outras disciplinas deviam ter alguma dificuldade, mas inglês então, já é um monstro pra muita gente, aí pra eles então.

E: De maneira geral, como é que você analisa a oferta do PROEJA, nesse período, lá no campus picos?

P1: Como foi no início do programa ele era até regular, tinha uma oferta por semestre, eu acho, ou por ano, não lembro se era por ano ou era por semestre. Então assim, no começo foi regular. Porque também a legislação exige uma determinada...um determinado número de vagas para o PROEJA, e aí, como era o início do programa, assim que os CEFETs viraram institutos, havia toda uma preocupação mesmo de manter-se dentro da legalidade.

E: Em relação a questão dos alunos. Como era a relação professor-aluno com essas turmas do PROEJA. Comente sobre a dificuldades que eles tinham. Como eram essas turmas de uma maneira geral? Como eram esses alunos?

P1: Nessas turmas do PROEJA lá de picos, tinha gente idosa já, tinham algumas pessoas bem idosas, que dava até pra perceber que eles tinham dificuldades de ouvir, alguns tinham dificuldades de ouvir, porque já eram mesmo bem idosos. Mas também tinha muita gente muito jovem, que no começo, depois das orientações de que eram alunos que estavam longe da escola há um tempo, ainda tinha gente jovem que entraria em idade escolar regular nos cursos técnicos normais, mas eles estavam no proeja, ou porque não passaram no teste, ou porque não foram comunicados, ou porque viram ali no proeja uma forma de terminar um curso rapidinho, porque era um curso mais rápido. Com os jovens era mais complicado lidar dentro da turma porque, como tinha pessoas mais velhas, a aula terminava tendo que ter um ritmo mais desacelerado por causa deles, pra copiar, pra explicar. Mas os jovens, assim, obviamente mais agitados, eles atrapalhavam muito nesse sentido, então tinha assim, uma diferença de cinquenta anos numa mesma turma, e isso era um problema porque eles muito agitados começavam a conversar, os mais velhos que queriam aproveitar ali uma oportunidade de voltar a estudar, que pra muitos deles eles deixaram de estudar porque foram trabalhar, porque casaram, porque tiveram filhos, e viram ali uma oportunidade de “vou voltar a estudar”, então os jovens na sala de aula conversando, tinha dias que tinha discussão entre eles, era um pouco complicado nesse sentido. Mas, fora isso, assim, os mais velhos eles eram bem interessados, frequentavam, não faltavam aulas, faziam as atividades propostas, mesmo com dificuldades, mas faziam, os mais jovens já eram mais desligados.

E: A professora lembra se era uma turma com muitos alunos?

P1: Era uma turma cheia, tinha mais de 30 alunos

E: E em relação a questão da participação desses alunos em outras atividades, como pesquisa extensão. Existia alguma atividade nesse sentido?

P1: Eu não me recordo de ter acompanhado. Porque, como esses alunos, o curso, se não me engano o curso era a noite, a gente não via esses alunos no campus em outro horário, eles iam apenas pra aula mesmo. Então eu acredito que eles não participavam de nenhuma outra atividade, ou porque não tinham tempo, ou porque

não tinham interesse mesmo, não sei dizer, né? Mas eu não lembro de ver esses alunos em outro horário dentro do campus, só no horário das aulas normais.

E: Só no horário das aulas né?

P1: Sim...se não trabalham, por exemplo, tinham algumas mulheres na turma de mais idade, de dia elas eram donas de casa né? Ficavam com os filhos. Eu lembro que tinha uma aluna que dizia que o marido ia deixar e buscar, porque não confiava, que estória é essa que a mulher dele ia sair pra estudar de noite? Né? E ela queria ir, ela queria fazer o curso, mas o marido com ciúmes né, aquela coisa bem machista, que mulher minha estudar? Eu lembro que ela dizia isso em sala, mas que ia pra aula, que ia estudar, chamou ele, ele não quis ir, ela foi, eu lembro que ela disse isso.

E: Como a professora já falou, trabalhava também em outras turmas do ensino médio integrado. E em relação ao seu trabalho, com o médio integrado, fazendo digamos uma comparação, tinha alguma diferença na forma como a professora trabalhava com essas turmas do PROEJA, ou de uma maneira geral o trabalho era semelhante?

P1: Assim...tentar, eu tentava até trabalhar de forma semelhante, mas pela deficiência que eles tinham de conteúdo, eu...não, não dava, era mais devagar, os exercícios eram mais simples, a forma de explicar parecia que eu tava falando com criança, as vezes, porque alguns já estavam longe da escola há um bom tempo, se viram inglês já haviam esquecido, outros não faziam gostar, porque pra eles não era relevante aquela disciplina, não gostavam e “tavam” ali sendo obrigados a assistir de novo uma disciplina que eles não gostavam. E, a maioria tinha mesmo muita dificuldade na base, no que seria o básico né? Porque se eles estavam fazendo um PROEJA, que era médio, de nível médio, a gente pressupõe que eles teriam um conhecimento básico de inglês do ensino fundamental, mas o ensino fundamental foi feito há muitos anos atrás, então era como se tivesse começando do zero, então não dava pra trabalhar da mesma forma do médio, infelizmente não dava...o médio muito mais dinâmico, e os meninos naquela idade mesmo de 15, 16 anos, muito antenados com tudo que tava acontecendo, com vídeo game, com filme, com música. O comportamento deles em sala era diferente com relação aos conteúdos das disciplinas, não que fosse um nível muito mais elevado, porque eles também tinham as dificuldades, mas as preocupações também, jovens, e na outra turma, dona de casa, gente que passava o dia trabalhando, então eles iam pra sala de aula, ali era mais como uma forma de

tentar descansar do dia, né? terminava saindo assim, então, não dava pra ser do mesmo jeito.

E: Essa questão, a professora até já comentou no decorrer das outras, sobre as principais dificuldades no trabalho com essas turmas. Já falou um pouco sobre a questão da disponibilidade deles, de estarem há muito tempo fora da sala de aula, dificuldades na base. Há mais alguma coisa a acrescentar em relação a essas dificuldades?

P1: Não. Só isso mesmo. As principais dificuldades né, de tempo, eu não passava muitas tarefas pra fora de sala, eu fazia muita atividade em sala, porque se eu passasse pra fora, não iam fazer, e as dificuldades de conteúdo mesmo, da base. É, isso mesmo.

E: A professora poderia citar aspectos positivos e negativos em relação ao PROEJA, fazendo uma análise desse período que trabalhou lá no campus Picos.

P1: Assim, eu vejo o programa com muito bons olhos, eu gosto muito do PROEJA, eu gosto muito de trabalhar com gente que, que tá iniciando, eu gosto, eu me identifico muito com esse público, público que tá chegando e que tá vendo a disciplina pela primeira vez, ou que, enfim, não sabe muito e ali pode aprender um pouco, eu gosto muito desse público. Não me incomoda em trabalhar com gente que sabe já mais um pouco, mas eu gosto muito de pegar esse povo do começo, porque parece que é o povo que, outros professores conseguem assustar, aí quando chega lá na frente ele não quer mais saber é de nada, então eu gosto muito de trabalhar com esse povo. E eu, tenho...esse é um ponto positivo do programa que ele dá essa oportunidade pra essas pessoas que passaram algum tempo fora da escola, ou tiveram que deixar...enfim, não concluíram né? Diante das dificuldades e ele dá essa oportunidade pra essas pessoas. Porque é proeja, o EJA que é alfabetização ele também tem os seus pontos positivos, mas o proeja, porque aquela pessoa já está inserida no mercado de trabalho, de uma forma ou de outra ela já tá inserida no mercado de trabalho, está fazendo alguma coisa, ela trabalha num caixa de uma loja, ela é sei lá, gari...ela tem esses empregos assim, mais é...de menos qualificação profissional, vão dizer assim, e ela termina tendo a chance de voltar pra sala de aula e descobrir que depois ela pode fazer alguma coisa, melhorar, sair de caixa de um loja e virar gerente da loja, então ele tá inserido, e aí ele ali vai ver outras possibilidade pra vida dele. Se a ofertar fosse mais regular, talvez esse efeito tivesse...a gente conseguisse

ver esse efeito de uma forma melhor, mas como a oferta é tão irregular, a gente tem uma turma que se formou no ano passado, outra no ano retrasado, quando você vai avaliar vinte alunos que terminaram em uma turma, quinze, dez...porque no final as vezes não forma a turma toda, voce termina tendo uma amostragem muito pequena pra dizer que isso mudou a vida de uma pessoa, embora possa ter mudado, uma, duas, cinco pessoas, né? Mas a gente termina não tendo muito resultado palpável, então esse seria um ponto negativo, não é uma oferta regular, e quando tem a oferta muitos professores não querem trabalhar, quando vão...não tem muito comprometimento, eles veem ali como...como foi que eu já ouvi minha gente? Supletivo...assim esses comentários bem depreciativos.

E: Ainda tem muito esses estereótipos em relação A EJA de uma maneira geral, né?

P1: Sim...“O que que o instituto tá fazendo oferecendo esses cursos pra esse povo?” “Isso aí eles tinham que ir lá pra escola do estado”...esse tipo de comentário né? Esse é um ponto bastante negativo, do comprometimento de certos professores, que quando recebem uma turma do proeja não querem se comprometer, não ministram aula como deveriam ministrar, não porque tem que ser igual as turmas do ensino médio, mas porque eles poderiam chegar lá, então seria outro ponto negativo. Ponto positivo é a oportunidade que o proeja dá, né? A oportunidade de lidar com aluno de diferentes faixas etária, de diferentes históricos, porque vem aluno que mora aqui, mas vem alunos que mora numa cidade próxima, como picos né? Picos ali tem muita gente de outras cidades, tem gente que vai dali de picos, mas tem gente que vai de outra cidadezinha, e ele vê ali uma possibilidade.

E: São turmas muito heterogêneas?

P1: Sim. De nível. De idade. De histórico, né? De perfil socioeconômico.

E: Pra gente finalizar, em relação a questão da formação integral desses alunos do PROEJA. Em relação a sua experiência, em sala de aula com esses alunos, nesse contexto, era possível realizar atividades, ações, que contemplassem essa formação integral?

P1: Não. Não dava pra fazer. Assim, a gente até, em sala de aula, como a disciplina era de leitura, tentava levar muita coisa de leitura e a gente fazia muitas leituras, tentava fazer algumas discussões que fizessem eles comentar, conversar sobre o que eles pensavam, mas no final das contas não sobrava muito tempo pra isso, fazia uma

atividade aqui rapidinho, mas era muito isolado, e até a integração com outras disciplinas não dava, porque o curso era de curta duração, as aulas eram mais curtas e ficava o conteúdo muito atravessado, no máximo o que a gente conseguia fazer era conversar alguma coisa em sala depois da leitura de um texto, mas era muito...era insuficiente na verdade.

E: Professora, tem mais alguma coisa em relação ao PROEJA que gostaria de comentar?

P1: Não. Acho que eu já comentei tudo.

TRANSCRIÇÃO P2

E: Começando por questões mais gerais. Há quanto tempo o professor trabalha com as turmas do proeja?

P2: Janeiro de 2014 pra cá.

E: Antes de ser professor dessas turmas o professor já conhecia o programa?

P2: Não.

E: nada?

P2: Não, o PROEJA não, eu já ouvia falar do EJA, mas do PROEJA não. Não tinha conhecimento do programa.

E: Não conhecia nada sobre programa.

P2: Não. Não conhecia nada do programa.

E: Além do PROEJA, que outros níveis e modalidades o professor trabalha aqui no campus?

P2: Técnico, médio e superior.

E: Eu gostaria que o professor falasse um pouco sobre como foi o processo de inserção do professor no PROEJA. Como é que isso ocorreu?

P2: É. O proeja aqui, eu não tenho conhecimento desse PROEJA de 2014, eu não participei dele. Mas, eu fui destacado pra lá, e eu fui. Mas eu não tinha ideia de como era o público né. Então, é um público que você tem que ter o mínimo de cuidado possível no tratamento. O relacionamento que você tem que desenvolver com ele é um relacionamento de confiança. A abordagem de conteúdo é uma abordagem que vai fazer com que você reflita muito sobre o que você tá passando pra o aluno e vê o que realmente é necessário pra ele e de que forma a gente vai desenvolver esse processo ensino-aprendizagem com eles, então não dá pra chegar lá dentro do proeja

e colocar um conteúdo da forma que está na ementa, se você chegar lá e jogar a ementa pra eles, como a gente consegue muitas vezes fazer com o ensino médio que é um público que vai muito rápido, assimila muito rápido o conteúdo, no proeja não é assim, porque é um público muito vulnerável, então eles são pais de famílias, trabalham, chegam aqui pra estudar a noite, já estão cansados, a maioria cheio de problemas, e problemas sérios mesmo, tem deles que tem filhos presos, na droga, no roubo, tá no alcoolismo. Então eles chegam aqui com a cabeça a mil, as vezes é até uma fuga pra sair de casa, pra vir pra cá. Outros passam fome, nós temos o exemplo dessa última turma que fechou do proeja que tinha mãe e filha fazendo pra receber a bolsa de R\$ 100,00, um auxílio que eles tem, e que esse auxílio de 200,00 era o que tava garantindo o grosso da alimentação deles. E aí, quando nós tomamos conhecimento se juntamos pra fazer uma feira pra ajudar. Aí o que é que aconteceu, esse caso foi um caso que me sensibilizou muito, elas duas conseguiram uma roça, nesses programas de governo, acho que no PRONAF, na cacimbinha, depois de Geminiano, indo pra Paulistana mesmo ali né, e elas estavam fazendo o plantio no inverno, tavam limpando, plantando pra poder ter o alimento de dentro de casa e faltaram muito aqui dentro do IFPI. Então, quando a gente vai ver são públicos que estão nessa situação.

E: Verdade.

P2: Bem complexo de você lidar. Então, você chega tem uns que dormem em sala de aula. É difícil você...é um público que o professor, eu digo isso por mim, não está preparado pra entrar no PROEJA sem ele, primeiro, passar por um treinamento. Primeiro treinamento: sensibilidade, segundo treinamento é como desenvolver uma afetividade com os alunos, senão eles não vão te ouvir, eles não vão tentar te retribuir aprendendo.

E: Verdade.

P2: É um fato muito difícil. Nós temos um caso agora problemático aqui, que eu vou...esse proeja, eu passei do PROEJA, eu peguei um PROEJA todinho, do começa ao fim, e você acaba desenvolvendo um relacionamento muito mais do que professor aluno, você acaba gostando.

E: essa turma de 2014?

P2: Sim. A gente acaba gostando e se envolvendo mesmo com ele, de repente tá com 2º 3º ano, já tá fazendo parte de sua vida. E aí você acaba se sensibilizando muito. E

eu pensei muito em como contribuir, como ajudar pra isso, e eu fui pesquisar, vê assim, qual seria um curso que desse um atendimento real a esse público, porque eles já tem uma profissão, ou são profissionais liberais ou estão trabalhando no comercio ou na indústria. Mas a maioria não é formalizado, então eu pensei e fui pesquisar na internet e vi o técnico em comercio, que foi justamente o que a gente conseguiu fazer a implementação agora, que é o proeja técnico em comercio, porque, nós conseguimos reunir a parte especifica, que foi no eixo de gestão e negócios que é de administração, e conseguimos trazer aquele conteúdo que é extremamente essencial pra vida dele, sem fazer com que seja monótono e chato pra leitura. Leitura é o mínimo possível, tem que ser mais casos práticos. Então nós estamos trabalhando com eles, direito do comercio, direito do consumidor, tudo com caso prático. Eles vão ter também a parte de contabilidade com casos práticos, eles vão ter marketing e venda pra melhorar o relacionamento com o cliente, eles vão aprender como é que abre uma empresa e como é que fecha uma empresa gratuitamente pelo SEBRAE, como é que eles vão ter esse suporte de contabilidade. Então o foco foi assim, melhorar o que já existe pra esse público, que é um público que já trabalha, a maioria do proeja anterior eles já tinham um negócio de fundo de quintal, de quarto dentro de casa, era costureira, fazia biscuit, fazia eventos de festa, mas não formalizado, então agora eles podem vir aprender toda essa parte gerencial de um comercio pra formalizar a parte dele, o comercio dele, ou pra, quando ele for arrumar um emprego, porque nós temos jovens também, ele já vai mais seguro, ele não entra dentro de um comercio e diz “eita meu Deus como é que vai ser a impressão de um nota fiscal, eu não sei como é que funciona isso” aí a nós vamos está ensinando isso, como é que funciona aqueles programas de gestão de estoque, como é que vai emitir uma venda, como é que vai realizar (...), ele vai passar por toda essa fase aqui, quando ele chegar que botar o certificado dele pra um comercio pra trabalhar, então ele já vai mais seguro, ele já vai tá tendo um conhecimento assim, mais real do que acontece no comercio, então vai servir tanto pra ele abrir a empresa dele, tanto pra ele trabalhar no comercio ou melhorar o conhecimento dele no comercio. Porque a ideia aqui do proeja técnico em comercio é fazer com que ele passe pela parte de venda, gestão de estoque, financeira, administrativa e até emissão de nota fiscal, então ele vai ter um...

E: Um conhecimento bem amplo né?

P2: Um conhecimento bem amplo, pra trazer essa segurança.

E: Mas ainda assim, em relação a essa questão da inserção do professor, eu gostaria de saber assim, se recebeu algum convite, ou foi só uma questão de disponibilidade?

P2: Não. Foi...aqui todas as coordenações se juntam, antes de fechar o semestre, e escolhem as disciplinas que querem participar. Nesse primeiro momento, me colocaram, porque eu não participei da reunião, mas eu gostei e fiquei, fiquei pedindo pra continuar. Mas é feito por escolha, os professores escolhem, quando não ocorre mesmo assim, não deu, as disciplinas não foram bem distribuídas, aí você tem que jogar um professor lá. Mas a nossa prática aqui hoje, com informática e administração é primeiro conversar com o professor, se ele tem a disponibilidade de trabalhar com esse público, se ele vai conseguir entender e ter uma sensibilidade melhor com ele, pra ir pra lá, se ele disser que não, a gente vai retirar, pra não ter problema com o público.

E: O professor atualmente é coordenador?

P2: É, de ADS.

E: Pronto. Tá ok a questão da inserção.

E: Sobre a questão da participação em cursos de formação para o PROEJA ofertado aqui pelo instituto, teve algum curso? Recebeu alguma orientação nesse sentido?

P2: Não. Não temos. Infelizmente não temos. Tem em Teresina. Tem um curso que é periódico lá, acho que de dois em dois anos aparece lá no site, eu até pensei em fazer, mas pra gente se descolar daqui pra lá, eu sou casado, tenho filho ne? E novinho e tá em escola...fica difícil, mas eu pensei muito em fazer, como eu não tinha essa condição, eu fiz essa pós. Mas infelizmente nós não temos assim, não é a falta de vontade do instituto, o instituto tem uma estrutura excelente, é um corpo administrativo e docente do mais alto gabarito aqui, mas não depende só da gente, tem que vir lá de cima também, é tudo muito amarrado, esse projeto do proeja, nós pensamos de uma forma e acabamos tendo que fazer de outra, que fugiu bastante, porque a proen, aquela pro-reitoria de ensino, ela quer que os processos formativos da região de picos seja igual aos processos formativos da região do sul, e não é, lá no sul se a gente for aplicar o projeto que a gente fez, desenvolveu do PROEJA pra nossa região, pra lá não vai dá certo porque lá o agronegócio impera.

E: É verdade, tem que levar em conta o contexto.

P2: Isso. E não tem isso hoje. Eu acho isso como um ponto negativo, de cima, porque não se sensibilizou pra isso. Por exemplo, na época a gente discutiu muito, proeja em Pedro II, não faz sentido, porque Pedro II é uma cidade turística, lá é hotelaria, é o que eles chamam de no eixo tecnológico lá de hospitalidade, então os cursos que vão vingar lá vai ser de hospitalidade, então o proeja comercio lá não vai dá, porque seria voltado pra esse público, que é muito forte, tem um comerciazinho e outro, mas o central lá no sul é o agronegócio. Parnaíba eu não conheço, mas as poucas discussões que tivemos foi nesse âmbito assim de achar que é desnecessário centralizar um processo formativo de uma região e ser igual a todos, daria pra se pensar melhor e fazer cursos melhores dessa forma.

E: Certo. Em relação a questão de elaboração de projetos pedagógicos, pelo que eu entendi, o professor participou, certo?

P2: Nós fomos quem desenvolvemos. Entrou... porque lá é o seguinte, agora quando se abre um PPC, projeto pedagógico de curso...então não é mais um campus, tem que ser todos, e aí foi feita uma comissão e só quem participou, dos 18, só quem participou fomos nós de picos, os outros todos tiveram problemas e não quiseram participar então ficou todo no nosso “espinhaço” mesmo.

E: Os outros dos outros campi?

P2: Isso. Teve um ainda de eu não lembro mais os nomes, foi de Piripiri e Campo Maior, que tentaram, mas uma senhora lá tava com problema com o filho o outro tava lá não sei onde, eu não entendi direito, mas a gente até tentou retirar o nome do pessoal na comissão, mas não podia mais.

E: Porque é por portaria?

P2: Isso, aí ficou, “ah o reitor não tira” Aí ficou só pra mim, é tanto que a escrita quem fez fui eu...nós temos um modelo agora, eles tem lá um modelo e você faz só a justificativa, objetivos geral e específico, então quem fez essa parte fui eu, e quem ajudou na parte da distribuição das disciplinas, foi o Thiago, que era o coordenador de administração na época, nós fizemos um quadro, o esboço, a parte muito problemática de se fazer isso aí, e os professores do eixo de administração, comigo na parte de informática, nós definimos os nomes das disciplinas e as ementas aí finalizamos o PPP e submetemos pra aprovação do CONSUP.

E: Ok. Professor. Eu queria que o professor falasse um pouco, de acordo com sua visão, como é que você analisa a questão da oferta dos cursos PROEJA aqui no campus.

P2: Pouca. Nós tivemos aqui, pra você ter uma ideia, esse proeja que está aí hoje, o proeja técnico em comercio, ele entrou pra abrir matrícula no mês de maio, de maio, então nós conseguimos 45 alunos, no mês de maio, se você pensar todos são em fevereiro, todos os outros colégio da região abriram, nós temos EJA aqui no pantanal, no bairro seguinte nós temos dois EJA, no bairro vizinho aqui adjacente mais dois EJA trabalhando. Nós conseguimos 45 alunos aqui, no mês de maio, então daria pra gente conseguir duas turmas, mas nós sofremos com a carência de professores né? Então aumentar nesse momento não estaríamos dando conta disso aí.

E: Certo. Então o professor acha que deveria iniciar no período regular?

P2: Foi por conta da greve. A partir do próximo ano agora vai se ajustar melhor ao calendário normal que ocorre nos outros colégios né? Então nós teríamos hoje suporte pra estarmos com duas turmas de proeja, mas precisaríamos de pelo menos mais dois professores, infelizmente estamos só com uma turma, não está como nós queríamos, mas, pelo menos eu né?

E: Mas já é alguma coisa.

P2: Já.

E: Fale um pouco sobre os alunos do PROEJA. O professor até já comentou um pouco no início, mas de uma maneira geral, como é a relação do professor com esses alunos, como é a disposição deles, quais são as dificuldades deles.

P2: A maior dificuldade deles é o cansaço. Vim a noite não é fácil, até pra gente mesmo quando faz um curso a noite, você vai e fica “nossa”...mas são alunos, alguns vem pela bolsa, mas são poucos, os outros vem realmente pra estudar, mas é...nós não temos um preparo nem pra o aluno do proeja, nem pra o professor do proeja, então o que acontece é um choque. Eles estão, principalmente os adultos mesmo, eles já estão pelo menos há uns 10 anos sem estudar, aí chegam aqui, os professores que ainda não compreendem bem esse processo eles querem passar uma ementa como se passa no ensino médio ou superior, e criam um choque, porque não dá pra ter ritmo ainda, o aluno ele não consegue desenvolver um ritmo de ensino-aprendizagem assim forte como é o aluno do ensino médio, o aluno do ensino médio tá...ali do fundamental direito né? E ele não tem tanto problema assim que vá

prejudicar esse processo, então a gente procura, pelo menos eu e a parte específica, nós procuramos trabalhar bastante a parte pratica, trazer o máximo possível pra pratica pra desenvolver no aluno a confiança e o acreditar nele, senão ele vai embora, ele desiste e aí ele já vem...Pra você ver uma coisa, eu tinha aluna, duas alunas, foram casos assim que me chocou, eu tenho até vergonha de contar isso, mas tô contando aqui pra entrevista pra você ver. Uma, senhora já de seus 40 e poucos anos, ela vinha pra cá estudar, era uma aluna excelente, um nível de aprendizado excelente, muito responsável, e todo dia que ela vinha o marido xingava “vai aprender o que burra?”, tu vai pra lá pra que? Tu é uma burra tu tem que ficar dentro de casa.” Uma outra, o esposo dela é professor da rede estadual, odeia proeja. Então ela escondeu dele que não estava no proeja, que tava num técnico em informática, durante dois anos, até que ele acabou descobrindo, até o nome do grupo do whatsapp ela teve que tirar proeja pra colocar só técnico em informática pra quando ele fosse olhar o celular dela não vê proeja. Então você vê a discriminação que tem até por parte das pessoas porque é muito visto como um público marginalizado, sem condição, coitadinho, isso...eles mesmo, esse técnico em comercio, toda vez que eu entro na sala eu faço questão de chamá-los de proejianos, por que, porque eles têm um grupo de whatsapp que eu participo, mas eles não botam o nome proeja, é técnico em comércio, a gente já percebe que tem um fiozinho assim de vergonha.

E: Deles mesmos?

P2: Deles mesmo. Então sempre que estou com eles em sala eu tento motivar, porque eu mesmo, particularmente eu acho um dos programas mais lindo que o governo federal criou por aquele decreto lá cinco mil...então assim você tem a oportunidade de dar a uma pessoa dessa que não teve lá na adolescência, no tempo dele, a condição de estudar, tá tendo agora e com uma profissionalização é muito lindo esse programa, eu acho muito lindo.

E: Mas esse preconceito, será se ele não existe também por parte dos outros alunos da instituição?

P2: Também. Porque infelizmente nós tivemos casos de professores que chegavam dentro de sala de aula, eles mesmos promoviam o preconceito, porque o aluno da noite ele não é um aluno...é tanto que na LDB a noite ele tem que ser um turno mais reduzido, então alguns professores promoveram essa...eles se sentem dessa forma, é um pai de família, é uma mãe de família, é uma jovem ou um jovem que não

conseguiu lá no tempo hábil, e que vem e que se vê marginalizado. Tinha uma senhora aqui nesse primeiro proeja que ela tinha 71, 72 anos, eu achava o máximo, quando ela tava na sala de aula eu já me alegrava, mas sabe porque ela desistiu? Porque quando ela entrava bem aqui, tinha um grupo de aluno do ensino médio que falava “oh a veinha vem estudar pra que?” aí ela chegou conversar comigo né, aí no começo eu fiquei será se é, não é. Será se realmente tá acontecendo isso, e ela repetiu a cena, aí foi onde eu fui buscar ajuda, pra tomar uma providência, conversei até com o vigilante pra ver se ele via quem era esses alunos que fazia essa discriminação com ela, e acabou que ela saiu, ela se sentiu...mas olha só a idade, 71 anos, estudando, em sala de aula, mas chegou aqui..aí...e eu digo pra eles sempre, olha vocês tem um privilegio muito grande, porque vocês estão numa sala própria, só alunos do proeja, o mesmo perfil, a mesma situação no sentido de estudo, não é no sentido de vida, e que aqui dentro é um universo que vocês vão crescer, vão poder aprender, vão poder tá partilhando conosco, porque a gente acaba aprendendo com eles mesmo, é uma troca, desenvolve uma afetividade, se o professor quiser realmente, infelizmente tem muito professor que não quer, esse lado emotivo é muito assim médico, eu não me envolvo com seu problema porque senão eu vou...mas é um público muito gosto de se trabalhar, é muito gratificante.

E: Que bom professor. Em relação ao trabalho do professor em sala de aula. Eu queria que o professor falasse um pouco como tem ocorrido essa questão da inserção dos alunos em outras atividades, não somente de ensino, mas atividades de pesquisa e extensão se ocorre de alguma forma a inserção deles.

P2: Ocorre. Tem uma, só uma disciplina no final, que é uma disciplina que é um projeto que eles vão desenvolver sobre alguma disciplina que ocorreu durante o curso, essa é a oportunidade que eles têm. Porque desenvolver a pesquisa e extensão com alunos do proeja é um pouco complexo porque vai para o contra turno, e ir pro contra turno com eles não dá, porque já são ocupados. Mas existe uma disciplinazinha no final que é um projeto que é pra ser desenvolvido, um projeto de pesquisa, sobre uma temática que ele gostou durante o curso em alguma disciplina e a gente cobra esse estudo deles orientado, um pre “projetozinho” de TCC.

E: é uma disciplina?

P2: Ele escolhe uma disciplina. Por exemplo, no ano passado nós tivemos, é...uma disciplina, quem pegou foi o professor Gilberto, e aí eles escolheram das disciplinas

específicas a que eles mais gostaram, alguns pegaram rede, outros programação orientada a objetos, outros foram pra o lado de programação estruturada, web e aí foram escrever sobre aquele tema. Mas isso aí é difícil fazer, o que nós estamos fazendo nesse proeja técnico em comercio é a integração, nós conseguimos alinhar as disciplinas de administração com as de informática. Ao tempo em que ele está lá, por exemplo, vendo gestão de estoque da parte administrativa, eles vão está comigo vendo gestão de estoque digital, com software. Então, os conceitos que eles vão está vendo lá eu vou tá aplicando aqui na minha disciplina, a gente tentou alinhar isso o máximo possível, fazer com que as disciplinas ocorram juntas, ocorra essa interdisciplinaridade né? Que é pra aproveitar, extrair dele o máximo possível da compreensão. O foco não é fazer com que ele tire 10, não é fazer com que ele esteja alí, comendo livro e lendo, mas o foco do proeja que nós trabalhamos é fazer com que ele realmente aprenda, que ele desperte o interesse, que ele entenda que essa oportunidade que ele tá tendo vai servir pra vida dele, não vai ser apenas um curso, vai servir...vai mudar a vida dele, ele vai ter uma oportunidade melhor.

E: Agora, o professor poderia falar um pouco sobre a forma como trabalha no médio integrado e no PROEJA? Quais seriam as diferenças ou as semelhanças no trabalho com esses dois públicos?

P2: A gente brinca aqui, principalmente os professores da área de direito, que alguns professores trabalham a metodologia do opressor. Eles foram oprimidos, na graduação, na pós graduação, porque joga conteúdo e diz “te vira, faz esse trabalho” aí eles reproduzem isso em sala de aula. Aí eu até brinco(rs), aqui a maioria já deve ter ouvido falar de mim em sala de aula porque eu consigo lidar melhor com o aluno, eu consigo ter um relacionamento melhor com ele, eu consigo passar o conteúdo de uma forma mais fácil um pouco, trazendo mais esse entendimento, e uma maioria acha que ser carrasco, vai fazer com que o aluno, é a metodologia dele né? É o entendimento dele, mas acaba criando, assim...eu percebo, nas turmas que eu passo, que acaba criando uma barreira. O aluno fica assim: “nossa...o professor” Então ele acaba não desenvolvendo contigo um lado sentimental, emotivo...é mais fácil você conduzir aluno quando você consegue...pelo menos no que eu tenho percebido né? É mais fácil você conduzir uma turma, é mais fácil você tirar proveito de resultado em uma turma onde você consegue desenvolver um melhor relacionamento do que você simplesmente chegar e jogar o conteúdo. Ainda existe muito isso, é um lado que eu

já venho cobrando há algum tempo da direção, que fosse feito uma preparação pra que o desenvolvimento didático fosse alinhando, daqui com todos os professores...vamos tentar fazer um trabalho em que a didática ela seja alinhada. “nós vamos entrar em sala e ter essa postura, nós vamos tentar se relacionar com os alunos dessa forma e nós vamos trazer os conteúdos dessa forma” isso não existe, cada um tem sua autonomia e essa autonomia, muitas vezes, acaba caindo nessa do opressor que a gente brinca e isso acaba afastando muito. No quesito aluno médio é muito fácil o professor chegar com o conteúdo e jogar. Infelizmente. O aluno como ele é novo, raciocínio rápido, tem um processo de ensino aprendizagem rápido, você não precisa se preocupar tanto com a didática, acaba jogando mesmo muito conteúdo e ele acaba absorvendo muito conteúdo né? Quando você vai pra um proeja, quando você vai pra uma disciplina muito especifica do curso, por exemplo como ADS, nós temos três muito especificas, você tem que mudar o teu posicionamento pra você conseguir fazer com que ele aprenda, porque se ele não aprendeu aquele, perdeu o curso. Então acaba que, a maioria, fica nessa de chegar”...eu vou passar o conteúdo” ...tem a didática, tem o conhecimento dele, é a visão que ele entende, mas dava pra melhorar bastante, a sensibilidade nesse ponto, no instituto falta. Não é uma cobrança vã, eu cobre isso em Teresina, eu tenho sobrinhos que estudam em colégios particulares e tenho um filho, já de 4 anos, eu até brinco com minha esposa, nós até acordamos que quando ele tiver no ensino médio ele vai vir fazer aqui, porque eu vejo os particulares estão muito longe daqui, do nível dos professores daqui, da utilização de recursos aqui, por exemplo uma biblioteca desse tamanho, participar de projetos de extensão de pesquisa, está o dia todo dentro do campus, é, participar com professores, a maioria já com mestrado...ele tem um outro mundo, aqui ele tem um outro universo. Eu converso com meus sobrinhos e pergunto “o que é que vocês veem lá, como é desenvolvido esse conteúdo” ai, as vezes, uma hora ou outra eu tô perguntando aqui um professor como é ele desenvolve pra fazer mim fazer comparação e ver quem está na frente(rs) e aqui a gente sempre tá na frente. Muito bom. O instituto é muito bom e se houvesse esse alinhamento didático, essa sensibilidade, esse trabalhar, pode ter certeza que o instituto ia dar um salto muito maior, muito maior mesmo. Eu brinco com o pessoal do proeja que eu até digo assim, quando a gente tava trabalhando no proeja, quando formou a comissão, eu disse que é que vai participar, você você...então nós temos um lema daqui pra frente, daqui pra

frente quando se falar em proeja no Piauí tem que ser proeja técnico em comercio em picos, não existe outro, vamos ser nós, é o nosso objetivo, é chegar lá.

E: O professor já comentou algumas dificuldades dos alunos. Poderia aprofundar um pouco mais essa questão? Quais são as principais dificuldades que encontra no trabalho com essas turmas.

P2: É esse alinhamento didático. Olha, trabalhar com aluno do proeja, sem o professor receber um preparo, um curso, é muito difícil porque...eu vou contar um caso agora, tem um professor aqui, acho que é de física, muito bom, muito responsável, experiente, é um cara experiente, ele entrou agora nesse proeja técnico em comercio e ele se perdeu...Olha só Fernanda, esse alinhamento didático ele é essencial pro proeja, se não houver isso, se não houver um curso preparatório dos professores, olha só esse professor, é uma cara preparado, estudado, tem experiência, tem didática, aí nós selecionamos para botar no proeja com o diretor de ensino, "Oh ele vai dar certo, não vai gerar problema" deu problema. Aí o que é que aconteceu, mais da metade de da turma saíram, não aceitaram a aula dele, aí é um problema que nós vamos ter que resolver numa reunião, por que? Porque a preocupação dele, o foco dele foi em cumprir a ementa total e passar conteúdo e pra noite, pra noite, cumprir aquela ementa toda, as vezes não dá, o aluno não acompanha, então você tem que focar no que é essencial, o que realmente vai servir pra vida dele, porque tem muito conteúdo ali que vai ser mais pra o aluno real do ensino médio, que tá na idade própria, que vai cursar um vestibular, não que o proeja não possa fazer isso, pode, mas se eu tô tendo dificuldade com uma turma em acompanhar o conteúdo, o que é melhor eu fazer? É eu parar, refletir sobre isso e tentar passar o máximo possível que aprenda ou que eu vou tá atropelando? Então, olha só, um professore experiente se atrapalhou nisso. Porquê...aí gente sente que realmente tem que ter um preparo, não é porque o professor é isso ou aquilo, não, o professor é competente, eu conheço o professor, é compromissado, é uma pessoa que não falta, tá lá em sala de aula, tem didática, tem conteúdo pra passar, mas não conseguiu se sensibilizar e entender a diferença entre do perfil dos proejianos com o perfil do médio, aí gerou um conflito dentro de sala de aula, aí ele perdeu a confiança dos alunos, os alunos chegaram ao ponto de sair da sala, porque disse que não iam mais assistir porque não estavam acompanhando e não ia fazer mais sentido pra eles.

E: É...Complicado, porque entra a questão das especificidades certo?

P2: Isso. E não é...nós não estamos falando de uma pessoa jovem, é uma pessoa já madura, da minha idade assim 40 anos, tá vendo? Não conseguiu lidar. A necessidade de um curso preparatório pra lecionar no proeja é evidente, não dá pra ir sem isso, você vai geral problema o tempo todo com a turma. E o pior é que isso gera neles...já são um povo assim, que são discriminados pela sociedade...a gente vê isso lá em Paulo Freire né? E aí chega aqui ainda tem os outros “Ah é PROEJA?” Já tem isso, inclusive dos próprios alunos daqui...aí o professor faz isso, aí eles já se sentem mais menosprezados ainda não é? Então perdeu a confiança, ele não vai mais conseguir isso aí, eu não acredito mais que ele consiga resgatar uma confiança com esse público, eu acho muito difícil isso acontecer, e vai dificultar o conteúdo dele, ele pode até terminar, porque tá terminando, mas colocá-lo em outro semestre? Ele não consegue mais recuperar a confiança dos alunos, aqui ele acreditar “Olha esse professor ele tá aqui realmente pra me motivar” Porque o professor hoje, o que eu sinto, é assim...o professor hoje eu sala de aula ele não é mais o professor pra chegar “eu tenho o conhecimento, o domínio daquela área e eu vou passar” Não é...hoje a gente tem que entender o aluno, tem que ser um pouco de psicólogo, tem que ser um pouco amigo, tem que ser um pouco professor, tem que ser um pouco companheiro também, é um pouquinho de tudo pra poder chegar lá, pra conseguir realmente despertar no aluno aquela confiança dele olhar pra você, e a gente tem uma preocupação pessoal com a imagem porque se você pega uma aluno do ensino médio ou de um proeja desse, ele vai sair daqui levando a má imagem daquele professor pro resto da vida, ele não vai ter mais a oportunidade de desfazer isso nunca, é um jogo de marketing pessoal, se você não tiver esse entendimento de que é um pouco de marketing também, você não...como professor, hoje no que a gente vive hoje, não dá não mais não. Olha só, de que é que adianta a pessoa ser professor, é bom, é um doutor super conceituado, tem inúmeras publicações, mas tá em sala de aula aí os alunos ficam “não presta”, “não presta” “não presta”, então...fica...sabe? Educação é um processo, e é um processo hoje que não é mais daquele tempo...eu até estudei isso, me esqueci...era de...de autoritarismo né? É de participação, você tem que desenvolver essa participação, você tem que tá realmente com o aluno, você tem que dá em certos momentos autonomia, mas também impor um pouco de respeito também né, porque os aluno do médio também ele gosta de fugir um pouco disso, e fazer a sua pessoa enquanto professor perante o aluno, senão...Aqui tem inúmeros

professores excelentes, excelentes, são caras do mais alto gabarito, mas quando você vê nos conselhos de classe os alunos líderes falando, você percebe que ele tá sendo a pessoa que tá ali ali com conhecimento pra passar, mas tá faltando relacionamento amigável, tá faltando o lado psicológico, tá faltando envolvimento, tá faltando despertar uma confiança, falta isso, e no proeja sem isso aí não dá.

E: Complicado mesmo.

P2: É por isso que eu cobro muito. Eu cobro muito. Aqui dentro eu sou chato com o pessoal da pedagogia, eu cobro muito um programa pra os professores serem alinhados, porque assim “não, não dá certo”, mas se começar hoje e os outros verem e aí “eu aceito”, outro “eu aceito” amanhã...aí vai começar a mudar. Nós somos, eu sou Ifipibiano, até brinca assim, porque chama nação Ifipiana né, eu aumentei um pouquinho, Ifipibiano, porque Bibiano era o caba mais valente aqui da região né(rs), daqui pra Monsenhor Hipólito, aí eu juntei a maior valentia no sentido de estudo, de guerra, de busca né, aí chamei ifipibiano, eu sou ifipibiano, pra isso né, eu tô aqui, eu quero participar, eu quero mudar, e eu vi no proeja essa possibilidade, de trazer pra esse público. Eu morei um tempo em São Paulo, me profissionalizando na parte técnica, quando eu era rapaz, lá nos anos 90, e eu vivi naqueles comunidades nordestinas, dos cearenses, piauienses, os paraibanos, os baianos que ficam no entorno de São Paulo mesmo, capital né, fica Mauá, Tatuapé, o ABC Paulista, fica tudo ao redor, e eles saíram assim, nos finais de semana que a gente se encontrava lá, o maior sonho deles era voltar, pra terra aqui pra Picos, com uma profissão e trabalhar, porque eles saíram daqui, não puderam estudar porque naquela época aqui nos anos oitenta era difícil né, e foram, e aí o maior sonho é voltar, e voltar pra cá o que que a gente tem a oferecer? Então hoje nós temos técnico em comércio (rs), infelizmente é só tem uma turma, mas nós vamos crescer.

E: Com certeza professor. O professor já fez alguns comentários em relação a essa questão que eu vou colocar agora, mas só pra gente entender melhor, quais seriam os aspectos positivos e negativos do PROEJA?

P2: Eu não vejo aspectos negativos no proeja, eu só vejo aspecto positivo. O único ponto assim, negativo que eu vejo é por faltar um programa nosso pra gente preparar os professores pra isso. É o único ponto negativo que eu vejo.

E: No caso só a questão da formação?

P2: A formação do professor pra esse público. Nós não temos, tem em Teresina central, mas me parece que é de dois em dois anos, tem no site lá, eles ofertam né, de dois em dois não...é muito pouco...porque, são poucos campis que ofertam proeja né?

E: Isso. Lá em Paulistana mesmo não tem.

P2:Não tem. Parece que em Floriano teve um, Parnaíba outro.

E: Em alguns campi já teve e não tem mais.

P2: Pois é, e nós aqui estamos na batalha. E estamos na frente (rs)...mas é difícil, eu participei ativamente da divulgação do curso, eu fui pra todos os colégios que tinha aqui na região, nós levamos panfleto, eu fui...as meninas teve uma daqui da pedagogia que foi, a magnólia, teve ali as assistentes sociais que foram aos comércios, nós fizemos uma campanha intensa, em toda essa região aqui pra conseguir fazer a divulgação e trazer aluno pra cá, e trazer mais no sentido dessa conscientização, dessa oportunidade socioeconômica que o governo dá, moral, assim um resgate que ele tá fazendo com o que ele não pode fazer lá nos anos 80, lá nos anos 70, de quem não pode estudar. É por isso que eu acho um programa bonito, porque é realmente uma oportunidade, pra quem não teve, e hoje o governo está dando essa oportunidade, nós estamos trabalhando nela pra trazer, conscientizar esse público disso...E uma oportunidade assim, com qualidade né? Porque geralmente as turmas de EJA a característica principal é a questão da falta de qualidade, até porque, no estado eles não tem uma atenção mais específica pra isso.

P2: Eu não conheço o programa deles, o EJA, eu tenho até curiosidade, eu recebi até um convite pra participar de uma palestra do EJA, mas eu tava muito doente na época né e não deu pra eu ir, era aqui do estado, do EJA mesmo, do estado não, do município, foi até uma daqui, uma ex-aluna, que passou num concurso pra professora e estava à frente disso, mas nunca mais ela me procurou e a correria aqui é também é grande né, mas é um programa que eu...é a menina do meus olhos(rs).

E: Pronto. Pra gente finalizar, eu queria que o professor comentasse um pouco, eu até já percebi alguns aspectos na fala do professor em relação a isso, mas falasse mais especificamente, em relação às ações, atividades, praticas, que o professor desenvolve no seu trabalho com o intuito de garantir a formação integral desses alunos do PROEJA.

P2: Na minha área que é informática, eu tô lecionando uma disciplina agora que é só noções de hardware, o que é um computador, quais as peças dele, sem aprofundar o conhecimento, mas pra que ele tenha um conhecimento mínimo necessário pra quando ele chegar no comercio ele saber como é que liga um monitor, trocar um cabo, esse cabeamento da parte mesmo do computador, desse gabinete, uma impressora...então eu procuro trazer tudo pra prática. A gente fala um pouco, desenvolve algumas atividades de pesquisa mesmo, mas não é pesquisa mesmo, projeto de pesquisa, “é vamos aqui pra o laboratório, vamos pesquisar esse tema, vamos ver como foi a evolução dos sistemas de armazenamento, HD, pendrive, o CD, pro DVD até chegar ao Blu-ray”, pra trazer esse conhecimento, porque dentro de um comercio hoje ele tem no mínimo três computadores e eles estão em redes, então ele ter um conhecimento, mesmo que superficial, que a nossa ideia não é aprofundar nisso, mas que ele saiba ó “não tá funcionando a rede por que?”, pode ser o cabo...então ele tira o cabo, coloca novamente “ah, não tá funcionando a rede” pode ser aqui que o IP esteja em conflito, então a gente ensina isso pra ele ver, a gente vai dando dicas do dia a dia pra ele ir se sentindo seguro quando ele estiver no comercio, trabalhando, ou na empresa dele, então todas as atividades são pensadas de forma prática, pra gente desenvolver a prática mesmo, e, como nós fizemos em conjunto com administração, o curso de administração né, todas as disciplinas que estão lá e conseguem se alinhar com a parte de informática, nós vamos correr juntos, eles vão está partindo pra parte, tanto teórica quanto prática e comigo vendo já na parte de sistemas mesmo. Então, é por isso que eu coloco como sendo uma atividade mais voltada para a prática. A cada seis meses nós vamos está desenvolvendo um mini projeto integrador, pegar tudo que foi passado, da parte especifica, somente da parte especifica, não da propedêutica, pegar tudo e desenvolver uma ação em conjunto, vamos desenvolve um, projeto em conjunto, por exemplo. Qual o nosso objetivo maior? É desenvolver vendas, então nós vamos está ali, desenvolvendo vendas, botar um computador, botar um sistema, botar um leitor de código de barras, trabalhar junto a parte de vendas, a parte de marketing, atendimento, pra fazer com que eles sintam realmente na prática, na pele também (rs)...pra não trazer só conteúdo, conteúdo assim, um aluno do ensino médio, pegar um conteúdo desse aqui e passar pra eles é muito bom, o aluno do ensino médio ele vai ter tempo, ele vai conseguir ler, ele vai conseguir desenvolver um trabalho, ele vai fazer uma atividade, ele faz um seminário,

mas o aluno do proeja não dá pra ser só assim, nós temos que realmente trabalhar afundo. Eu...antes de implementar o técnico em comercio, eu vi um na Bahia que é a maior referência do proeja na Bahia que é desenvolvido todo na prática, é sem prova, sem avaliação escrita, é todo prático o conteúdo lá, eles conseguiram fazer isso. O nosso objetivo aqui era esse, infelizmente nós fomos barrados em muita coisa lá de cima, mas nós vamos chegar lá.

E: O professor gostaria de fazer mais alguma consideração em relação ao PROEJA?

P2: Queria fazer um apelo. Um dos pontos fortes é esse, a formação do professor nessa área, é preparar o profissional, o docente pra atuar nessa área aí. Mas a atuação do professor nessa área não é só a preparação dele como professor pra mudar sua metodologia, mudar sua didática...é tratar ele no lado mais psicológico, no lado de relacionamento afetivo, olha não vai adiantar entrar no proeja se você não desenvolver um relacionamento afetivo com o aluno, ele não vai se sentir confiante, ele só vai quebrar aquele estigma que colocaram na sociedade de que ele é um discriminado, um pobre coitado que tá ali, quando ele sentir que o professor tem uma afetividade com ele, quando ele sentir que o professor realmente valoriza aquele aluno em sala de aula, e a valorização que a gente consegue passar pra eles, que eu senti muito nessa minha experiência com os proejianos é isso, é chegar “ó, eu não sou só teu professor, eu sou teu amigo, se você tiver problema em família, traz pra cá, a gente resolve, a gente tenta ajudar da melhor forma possível”, se for um caso muito pessoal e você não quiser participar, não tem problema, mas é trazer realmente essa afetividade, é criar esse laço. Se você não conseguir desenvolver com o aluno do proeja essa confiança, ele vai tá todo tempo com o pé atrás contigo, todo tempo ele vai olhar assim...você não vai conseguir desenvolver isso bem. É um público assim, difícil de lidar, qualquer coisinha ele já acha que é discriminação, mas é um público muito gratificante, como profissional, como pessoa, você sai gratificado, é um público onde você vai ver na rua “professor, você foi bom...você me ajudou”...Às vezes, essa senhora, essas duas, uma senhora e uma filha né, o caso delas que eu já contei, elas chegaram a tá trabalhar no inverno, limpando a roça e plantando e recebendo os 200,00, 100,00 cada uma, pra ir comprando...(...) enquanto ia lá, e resultado, os outros tiveram uma assim, uma espécie de discriminação porque elas estavam faltando muito, e quando nós fomos atrás vê o que realmente estava acontecendo era isso, e

nós as resgatamos, trouxemos, fizemos trabalhos paralelos pra elas acompanhar o conteúdo, pra trazer...então, essas pessoas, assim, quando você vê, você vê a cara de...não tem barreiras, você quebra toda barreira com esse aluno. É difícil porque, você desenvolver esse lado, ter essa preocupação, pra o professor, uma maioria pode pensar assim: é um trabalho a mais, é um desgaste a mais, “eu já tenho que preparar aula, eu já tenho que pensar nisso e ainda tenho que tá me envolvendo, eu vou ter que tá...” Mas é muito bom, eu digo que é muito bom, vale a pena. Então, ser professor, ser psicólogo, ser aluno, ser até médico, ser amigo, ser parceiro, dar cesta básica (rs), fazer uma festinha dentro de sala de aula, é essencial...se não fizer, você não resgata....e esse é o objetivo, quando se falar em proeja, só vão lembrar do proeja de Picos.

TRANSCRIÇÃO P3

E: A primeira questão, eu até já coloquei aqui, é em relação a quanto tempo trabalha no campus. E especificamente com turmas do PROEJA integrado?

P3: desde de 2010.

E: Antes de ser professor nessas turmas do PROEJA, o professor já tinha algum conhecimento sobre o programa?

P3: Não. Só de ouvir falar, assim, que tinha a oferta no estado, alguma coisa assim, mas nada mais que isso, nunca tinha trabalhado com o programa em si.

E: Nem com a EJA?

P3: Não.

E: Além do PROEJA, no momento o professor trabalha com o PROEJA, alguma disciplina?

P3: Não, no momento não.

E: Mas no período que trabalhou, além do PROEJA trabalhava com outros níveis e modalidade de ensino né? Quais?

P3: Na época era no médio integrado e técnico concomitante/subsequente.

E: Eu gostaria que o professor falasse um pouco sobre como foi o processo de inserção do professor no proeja, como é que o professor chegou pra trabalhar no PROEJA.

P3: Certo. Na verdade a gente não teve uma preparação pra dizer, o que é o programa, não teve alguma coisa mais elaborada, teve mais a orientação do

coordenador, de uma maneira rápida, mas já especificando qual era o público, disse olha esse aqui é um público diferenciado, em relação as outras turmas, que é principalmente o ensino médio né, o que tinha mais na época, e dizer assim que é o público que ele vai tá lá durante o dia no trabalho e a noite aqui, ou então é a dona de casa que vai tá o dia inteiro cuidando de outras atividades e vai chegar aqui com um ritmo naturalmente diferente do aluno de 16, 15 anos que está no ensino médio e que a única preocupação é estudar. Então, assim...a orientação geral da coordenação foi essa, e assim, pra gente ter um pouco de sensibilidade na condução de conteúdos e atividades considerando essas particularidades.

E: E em relação a participação em algum curso de formação sobre o PROEJA, o professor chegou a participar de alguma formação, teve alguma orientação especificamente para o trabalho com o PROEJA.

P3: Não. Assim, nós não tivemos nenhuma capacitação, treinamento ou orientação mais didática de como conduzir aulas nesse público, não tivemos. É, e especialmente na minha formação que é bacharel, então vai muito da percepção, sensibilidade de tentar trabalhar...mas muito mais no empirismo do que a gente ter algum embasamento ou uma orientação vamos dizer assim mais pedagógica ou mais cientificamente trabalhada pra gente conduzir esse público.

E: E em relação a elaboração de Projeto Pedagógico de Curso. O professor participou de algum?

P3: Eu participei da turma atual, que é o proeja médio integrado ao técnico em comercio, a gente teve a oportunidade de ajudar na elaboração do projeto, apesar de ainda não ter sido professor na turma, mas participei no projeto.

E: E como foi esse processo?

P3: Eu acho que ele foi um processo....ele não foi bem conduzido, né. Inicialmente pelas instâncias superiores por uma questão de prazo, foi estipulado um prazo que, na minha opinião, não foi suficiente. O segundo aspecto é que nós iríamos formar uma comissão local para dar uma singularidade ao curso e adequar a nossa realidade, né, e a orientação da pro reitoria de ensino é que não, esse curso na verdade ele deveria ser construído por uma comissão multicampi, e que essa comissão determinaria um projeto que era como se ele fosse unificado que se um dia fosse utilizado em outro campus já estaria pronto, se ele estiver sendo realizado esse mesmo curso em outro campi o aluno daqui ele teria como pedir uma transferência pra lá e seguir a mesma

grade. Mas na minha opinião isso não foi interessante aqui pra nós em termos de prática aqui, porque foi formada uma comissão com alguns membros de outros campi que nunca participaram, e o meu caso específico é que eu estava fora dessa comissão e fui trabalhar e colaborar com os colegas que estavam coordenando aqui no campus né, e engraçado que os de lá foram certificados...eu também fui certificado, né, mas os de lá foram certificados sem nenhuma contribuição e aí tem muito aquela correria pelo título, aquela coisa, mas efetivamente não colaboraram. Então nós tivemos essa questão de prazo, nós tivemos essa questão de, vamos dizer assim, contratempos em relação a colaboração daqueles que lá estavam na comissão, e por último, um outro fator que foi o fator de orientação, nós enquanto comissão aqui...terminou que a comissão acabou virando local novamente. Então a proposta inicial que estava né, numa perspectiva de ser local, passou a ser estadual e a execução foi local e aí, assim, quando a gente ia atrás de orientação na PROEN nós não recebíamos uma orientação muito clara, tanto é que a gente elaborou a partir das primeiras orientações, depois vieram outras que vieram fazer a gente mudar no meio do processo e lá mais pra frente tivemos outra dificuldade e, resumindo, ficou quase uma colcha de retalhos o nosso projeto por conta do prazo e da orientação que veio a mudar durante o processo e, sinceramente falando, eu acho que não ficou bom, apesar de eu fazer parte da comissão, poderia ter sido melhor se a gente tivesse prazo hábil e uma orientação mais clara, tinha o presidente da comissão, que ele teve acesso ao material, mas só pra gente exemplificar, “ah, nós vamos colocar...nós queríamos colocar modular, semestral, aí disseram “não, tem que ser anual”” então, você tinha disciplina, por exemplo de 30 horas que iria ter uma aula por semana, aula de nove e dez as dez da noite, então a gente sabe que pra esse público seria complicado, “rapaz vamos botar modular, porque pelo essa disciplina de 30 horas tinha duas aulas por semana, mas aí “não, não pode””, aí lá no final quando viram que realmente aquele proposta construída, “não isso aqui não vai ser viável”, aí “muda”, quando a gente mudou, aí, já não tivemos...e pra resumir assim, aconteceu que o coordenador disse, o coordenador da comissão, presidente da comissão, rapaz eles disseram pra gente executar esse primeiro módulo, terminou ficando modular, e depois a gente ia ver como ficava o segundo, e o terceiro e a gente ia ficar revisando, eu disse “como é que a gente vai começar um curso sem o projeto pronto?” e é assim que está.

E: No caso o projeto não está pronto?

P3: É...ele está todo elaborado...e foi uma proposta mas, assim, acho que aprovado, mas segundo a última informação que eu tive, porque eu me desliguei um pouco desse processo, eles disseram que tava sujeito a mudanças, ou seja, a cada semestre eles iam dá uma olhada, “não, tá ok”, “não tá ok”...na minha concepção deveria ser feito tudo antes, feita...né...oh, vai começar assim e já tem como é que vai terminar.”

E: ok professor. Em relação a oferta de cursos PROEJA aqui no campus, como o professor analisa essa oferta.

P3: Oh, a gente tem uma dificuldade muito grande em relação ao próprio público. Nós enquanto IFPI temos uma meta, ou seja, temos um percentual de alunos que tem que ser nessa modalidade de jovens e adultos, nós nunca conseguimos atingir essa meta porque, é, o próprio público tá ficando cada vez mais escasso, isso é bom, de alguma forma, porque a gente vê que tem outros projetos em outras redes e nós já tivemos algumas turmas aqui, e então assim, e aí essa galera nova toda ela já tá estudando, já tá fazendo pelo menos o ensino médio, e por um lado é bom. Mas, eu acho que poderia ser revisto, ou essa meta a partir dos novos indicadores, porque pra gente formar essa última turma foi uma luta muito grande né, correndo atrás mesmo pra poder tentar formar, quase que não fecha, porque quem tinha interesse, já fez, e quem não fez ainda é porque não quis, ou seja, não é essa nova oferta nossa que ele vai dizer “ah, agora eu vou estudar”, eu acho que poderia ser feita uma revisão desse...se eu não me engano, 25% ou, um percentual...você não sabe não?

E: 10% das vagas

P3: 10 % das vagas ofertadas tem que ser na modalidade proeja, nós ofertamos aqui anualmente...sei lá...isso quando se fala em médio, ou superior...não sei...mas resumindo, a gente só conseguiu até hoje manter uma turma, em alguns momentos a gente tinha que ter duas, mas a gente tinha essa dificuldade do próprio aluno, tem as outras dificuldades operacionais, mas eu acho que se tivesse aluno a gente iria correr atrás, tanto é que a gente abre pós, especialização e tal, desenvolve alguns outros projetos e isso poderia tá voltado para o proeja, mas eu acho que o grande fator mesmo é a questão público.

E: Sobre os alunos do PROEJA, na experiência que o professor já teve no trabalho com eles, como era esse trabalho? Como era a relação com esses alunos? Que dificuldades eles apresentavam? Como era a questão do trabalho com esses alunos em sala de aula?

P3: Sim. É assim, vamos iniciar uma comparação com o ensino médio, que a gente tem condições, por exemplo, de ministrar um conteúdo em sala de aula, né...fazer uma teoria com eles e diz “agora vocês vão lá, e façam um trabalho complementar, ou vão para a prática, vão fazer uma pesquisa de mercado, vão fazer uma entrevista, vão visitar uma empresa, vão fazer aqui a nossa área...” com eles a gente não tem condições de fazer isso por conta dessa série de outras atividades que eles têm fora as atividades escolares. Então, assim, o professor tinha que ter um pouco de sensibilidade em relação a isso, naturalmente o nível ele vai ser mais elementar, Trabalhando as principais questões de cada conteúdo, então, é...nós tínhamos essa percepção de que ó, “desse conteúdo aqui o eu mais interessa a eles é isso”, e diferentemente a gente incluía algumas questões que a gente sabia que era importante pra eles e que não estavam no programa, então isso formalmente é um pouquinho complicado porque a gente não tá obedecendo a um script que tem aí, mas o professor que tem sensibilidade eu acho que...eu inclusive sou adepto dessa corrente, tem que esquecer às vezes um pouco o o papel e ir pra o que faz diferença na vida do aluno. Então o que faz diferença na vida do aluno de ensino médio é totalmente diferente do que faz diferença na vida do aluno de 50 anos, de 60 anos, do pai de família, de alguns avós, dona de casa, daquele que tem um comérciuzinho informal, que tem uma...né...e tá lá com uma outra perspectiva, então, às vezes, a gente ia falar da formalização do negócio dele, a gente ia falar da questão previdenciária, de como ele pode se aposentar um dia, a gente ia falar de algumas legislações específica para dona de casa, a gente ia falar...motiva-los a inovar no pequeno negócio que eles tem, ou então como eles teriam comportamento diferenciado, inovador, ou um pouco mais, vamos dizer assim, ter um pouco mais de estímulo e motivação nas suas atividades diárias do que propriamente um conteúdo mais técnico e que...por exemplo, eu trabalho na área de administração não fazia muito sentido eu tá colocando aqui, “ah no futuro vocês vão administrar uma grande empresa”, não...era levando o conteúdo pra realidade deles. Só que isso a gente...assim, pelo que a gente comenta e ouve comentários, é que nem todos os colegas tem essa mesma percepção, então ele coloca numa linha de produção, tanto faz ele tá no médio, no superior, como no técnico, como no proeja, às vezes ele conduz de uma forma só e as respostas são diferentes e aí eu vi muitos colegas colocarem que lá no proeja eles não tinham o prazer de trabalhar por conta disso,

porque o estímulo era dado e a resposta não vinha a contento, aí não é caso da gente entrar porque é coisa particular, mas às vezes é o estímulo que não está adequado ao público, né, e assim, mas realmente é um desafio, eles já chegam muitos aqui cansados, eles já chegam e querem voltar mais cedo, eles tinham, antes de estudar aqui, o costume de dormir oito, dez horas da noite e aí pra ter aula até dez, pra pegar uma condução e chegar em casa pra ajeitar o café da manhã porque vai acordar cinco e meia da manhã e enfim, uma série de outras preocupações que outros públicos não tem, então, assim...ter essa percepção até que ponto você pode tirar o máximo deles e tentar descobrir qual é o limite pra não ultrapassar também né. Mas é um desafio porque até mesmo na construção do projeto pedagógico, que a gente se referia agora a pouco, existe uma tradição aí que é extremamente complicada que é o copiar e colar, então, ou seja, dá uma olhada as vezes na ementa do ensino médio tá ela mesma lá no projeto do proeja, e às vezes não está, mas está muito parecida ou um conteúdo muito grande que não dá pra gente trabalhar, dizendo assim “oh, a base é essa agora vocês vão responder não sei quantas questões do livro”, não dá pra conduzir isso com eles, então, assim, vamos reduzir esse conteúdo para o principal e mastigar, porque se ele souber daqui a essência de cada um desses conteúdos eu acho que é muito mais produtivo do que ver tudo e não absorver quase nada, então é por aí que penso.

E: Em relação às suas atividades docentes, eu queria que o professor falasse um pouco sobre a questão do envolvimento dos em atividades de pesquisa e extensão. Se tem essa participação, se é dada essa oportunidade a eles de desenvolverem outras atividades que não somente o ensino.

P3: Sim. Em relação à pesquisa eu acho que fica muito a desejar porque a pesquisa ela é uma atividade conduzida muito mais pelo professor do que pelo aluno né, então onde o professor tem a opção de pegar o aluno do ensino médio que pode, vamos dizer assim, explorar um pouco mais aquele tempo livre dele, aquele potencial de pesquisa, aquela sua facilidade de usar os meios de comunicação mais modernos ou utilizar-se de algumas questões como acesso à internet, pesquisa e tal, ele vai preferir o ensino médio, esse é o caminho natural, então aí o proeja já fica um pouco de lado nisso, mas eu acho que a principal questão mesmo envolvida não seria nem essa, de dizer assim, esse aqui ele tá mais habilitado, eu acho que tá muito mais relacionado a disponibilidade, esse aqui tem mais tempo, esse aqui tem menos tempo, porque

aprender numa reunião, duas reuniões, três reuniões, eu acho que qualquer um é capaz, mas aí eu acho que na pesquisa tem muito essa questão de disponibilidade. Já na extensão eu acho que é a melhor forma de você trabalhar motivando o proeja, nem sempre a gente consegue, mas quando a gente consegue pegar o conteúdo da disciplinar e transformar em projeto, eu acho que a produtividade é bem melhor até porque é a vivencia deles, você joga pra prática que é o que eles têm, né, então você consegue desenvolver competências e habilidades, a partir do métier deles, que é a vida toda...ou lá no pequeno negócio, ou comprando e vendendo, ou como consumidor, ou é...né, trabalhando nas suas atividades rotineiras, então voce joga o conteúdo em atividades também práticas, eu acho que seria a situação ideal, entretanto isso também é impedido por uma questão, impedido não, dificulta-se trabalhar porque você precisa deles aqui quatro da tarde pra desenvolver uma atividade, é bem complicado né, então tem essa questão da divisão do tempo, a divisão do tempo, mas quando há propostas, não tenha dúvida que eles se interessam. Eu cito aqui nessa turma que a gente trabalhou, por exemplo, as visitas técnicas, se interessam bastante né, locais e também cheguei a fazer viagem com uma turma pra Teresina, conhecer empresas, fábricas, e eles gostaram demais, se envolveram demais na atividade, e teve um outro projeto em que eles abraçaram assim de uma maneira muito especial, foi um projeto chamado Gerenciando ideias, que a gente fez aqui em 2010, inclusive veio a receber o prêmio de melhor projeto de educação empreendedora do brasil, que foi a gente fez uma capacitação com os alunos pra montarem suas empresas aqui, e eles fabricaram os produtos, criaram a empresa, criara logomarca, fizeram toda uma parte de decoração e montaram stands aqui, nós tivemos uma feira com mais de dois mil participantes aqui e 23 mini empresas e dessas 2 eram do proeja né, então eles realmente fabricaram produtos reciclados e tal...se envolveram realmente e eu não tenho dúvida que aqueles que participaram tiveram experiências, desenvolveram competências muito, muito, muito interessante, muito produtiva realmente pra eles. É...Agora não tenha dúvida, que é um desafio, nem sempre a gente consegue envolver a turma pra atividades dessa natureza. Na verdade eu vou ser sincero, a gente pleiteou fazer a terceira edição desse projeto agora e nem mesmo o médio tá aderindo, com a mesma força porque, atividades, muitas atividades, hoje eles têm esse ensino médio em três anos e eles tem 18, 20 disciplinas, e aí tem que dá conta de tudo isso, e aí a gente perdeu...aí

tem, aulas três tardes por semana, até o momento de se reunir com eles...então, resumindo, o fator tempo, ele muitas vezes é uma desculpa, mas muitas vezes ele realmente atrapalha aí a vida do docente em relação as atividades de pesquisa e extensão e no proeja não é diferente né, no proeja não é diferente. Então eu diria que a pesquisa é um desafio maior, a extensão é algo que dá pra trabalhar, mas que nem todos os professores tem essa perspectiva de trabalhar com projeto, o ensino ainda é o que reina dentro do proeja.

E: Eu queria que o professor falasse um pouco sobre...o professor até já começou a falar lá no início, fez uma relação do proeja com o médio integrado, mas eu queria que o professor reforçasse mais como você pensa a forma como trabalha no ensino médio integrado e a forma como trabalha com as turmas do PROEJA.

P3: É o seguinte, eu costumo trabalhar adequando exemplos, conteúdos e linguagens ao público específico. Então, a gente aqui no Instituto federal, na rede como um todo, nós somos desafiados a tá ajustando essa dosagem aí, desde o ensino médio, jovens a partir de 14 anos, passando pelo técnico que a gente chama aqui o técnico somente que é o concomitante/subsequente, passando pelos tecnólogos, que tem uma linguagem muito mais voltadas para o mercado, as licenciaturas, que essas estão voltadas pra educação e o proeja, então assim, os colegas costumam dizer aqui que a gente só precisa agora...só falta o “infantec”(rs) que é pra trabalhar né, pra poder complementar...e as pós graduações que a gente tem aqui pelo menos uns quatro cursos de pós graduações, então a gente realmente tem que de vez em quando ser um pouco camaleão aí. Nessa comparação mais específica que são dois ensinos médio integrado, que é o tradicional e o proeja, eu acho que, como eu falei tem que ajustar esse tino aí, então tá muito mais ligado a exemplos e linguagens, eu trabalho nessa perspectiva. Então um exemplo de organização empresarial, eu digo a eles no ensino médio, por exemplo, que eles têm que organizar a vida pessoal deles inicialmente, desde a gaveta com meia e cueca e calcinha...passando pelo local certo de ter a chave, onde é que vai guardar a carteira, onde é que vai colocar isso, isso e aquilo, até organização do tempo, aí é que eu digo, isso aí sendo verdade, você conseguindo se organizar, você organiza uma empresa, aí vou passar pra os exemplos empresariais. No proeja da mesma forma, já com os exemplos mais voltados pra realidade deles. Então eu vou dá o exemplo da dona de casa que tem

que cuidar dos filhos, as vezes dos netos, do marido, só que ela também vende Avon e ainda as vezes nas horas vagas ela faz uma trufa pra vender e aí ela tem que dividir esse tempo com tudo isso, organizar seus materiais, aí vai organizar suas finanças, o que é pessoal e o que é lá do empresarial dela que são aquelas duas fontezinha de renda que ela tem. Então nós temos esse ajuste de linguagem, então os exemplos que eu dar lá no proeja eu vou puxar um pouquinho mais lá pra minha infância, eu vou tentar puxar pra aquele programa de televisão que passou a um tempo mais distante, e...eu vou...sei lá...envolver eles um pouco mais na conversa a partir da vivencia deles. Já com os jovens você tem uma linguagem um pouco mais espontânea, você tem a utilização de exemplos do que tá acontecendo na web, o que é que você tá recebendo no whatsapp, o que é que tá rolando no Facebook e como é que eu envolvo eles e trago depois pra dentro do conteúdo, então tem esse ajuste de linguagem, eu vou dizer assim. E uma outra grande diferença aí é essa questão de disponibilidade, a distribuição das suas tarefas diárias em que o aluno do ensino médio chega aqui de manhã e se concentra única e exclusivamente no IFPI, dá uma pausazinha meio dia, às vezes tem aula a tarde, às vezes não tem, mas ele vai fazer um trabalho, vai estudar pra uma prova então ele vive o IFPI né, eles costumam dizer que depois que entraram no IFPI não tem mais vida pessoal né (rs), realmente o médio é bem mais puxado. E aí nas horas vagas deles eles vão jogar um futebol, vão namorar, ou eles vão fazer um passeio, ou muito tempo dedicado as redes sociais, enquanto que o proeja quando sai daqui que tem um tempo livre do IFPI, na verdade eu não diria que ele tem tempo do IFPI para vida pessoal, ele tem a vida pessoal e o tempo livre da vida pessoal é que ele pensa no IFPI né, eu acho que é mais ou menos assim. E aí assim, esse tempo lá fora do IFPI é, ele é funcionário de uma empresa, então ele tá pensando lá nas atividades da empresa, é...ele tem um pequeno negócio, sei lá...uma “vendazinha” lá na casa dele mesmo, um mini supermercado, ela vende a lingerie, vende Avon, a Jequiti, além disso, não tem nenhuma atividade empresarial, mas aí ela vai cuidar desde café da manhã a janta, a casa limpa, os netos, vai às vezes ensinar a atividade a um pequeno neto, vai cuidar né, enquanto a filha tá trabalhando cuida do neto, e assim é...então a gente vê que a disponibilidade de tempo é outra estória e até mesmo a energia, quando vem para o IFPI vem a noite, depois de uma trajetória de atividades e de preocupações. E, o aluno do ensino médio não, ele já aqui de manhã na primeira atividade e aí se ele tiver cabeça ele faz outro a noite e o do proeja ele vem e se ele

tiver cabeça ele assiste a aula. Acho que é por aí...então, assim, o professor acho que tem que tentar dosar isso aí de maneira...”oh vamos imprimir um ritmo que dê certo pra os dois”, não dá pra imprimir só o do professor e também não pode ir só na jogada do aluno, porque muitas vezes eles utilizam todos esses argumentos pra fugir de algumas atividades que ele teria condições de fazer, então essa percepção aí, a gente vive numa...no fio da navalha aqui, né “ como conduzir de forma que seja mais produtivo, sem exagerar e aí a gente tem que ir monitorando isso semanalmente, né, aí frequentemente tentando dosar...é assim, dessa forma.

E: Eu já consegui perceber algumas coisas, mas eu gostaria que o professor pontuasse quais são as principais dificuldades encontradas no trabalho com essas turmas do PROEJA?

P3: Certo. Tem uma questão de estímulo, e aí alguns colegas costuma dizer que eles estão aqui por causa de uma bolsa de 100,00, tanto é que é uma política aqui dizer assim “ó, nós estamos chamando vocês pra ir pro ensino médio e acabou-se” quando eles chegam aqui é que se fala nessa bolsa porque a preocupação na época do chamamento né, é que eles venham por causa de uma bolsa de 100,00 né (rs), e aí, assim, a ideia geral é eles descobrirem que tem a bolsa só depois realmente, quando for pagar porque, o dinheiro não ser o chama, vamos dizer assim né. Mas muitos colegas dizem que eles estão aqui realmente só por causa da bolsa, não desistiram só por causa da bolsa, realmente é um desafio. Tem o interesse, tem o próprio sentimento de que eu não sou capaz, não é mais pra mim isso aqui é um outro mundo, né e tem aqueles que realmente querem, mas tem toda uma amarra lhe puxando aqui do IFPI, as preocupações da vida pessoal, a família, a renda, o transporte que é difícil chegar aqui às vezes, nós temos a questão financeira, porque mesmo tendo a ajuda de custo de 100,00 a gente sabe que não dá pra cobrir as despesas que tem pra vir pra cá, aí tem às vezes o marido que tem um pé muito atrás em relação a esse negócio de tá vindo toda noite e tem dias que chega mais cedo, tem dias que chega mais tarde e aquela coisa toda...e não vai dá certo pegar um ônibus, e aí tem a pessoa que mora em zona de risco e aí chegar dez e meia da noite vamos dizer assim, não é um negócio muito bom, então essa questão de segurança, aqui nosso campus é um pouco isolado você vê aí, nosso sistema de transporte não é eficiente então, são muito fatores, tempo, dinheiro, família...e aí tudo isso se torna um desafio maior, se a educação em qualquer nível é um desafio eu acho que na educação de jovens e

adultos é maior ainda. Então tem essas dificuldades, essas dificuldades que eu enumerei e assim, o próprio estímulo, às vezes a gente vê que tem uma galera que realmente não tá lá com aquele espírito de aprender, mas ao mesmo tempo se a gente tentar motivar você facilita algumas coisas, e já tem gente lá dentro que lhe motiva, que você diz ó, se você conhecer a história dela que ralou o dia todo, que tem mil preocupações, que tem problema de saúde, ainda tem essa questão de saúde que adoecem mais do que os mais jovens(rs), e aí a gente vê aquela pessoa com aquela garra, com aquele estímulo lá aí diz, vale a pena eu preparar uma ala com mais capricho, nem que seja só pra essa pessoa, mas beneficia a turma inteira, até aquele que está sem vontade naquele momento.

E: Quais seriam os aspectos positivos e negativos que o professor considera em relação ao PROEJA, ao programa de uma maneira geral.

P3: Isso...um programa a nível macro, aquilo que é desenvolvido no estado, no município, a filosofia, ou não? O PROEJA IFPI?

E: O PROEJA. Pode falar de uma maneira geral nos institutos, mas o professor pode trazer pra sua realidade.

P3: Na verdade o PROEJA eu considero um programa altamente inclusivo e realmente ele oportuniza e a gente tem aqui os exemplos do pessoal que verticalizou, que se empolgou, vamos dizer assim né, teve aquele estímulo aqui no PROEJA e enquanto alguns pensaram...alguns desistiram, outros terminaram mas pensando que aquilo ali não era pra eles, outros “opa, eu vou aproveitar agora, eu tomei gosto”, então numa turma de 40 alunos se tiver um ou dois que tomou gosto eu acho que já valeu a pena todo o esforço e aqueles outros que mesmo vindo pra cá quase que a força ou aquele que não desistiu pensando nos 100,00, mas não tenha dúvida que ele melhorou em alguns aspectos, sem ele perceber, se disser “a que é que te deve essa tua formação” ele vai lembrar do pai dele, ele vai lembrar do patrão dele...talvez ele não lembre do IFPI, mas se ele não tivesse aqui no IFPI, ele talvez ele não conseguisse conversar com a mesma propriedade que ele tá conversando, ele talvez ele não tivesse a mesma desenvoltura e a mesma quantidade de amizades que ele tem, a visão de mundo que ele adquiriu aqui, o contato com professores especialistas, mestres e doutores, vislumbrar uma outra perspectiva de dizer “poxa, essa galerinha nova aí, o pessoal tudo novinho e estudando... e estudaram realmente e esse caminho eu quero pra o meu filho” , então mexe com um monte de questões que ele mesmo

não consegue perceber, e nem nós, e nem nós. Então, no momento que você diz, é um programa relativamente caro porque a gente vê turmas se formando com 10, 15, 20, né, tendo, vamos falar aqui em valores, em dinheiro que pra mim acho que teria que ser o último plano na educação...mas o mesmo custo pra formar 40, e se formam 20, beleza, e se desses vinte aí nós temos aqueles casos que realmente se aproveitaram que eu acredito que seriam todos, não tenha dúvida que valeu a pena, independente do valor que teve...Mas, os pontos positivos do programa em sim, tem isso...e pra nós é uma experiência também, muito...porque assim, eu digo nós de uma maneira geral porque se você perceber, a maioria dos professores do IFPI entram no IFPI com menos de 30 anos, então você tem a oportunidade de trabalhar com pessoas mais experientes, mais vividas e a gente entender um pouco daquela cultura, daquela cabeça, daquela realidade que eles foram criados e que eles vivem hoje. Então, eu acho assim, que aquele que gosta de aprender, ele aprende muito também né, claro, aquele que não é muito de mudar, não é muito de...ele vai sentir muita mais dificuldade com esse público porque ele vem de uma outra geração e de uma outra realidade totalmente diferente daquele professor que tá no IFPI né. Então ele é positivo para o aluno e ele é extremamente positivo também para o professor que tem a mente mais aberta, eu particularmente toda vida trabalhei com esse público, não na educação né, eu vim do comercio que a maioria dos clientes era aquele lá do interior, aquele senhor, aquela coisa e aí depois fui trabalhar em banco na área social em que o público era o bolsa família e o senhor aposentado, a senhora aposentada, pensionista e aí eu cheguei aqui e tive muito mais facilidade de conviver com eles né, aí assim, só ajustar o tino educacional pra aquela realidade, então pra mim foi uma experiência muito boa e.... e eu acho que....tem essa outra turma nova aí que eu vou ter logo logo a oportunidade de estar com eles, e eu acho que é mais uma experiência né no nosso currículo. Só que tem esses pontos negativos também né, o ponto negativo, a gente já comentou alguns, está relacionado ao baixo nível de interesse de alguns, alguns, está relacionada a concorrência de inúmeras atividades que eles tem que distribuir ao longo do seu dia e o proeja talvez seja só mais um, dos menos prioritários em alguns casos, nós temos o desafio, os pontos negativos de...uma falta de integração entre os colegas que ministram, que normalmente um tem uma visa, outro tem outra, então é comum em uma sala de aula a gente ouvir reclamação de um e de outro e é bem possível que tenha aparecido reclamações minhas nas aulas dos outros, isso aí é bem

natural acontecer, mas a gente fica até constrangido, “olha professor aquele...” “olha, não...é o seguinte, vamos cuidar da nossa aula aqui que é bem mais interessante pra todos nós né”, e você tem....é...os pontos negativos principais acho que são esses aí que eu tô conseguindo lembrar agora, talvez a gente tenha comentado algum lá pra trás que dê pra aproveitar também.

E: Pra gente finalizar, pensando a questão da formação integral, do currículo integrado, mais especificamente no PROEJA, que atividades, ações ou práticas o professor desenvolve, ou desenvolveu nas suas aulas pensando em garantir a formação integral desses alunos? ou se não conseguiu desenvolver, quais foram as dificuldades?

P3: É, eu acho que essa parte de integração hoje a gente tem uma maturidade bem diferente daquela época, eu acredito que a gente teria como desenvolver projetos mais específicos na área relacionados por exemplo, a ética, a questão de pequenas corrupções, a uma visão política um pouco diferenciada que hoje a gente fala muito na questão da corrupção e aí nós somos corruptos por natureza então, quando uma pessoa dessa, as vezes de baixa renda, recebe lá alguma coisa relacionada em troca de um voto, isso é bem comum nesse público, infelizmente, cada vez mais comum, eu acho que daria pra ter sido feito também um trabalho também nessa natureza. Então são alguns pontos aí que eu acho que hoje eu trabalharia uns projetos relacionados a isso. Entretanto, apesar da pouca experiência com o público a gente tentou ajustar, vamos dizer assim, as linguagens, pra isso um exemplo está aí que foi o Gerenciando Ideias, que foi uma atividade de desenvolver competências empreendedoras e não está relacionado necessariamente a montar empresas mas as características do comportamento empreendedor que a gente pode citar por exemplo, de ter a iniciativa, de usar a criatividade, de ir buscar informações, de buscar persistência, então são habilidades que eles desenvolveram, tiveram oportunidades de desenvolver aqui, que eles vão usar em qualquer ramos da vida deles, na vida pessoal ou na vida profissional, além disso, particularmente, eu trabalhava a questão da administração financeira, então eu tirei toda aquela linguagem americanizada e a contabilidade da administração financeira tradicional que se trabalha nos outros cursos e eu trabalhei finanças pessoais pra dizer como é que você gerencia o seu dinheirinho do mês, eu envolvi nisso a questão da gestão de estoques que é uma questão empresarial que envolve grana, recursos e que ele consegue melhorar o seu

estoque lá na sua...pequeno restaurante, na sua lanchonete, mas também na sua dispensa em casa...então é, noções de investimento, onde é que o dinheiro pode ser melhor aplicado e perspectivas de futuro, o que é que você tá pensando para o seu futuro e por exemplo, você já pensou que daqui há vinte anos você não tem mais condições de trabalhar, você tá pensando em uma aposentadoria, em uma legislação previdenciária, você tá pensando por exemplo em fazer uma pequena contribuição que isso é uma decisão financeira de tirar um pouquinho do seu dinheiro hoje e pagar o INSS ou então se formalizar pra que você...daqui a algum período tenha a possibilidade de se aposentar e ter um retorno financeiro. Então você já pensou que você tá pagando um aluguel de quatrocentos reais ou de trezentos reais ou de duzentos reais, como seja, e você já viu...vislumbrou a perspectiva de ter a sua casa própria, fazer um financiamento na caixa e pagar cinquenta reais a mais por mês, mas por um imóvel que daqui a pouco vai ser seu...então assim, toda essa linguagem do conteúdo a gente tentava voltar pra vida dele, e gerava interesse, gerava interesse..."professor como é esse negócio de aposentadoria...professor e lá na caixa tem..", teve momento que eu tive que tirar uma aula pra explicar financiamento habitacional que não tava no programa, mas teve momento que eu fui dizer o que era um cartão de crédito, como é que você utiliza, como é que você utiliza de uma forma positiva porque tinha gente devendo no cartão de crédito e ao mesmo tempo tinha outro pessoal achando que era coisa de outro mundo que quem entrasse ali tava morto, e aí a gente desmistificar essas questões que eles vão usar no dia a dia, então, assim, são algumas práticas pontuais que a gente ia colocando no decorrer das nossas aulas mas de uma forma muitas vezes nem muito planejada, ou como um projeto, ou trazer outros conteúdos, outros professores pra dentro disso, eu acho que isoladamente a gente tentou fazer o que foi possível, porém, eu acredito que se a gente tiver um corpo docente um pouco mais humano em relação a isso, a gente consegue fazer projetos que integrem conhecimentos e conteúdos de disciplinas, trabalhando a interdisciplinaridade de forma que a gente integre esse conteúdo e dá um resultado melhor até nas atividades, atividade do semestre, final lá...último bimestre, vamos fazer um trabalho conjunto e eles colocam a mão na massa, fazem na prática, dá a nota em todas as disciplinas porque envolveu conhecimento jurídico, envolveu conhecimentos de administração, envolveu conhecimento de gestão de pessoas, envolveu questão de produção, envolveu lá na filosofia a ética, envolveu a

comunidade, sociologia, e assim, a gente tentar integrar esses conteúdos em atividades práticas que é o que eles são acostumados a fazer e não dizer dia tal é a prova e aí vocês estudem e aí quem errou uma vírgula e...então eu acho que a gente tem que trabalhar mais nessa outra perspectiva de prática, de aprender fazendo que também é boa para o médio, mas muito mais produtiva para o proeja, eu acho que é por aí.

E: O professor teria mais alguma coisa a considerar, a falar sobre o PROEJA.

P3: Não. Assim...dizer que é um desafio grande né(rs), que ele é um desafio grande, mas que o retorno também é grande então vale a pena, na visão geral eu acho que vale a pena. Agora, tamanho é o desafio...eu acho que todo mundo teria que está um pouco mais preparado, vamos dizer assim, até nós mesmo, eu mesmo que já atuei entendeu... e a gente tentar mais uma sensibilização em sim, porque ninguém conhece a história deles, então...mas tem educadores que estão aí a mais tempo, que...que eu acho que poderia dá essa contribuição pra aquele..."olha professores que vão atuar no proeja, vamos ter uma conversinha" e a gente procurou fazer isso no...na elaboração do projeto pedagógico, por um lado o fato daquela comissão multicampi não ter dado certo, foi bom porque nós estávamos numa sintonia muito boa em relação a dizer "o que é o PROEJA, qual é a realidade deles? Vamos ajustar as nossas ementas pra realidade deles", mas a gente não fez todas as ementas, então, naturalmente, os outros colegas que a gente pediu a colaboração, ninguém sabe, pode até tá muito bom, mas a gente também não sabe...mas essa nossa equipe que tava definindo, por exemplo, a matriz curricular, nós tínhamos essa percepção de dizer "o público é esse, vamos falar a linguagem deles, desde o projeto. Então, assim, tomara que tenha cada vez menos público, ou seja, que nosso jovem tenha educação na idade certa, mas que o público que ainda não tá aí e que ainda não tem essa educação, acho que a gente tem que realmente correr atrás e desenvolver mais turmas, mais projetos porque vale a pena e eu imagino que eles saem daqui com aquela sensação muito mais gostosa de chegar pro filho e dizer "olha eu tava lá, eu corri atrás, eu fiz meu ensino médio" e alguns aí fazendo Enem e passando e isso realmente deixa todo mundo mais feliz e com aquela sensação de dever realizado né, então acho que é isso.

E: Agradeço as contribuições.